Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 249 Sábado, 27 de Dezembro de 1986 Preço 40$00

Morreu Carlos Capítulo Pág. 12

NOVO "CASO RENASCENÇA"?

EPISCOPADO REÚNE (extraordinariamente) PARA DEBATER LEI

Um novo «caso Renascença» poderá nascer em torno da Lei da Rádio, recentemente aprovada, e que atingiu em cheio a emissora católica portuguesa. A reacção da Igreja cresceu de tom neste Natal e, para a próxima segunda feira, foi já convocada uma reunião extraordinária do Conselho Permanente do Episcopado português para debater a situação. A hierarquia da Igreja católica pôs já em causa o papel das oposições no Parlamento, tendo o Bispo de Braga dito mesmo que os deputados poderiam transformar-se nos «padrastos da Nação». As pressões da Igreja parecem começar a apontar para o Presidente da República, numa tentativa para levarem Mário Soares a vetar a lei.

Pág. 3

Setúbal Connection: processo emperrou

Um caso que nada prestigia a justiça portuguesa, eis como alguns classificam o processo do contrabando de Setúbal, mais conhecido por «Setubal Connection», que parece ter caído num impasse. Há mesmo quem duvide que o julgamento venha a realizar-se, perante a avalanche de recursos e contra-recursos que emperram o andamento do processo. «Tudo está inerte e pode haver forças que tentem entravar o julgamento, pois há pareceres de juristas de grande prestígio e toda a gente tem receio de actuar», revela uma fonte arrolada ao processo.

Pág. 5

Um convite para o chá

Casas de chá: uma moda inglesa que se implantou em Lisboa no século XIX. Hoje em declínio, restam, no entanto, em Lisboa, alguns belos exemplares de outros tempos

Págs. 10 e 11

Uma nova profissão: conselheiro do consumo

1986: Ano Internacional do Consumidor

Beja Santos

Poder-se-á dizer que 1986, foi entre nós, o ano do movimento social dos consumidores. As organizações privadas e independentes irromperam na cena com inusitada determinação, repercutindo preocupações cooperativas, sindicais e de associações familiares. Por seu turno, as autarquias encetaram as primeiras manifestações pró-consumidor, nas localidades. Assim, a Região do Turismo do Algarve convencionou apoiar nos seus postos de turismo espalhados por 18 povoações a constituição de um espaço de atendimento e informação para consumidores: seguidamente, Cascais, Torres Vedras, Setúbal e agora Vila Real exigiram os seus PMIC's (postos municipais de informação aos consumidores) com o apoio técnico do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor. Contam-se hoje por largas dezenas as rádios locais que emitem regularmente apontamentos, textos, reportagens e entrevistas nuclearmente dirigidos aos interesses dos consumidores. Enfim, os protagonistas das lutas e da participação a favor de um consumo mais criterioso e menos iníquo dão voz à sua organização. A protecção do consumidor é muito mais que uma bela consigna da Constituição, agora.

Apraz extrair algumas reflexões em torno do verdor e da espontaneidade deste associativismo que chega a Portugal com algumas décadas de atraso.

Diversidade é riqueza

Primeiro, impunha-se a assunção definitiva e clara dos diferentes enfoques dos grupos representativos de consumidores que se agrupam em quatro grandes famílias: as associações de defesa do consumidor, que emergem no tablado social preocupadas com as características dos produtos, as técnicas agressivas de venda, a informação e a auscultação dos seus associados — é o caso da DECO; as organizações de mulheres, as ligas femininas, as associações de donas de casa, a associações familiares e de economia familiar, que questionam o consumo através da optimização do rendimento familiar, a informação sobre a qualidade dos produtos, equacionando a família como uma unidade de consumo — é o caso da organização «Qualitas», de algum modo vinculado à CNAF; as cooperativas de consumo, indiscutivelmente as primeiras organizações de defesa do consumidor, que decidiram não confinar a sua prestação de serviço a vender a preço mais económico e que se lançaram numa vida associativa seguramente muito rica por via dos contactos e das influências conseguidos em múltiplos pontos de venda do País — é o caso da Associação Nacional de Consumidores, em preparação, ao que julgo impulsionada pela mais influente organização de consumidores, a cooperaiva «Novos Pioneiros», implantada no Minho: por último, os sindicatos, dispostos a lançarem-se nas políticas do quotidiano mediante uma concepção renovada da política sindical global — é o caso do departamento «Consumidor» da UGT.

Segundo, se é certo que pode forjar-se uma política de protecção do consumidor a nível oficial e moldar-se uma prática institucional com base em regulamentações, policiamentos e inspecções, acções pedagógicas e atitudes empresariais pautadas pela concorrência leal e transparência do mercado, não é menos verdade que o consumerismo só é movimento social quando os diferentes grupos, aliás todos eles sustentados pela legitimidade da representação, adquirem força e credibilidade crescentes junto dos seus apoiantes.

Terceiro, não se vislumbra, que qualquer uma destas quatro famílias da representação dos consumidores tenha no médio prazo um plano de supremacia sobre as restantes. Vejamos os factores que impõem uma diversidade sem complexos.

Por razões que se prendem com o modelo de desenvolvimento, não dispomos de uma classe média entusiasmada com testes ou denúncia de produtos perigosos, razão do discreto e continuado apagamento da DECO; os sindicatos precisaram de ser abanados na inversão da lógica da duração do trabalho e do precário de uma luta pelo poder aquisitivo de uns tantos contratados sem contrapartida na resolução do desemprego para se decidirem a oferecer um novo serviço aos trabalhadores, isto é, defender os mais explorados de uma exploração que os acomete à porta da fábrica ou do escritório; as cooperativas de consumo viram-se confrontadas com uma evolução brutal da distribuição, e ou foram assimiladas por grandes cadeias privadas da distribuição ou passaram a agir pautadas pela lógica do lucro — e quando viram que a opinião pública já as diferenciava a custo dos supermercados enveredaram pelos direitos dos consumidores; as organizações de mulheres e representativas das famílias deparam-se com o omnipresente consumo a comandar importantes opções e a impor-se como valor supremo da mercadoria enfeitiçada sem rivalidade possível com a religião, com a modéstia do princípio do aforro ou da contenção de despesas para nada faltar na educação de filhos ou na doença dos pais.

Em conclusão:

Não dispomos de um consumo de classe; nenhum grupo está em condições de representar a generalidade dos consumidores; os consumidores mais carenciados e os desempregados não se sentem integralmente identificados com a acção cooperativa, sindical ou familiar. Não se vislumbra um objectivo específico dominante em qualquer das quatro famílias, razão pela qual nenhuma delas disporá de força para conduzir e orientar conflitos sociais ou sugerir uma elaboração ideológica consumerista.

Por tudo isto, as grandes famílias da protecção do consumidor apostarão na influência que dispõem: apoios institucionais internacionais; amparo das forças partidárias; rigor das suas investigações; mais acesso aos subsídios do Estado; maior receptividade junto dos órgãos de comunicação social; e a maior capacidade de penetração no tecido social. Mas todos são igualmente carentes de uma tropa fervorosa dos ideais do militarismo a favor das grandes causas. É aqui que entram em cena os conselheiros de consumo.

Profissão: Defensor dos consumidores

Por muito que pasme o leitor, a profissão de conselheiro de consumo está amplamente divulgada por toda a Europa, como se passa a sumariar.

Na Bélgica, o Estado subvenciona um centro de investigação e de informação das organizações de consumidores, o CRIOC, particularmente vocacionado para a educação dos consumidores. Ao longo de 1985 e de 1986, o CRIOC esteve na base de importantes acções de formação de pessoal especializado para agir nos centros de convívio, ensino, atendimento de autarquias e organizações de benevolato.

Na Dinamarca, os conselheiros do consumo são especialmente utilizados na economia familiar que tem grande audiência no país desde que no país foi criado o Conselho Nacional de Economia Doméstica que alguns consideram a primeira organização europeia de protecção do consumidor.

Também há cursos de conselheiros do consumo inscritos no programa dos futuros professores de ensino doméstico, não somente para dar aos estudantes noções de direito e um conhecimento dos produtos mas também para lhes fazer compreender os aspectos psicológicos e sociológicos do comportamento do consumidor. Dentre os conhecimentos ministrados avultam: reparação de danos, legislação a favor do consumidor, normas de segurança, métodos publicitários, estudo das necessidades e motivações das famílias, etc.

A RFA dispõe de uma vasta rede de centros de aconselhamento em matéria de consumo (um por cada Estado federal). Entretanto, surgiu no início da presente década o Instituto do Consumidor, em Berlim, que tem como objectivo primordial organizar uma formação sistemática para conselheiros de centros de consumidores. Na generalidade dos casos, os participantes nos cursos de formação contínua são conselheiros profissionais dos centros de consumidores, mas há também conselheiros voluntários, pedagogos, assistentes sociais, jornalistas e gente que pretende no futuro trabalhar com os consumidores vulneráveis (deficientes, desempregados, emigrantes, etc.).

Nos Países Baixos, a Fundação Holandesa para o Ordenamento do Habitate Rural emprega nos seus centros regionais quatro conselheiros para o consumo. Também as disciplinas do consumo nas cinco escolas holandesas de economia doméstica têm conhecido um franco desenvolvimento. Estas escolas dispõem hoje de cursos especiais para estudantes que desejem preparar-se para a profissão de conselheiro.

A Grã-Bretanha dispõe de cerca de sessenta centros de aconselhamento aos consumidores (Consumer Advice Centres), financiados pelas colectividades locais ou regionais. Cada centro dispõe de conselheiros profissionais a tempo inteiro. Também uma rede de centros de aconselhamento aos cidadãos (Citizens Advice Bureaux) garante, habitualmente, e em caso de reclamações, um serviço de consultadoria para consumidores.

Um militantismo social

Os programas para conselheiros são muitos exigentes, pois incluem: noções de direito das obrigações, recursos em casos de ruptura de contrato, direito civil; noções gerais sobre práticas de comércio; cláusulas contratuais abusivas; vendas a crédito; publicidade enganosa e demais legislação dirigida especificamente à protecção do consumidor; códigos deontológicos; conhecimentos sobre electrodomésticos, alimentação, gestão do rendimento familiar, modos de pagamento de bens e serviços, etc.

Numa Recomendação produzida em 1982, o Conselho da Europa observou que «á utilidade e o sucesso dos serviços de aconselhamento ao consumo são uma consequência directa dos conhecimentos e qualificações práticas dos conselheiros». Por conseguinte, urge potenciar a profissionalização do conselheiro do consumo encarando todos os novos espaços que se escancaram nas autarquias, nas cooperativas de consumo, nos sindicatos, nas associações de defesa do consumidor e nas organizações familiares ou de economia familiar. E diremos resumidamente, tendo em atenção o estudo efectuado sobre a matéria pelo Conselho da Europa, que:

Conselhos ao consumo — é toda a comunicação de ensinamentos e de conselhos concretos e imparciais sobre todas as questões do consumo;

Porquê aconselhar? — porque os bens e serviços que hoje se compram são tecnicamente complexos e porque o consumidor sente, no mínimo, embaraço na escolha. Os métodos de venda são extremamente sofisticados; ao oferecer-se aconselhamento gratuito e facilmente acessível a todos os consumidores, pretende-se reequilibrar as relações entre produtores e consumidores;

Aconselhamento antes da compra — repousa sobre o princípio que vale mais prevenir que remediar;

Aconselhamento depois da compra — concerne à aplicação de garantias contratuais relativas aos produtos comprados e ao respectivo serviço após-venda.

Temos que reconhecer que outras profissões estão bem posicionadas para a reciclagem ou para o reconhecimento — é o caso dos trabalhadores sociais, os visitadores da segurança social, o pessoal da saúde pública. Seja como for, é melhor não ter ilusões acerca da indispensável preparação sólida que se requer para um conselheiro de consumo.

Profissão aliciante, mas que pressupõe uma árdua preparação, insiste-se, pois não deixa de fora as economias de energia, as técnicas de comercialização, os complexos e variados contactos com distribuidores e consumidores, com todas as aptidões na procura de informação, no ensinar a protecção do consumidor nos bancos das escolas, no saber defender os consumidores vulneráveis.

Em próximo apontamento adiantaremos algumas conjecturas acerca de tão entusiasmante formação profissional. Se a política dos interesses do consumidor é uma realidade não se percebe por que razão não devemos esperar informação e formação de alta qualidade e rigor — ou tratar-se-á de um luxo saber escolher nas operações conturbadas do nosso quotidiano?

Lei da Rádio na base de pressões sobre Belém

Conselho Permanente do Episcopado reúne extraordinariamente 2ª feira

O Conselho Permanente do Episcopado Português vai reunir-se extraordinariamente na próxima segunda-feira para analisar a nova lei de atribuição de frequências radiofónicas — anunciou ontem a Rádio Renascença.

A lei, aprovada na semana passada na Assembleia da República, prevê a retirada de frequências atribuídas, provisoriamente, à Rádio Renascença e RDP pelo anterior governo, liderado por Mário Soares, hoje na Presidência da República.

Pagando exactamente nesse «pequeno» pormenor, as pressões sobre Belém vêm-se avolumando. Na sua edição de hoje, o «Semanário» dá mesmo a manchete ao assunto, adiantando que Mário Soares «deverá vetar a lei, insistindo na sua mensagem de justificação na circunstância dos compromissos assumidos pelo Estado português deverem ser respeitados».

Este jornal vai mais longe e adianta que a lei agora aprovada na Assembleia da República com os votos conjuntos do PS, PRD, PCP e MDP «coloca o Presidente da República numa situação muito complexa, pois pretende evitar qualquer risco de uma 'guerra' religiosa».

Para dar mais credibilidade a esta nova «guerra» religiosa — mais uma vez com a Rádio Renascença no centro da querela — fala-se também, e disso se faz eco o «Semanário», de Marcelo Rebelo de Sousa, que «certos sectores considerados **anticlericais** movimentam-se para evitar o veto».

Algo se move, portanto, a acreditar nestas notícias. E como o «DL» ontem largamente noticiou, o próprio Cardeal e pelo menos um bispo já vieram a terreiro em defesa da Renascença, vendo nesta decisão da Assembleia a mão terrível de jacobinos, maçónicos, ateus e totalitários. D. António Ribeiro pediu mesmo: «Que os cristãos estejam vigilantes.»

Os dados estão, pois, lançados. De novo fiéis contra infiéis. A guerra continua.

Novo herdeiro do trono português chega a Lisboa

Um príncipe descendente da nobreza da Alta Saxónia que reside na Itália e se considera herdeiro do trono de Portugal chega hoje à tarde a Lisboa — informaram os respectivos serviços de imprensa.

«Sua alteza real o príncipe Dom Rosário Poidimani é desde Janeiro de 1986 herdeiro da alta dignidade do Trono de Portugal, porque nele abdicou D. Maria Pia, conforme escritura assinada na cidade italiana de Vicenza» — disse à Anop o comendador J.M. Sousa, daqueles serviços de imprensa, que estão a funcionar num hotel da capital.

«D. Maria Pia (filha de D. Carlos) era a única herdeira directa do Trono de Portugal e no início do ano decidiu abadicar a favor daquele príncipe da casa de Coburgo» — acentuou o mesmo elemento.

Durante a estada em Portugal de Dom Rosário Poidimani, vai ser oficialmente constituída a «Real Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa» — afirma-se num comunicado distribuído ontem à noite, em nome dos serviços de imprensa da «Casa Real de Bragança».

Os partidários de D. Maria Pia, filha ilegítima do rei D. Carlos, nascida à margem do casamento com D. Amélia, não aceitam que o título de Duque de Bragança e herdeiro do Trono de Portugal seja usado por D. Duarte, descendente de outro ramo da família real portuguesa.

Soares em visita privada passa o fim de ano na Madeira

Acompanhado da mulher, o Presidente da República partiu esta manhã para a Madeira, onde permanecerá até à próxima sexta-feira, dia 2 de Janeiro, onde a convite do Governo Regional se desloca em visita privada. Instalados no Hotel Savoi, Mário Soares e Maria Barroso passarão assim o fim de ano naquela Região Autónoma.

Em consequência desta visita, a habitual mensagem de Ano Novo do Presidente da República será gravada nos estúdios da RTP-Madeira, devendo ser transmitida no final do telejornal do dia 1, mas a este propósito os serviços da Presidência da República não revelaram a hora nem o dia da gravação da mensagem de Soares.

Entretanto, em relação a uma projectada permanência do Presidente em Bragança, idêntica à que decorreu em Guimarães no passado mês de Setembro, fontes de Belem não confirmam nem desmentem algumas datas já adiantadas por alguns orgãos de Informação.

Luís Mendes Vítor em Belém

Em audiência cujos motivos não foram divulgados, o Presidente da República recebeu ontem em audiência no Palácio de Belém o director do Instituto de Meteorologia e Geofísica, Luís Mendes Vítor, que recentemente foi eleito, por unanimidade e aclamação, presidente da Associação Regional para toda a Europa da Organização Meteorológica Mundial.

O director do I M G tem também desempenhado o cargo de presidente do Conselho do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo.

Tengarrinha garante a normalidade de relações com PCP nas autarquias

José Manuel Tengarrinha disse esta madrugada em Évora que as relações estabelecidas entre os autarcas do MDP/CDE e do PCP prosseguem normalmente.

O presidente do MDP/CDE falava no final de uma reunião que teve com as estruturas locais do seu partido, no decorrer da qual foram debatidas as conclusões do último encontro nacional e o projecto a apresentar pelo MDP sobre regionalização.

Na opinião daquele responsável, as relações entre o seu partido e o PCP, a nível da APU, «processam-se normalmente, tal como até aqui».

Depois de recordar que as conversações entre as direcções das duas forças políticas continuam, José Manuel Tengarrinha afirmou que «só mais tarde se poderá saber qual o resultado das mesmas».

Na reunião de Évora foi igualmente apreciado o projecto de trabalho que visa preparar o partido para este se apresentar autonomamente nos próximos actos eleitorais, nomeadamente para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu.

Nesse contexto, José Manuel Tengarrinha, que considerou a reunião de Évora, «muito interessante e bastante aprofundada», afirmou ser necessário apetrechar a máquina nesse sentido.

O presidente do MDP/CDE anunciou, ainda, que o projecto de regionalização a levar ao Parlamento pelo seu partido, será apresentado no dia 6 de Janeiro, em Lisboa, durante uma conferência de Imprensa.

Entretanto, durante os trabalhos, a comissão concelhia de Évora do MDP/CDE manifestou a sua total confiança ao seu presidente, José Manuel Tengarrinha — disse uma fonte partidária.

Eurico de Melo assegura que o PRD mudou Eanes

Eurico de Melo considerou ontem, em Braga, ser «uma ilusão pensar que o general Ramalho Eanes vai mudar o PRD».

«Foi o PRD que mudou o general Ramalho Eanes» - disse o ministro de Estado. «Quem tiver ilusões a este respeito que as perca», acrescentou.

Eurico de Melo falava na sede da comissão concelhia de Braga do PSD, durante uma reunio de militantes e simpatizantes deste partido, repetindo então críticas já várias vezes formuladas pelo Executivo aos partidos da Oposição, entre elas a de que estes impedem o Governo de realizar transformações estruturais.

Classificou também a Oposição de «incoerente» por criticar o Governo por não conseguir fazer as referidas transformações.

Reafirmou que o PSD está decidido a continuar no Governo «até ao ponto em que a Oposição o mande para casa» e que, se isto acontecer, «não voltará ao poder sem novas eleições».

Evadido capturado por populares

Um indivíduo de 19 anos que se evadiu há três dias da prisão escola de Leiria foi capturado ontem na Tocha (Cantanhede) por populares — soube-se junto da GNR.

A captura ocorreu na sequência do alerta lançado por uma mulher, que descobriu o indivíduo na sua residência.

Perseguido por populares, o evadido acabou por ser dominado depois de ter deitado fora uma caderneta de depósitos bancários que acabava de roubar.

A GNR de Tocha apurou que o referido indivíduo assaltou também por duas vezes o bufete de um salão de festas daquela vila, embore ignore se dali subtraiu alguma coisa.

O detido, que foi presente ao Tribunal de Instrução Criminal da Figueira da Foz, já se tinha introduzido noutra residência do concelho de Cantanhede onde exigiu dinheiro à proprietária, mas pôs-se em fuga quando ela pediu socorro.

Gelo nas estradas da serra da Estrela

As estradas do maciço central da serra da Estrela encontram-se com gelo, constituindo um perigo para os automobilistas — disse uma fonte do centro de limpeza de neve da serra.

As estradas mais «perigosas», que permanecem, contudo, abertas ao trânsito, situam-se nos concelhos de Manteigas, Covilhã e Seia — adiantou a mesma fonte.

Sai dos "talhos" a 5$40 o kilo

Sal de Rio Maior é melhor que o do mar

Júlio Rodrigues

Fotos de Rui Pacheco

Chamam «talhos» aos rectângulos de sal que a pouco mais de três quilómetros da nova cidade de Rio Maior dão vida a Fonte da Bica, uma ds aldeias do sopé da serra dos Candeeiros. Não tem nada que saber para lá chegar por estrada: em Rio Maior toma-se a estrada que liga esta cidade às Alcobertas e ao Alto da Serra. De Lisboa à Fonte da Bica vão algumas pessoas que ali têm o seu talho.

Por exemplo: Maria Arcelinda Costa. Ela, o marido (herdeiro dessa parcela das salinas de Rio Maior), António Miguel Costa, e o filho. No típico casario de madeira em que armazenam o sal-gema depois de seco, têm a sua parte. Por apego à tade dos seus antepassados, eram há pouco tempo um dos poucos proprietários que ainda não tinham aderido à cooperativa de salineiros.

Entre Rio Maior e Fonte da Bica encontrámos Casimiro Fróis na sua carrinha ligeira. Ele é o dinamizador da Cooperativa dos Salineiros de Rio Maior, mais conhecida assim que pela designação completa: Cooperativa Agrícola de Produtores de Sal deRio Maior. A Cooperativa é jovem, porque as marinhas do sal-gema, riquíssimo em cloro, essas existem pelo menos há oito séculos. Esta indicação foi-nos prestada por Casimiro Fróis, mas delas nos falam Georgette Goucha, Calado da Maia e Fernando Duarte num opúsculo intitulado «Marinha de Sal de Rio Maior» que a Cmaram Municipal poderá vir a editar de novo.

Oitenta famílias são hoje donas dos cerca de meio milhar de «talhos» das Marinhas de Sal de Rio Maior, as quais ocupam 20 mil metros quadrados de área. Por marinhas de sal devem entender-se os «talhos», os esgoteiros, as eiras (para a secagem) e as casas de madeira que o armazenam. A casa com o número 6 (na qual se entra com uma chave de madeira!), isto é, o armazém do casal Maria Arcelinda-Miguel Costa, guardava há não muito tempo, ainda bastante sal. Há uma explicação para isso: como não sócios da cooperativa, têm alguma dificuldade em escoar o produto. Mas também não se ralam com isso: «Não detemos isto por dinheiro, mas porque se trata de uma tradição familiar», disse Maria Arcelinda ao «DL».

Boa ajuda ao agricultor

Sem água não há sal. Ela não corre no Inverno, logo não há sal. Aliás, a sua extracção é sazonal e ocupa, sobretudo, os agricultores da região: Fonte da Bica, Pé da Serra e Casal Calado. Entre Junho e Outubro, mais de meia centena de cooperantes e cerca de trinta outros proprietários cuidam dos seus «talhos». As oitentas famílias directamente interessadas na sua produção receberam, na última apanha, um montante na ordem dos 10 mil contos.

Casimiro Fróis, presidente da Cooperativa: «O número de associados não pára de aumentar»

EM)São contas de Casimiro Fróis Ferreira e de outros cooperantes que ouvimos na visita feita ao local. «Uma boa ajuda para quem trabalha a terra e nem sempre tira desta o produto do seu esforço», acresntou-nos o presidente da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Sal de Rio Maior. Dez mil contos que se encontram multiplicando as toneladas de sal-gema extraídas por 5$40 o quilograma.

Água mais salgada que a do mar brota de um poço de cerca de nove metros, traduzindo-se cada litro numa mineralização de 220 gramas, das quais 213,3 de cloreto de sódio. Isto é: o correspondente a 96 por cento da mineralização total. Dito de outra forma e tendo como termo comparativo as águas do mar: a do poço de Rio Maior é sete vezes mais mineralizada, apresentando mais dezanove por cento de cloreto de sódio que a do oceano.

Um negócio com 850 anos

Causa espanto a muita gente o facto de haver sal em Rio Maior. É uma história de oito séculos que está contada em livro para os forasteiros, porque todos os habitantes da área a conhecem. O poço acima referido abastece-se numa corrente subterrânea que atravessa uma mina de sal-gema, muito fértil em cloreto de sódio — como atrás se demonstra —, a trinta quilómetros do mar. É sal limpo, de superior qualidade, como o que uma nova sociedade entretanto constituída quer extrair de um outro poço, alimentado por um veio ainda mais acentuado de cloreto de sódio, a cerca de cem metros do primeiro — e velho de cerca de 850 anos.

«Perde-se no tempo o início da exploração de sal nesta terra, mas nunca a sua extracção esteve organizada como agora», diz-nos Casimiro Fróis num troca de conversa de dois dedos, fazendo a apologia da cooperativa a que preside. «Aliás, são cada vez mais os proprietários que se querem inscrever. A Cooperativa de Agricultores da Marinha de Rio Maior tem dez anos e todos os anos regista mais adesões.»

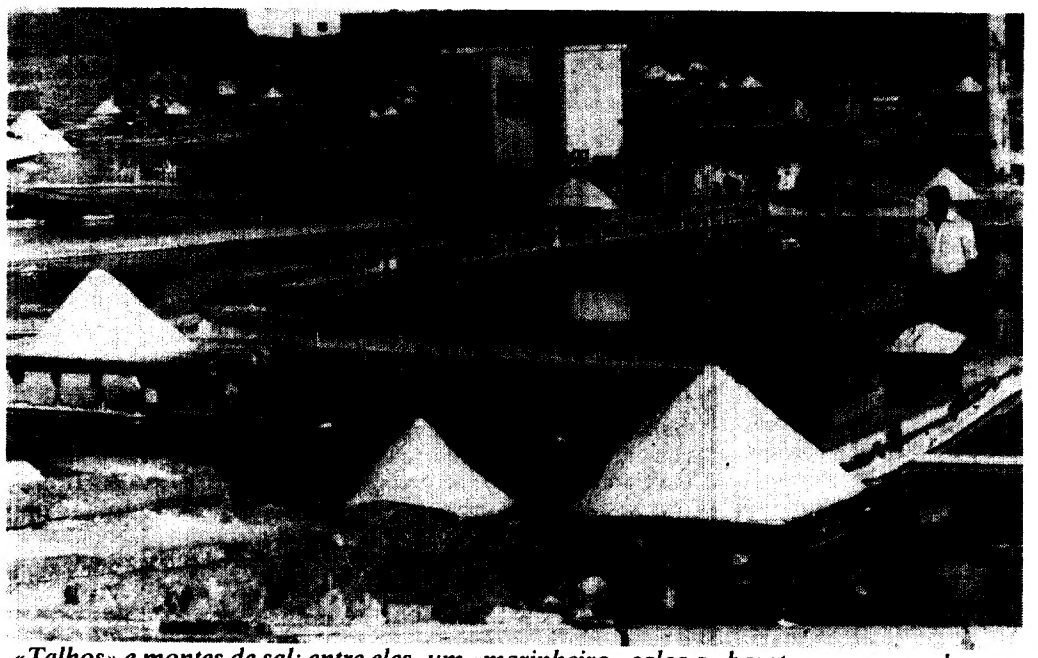
Miguel Costa e Maria Arcelinda Costa: «vimos de Lisboa aqui porque herdámos um 'talho' e gostamos deste sítio»

Resumindo e concatenando: uma mina de sal-gema, muito extensa e profunda — segundo os técnicos —, atravessada por uma corrente subterrânea que alienta um poço, faz com que a água dele extraída seja salgada, muito mais do que a do mar. Casimiro Fróis precisa: «Enquanto a do mar sai com 4 graus, aqui sai com 20.»

Da sua exposição ao sol e ao vento, nos «talhos», e consequente evaporação, obtem-se o sal, depositado nesses tanquezinhos. Depois de limpo é colocado em pontes, em forma de pirâmides, até ser recolhido nas casas de madeira em que cada um dos cooperantes/proprietários da marinha o armazena.

Já agora, o que é um «talho»? É nem mais ou menos que um compartimento de cimento ou de pedra, de tamanho variado, pouco fundo, para onde, por regueiras, é conduzida a água salgada que se tira do poço atrás referido. Os carreiros estreitos que possibilitam a passagem entre eles, ou de um para o outro, chamam-se «baratas».

O processo, pelo que se lê, é rudimentar, semelhante ao usado nas salinas da beira-mar. A grande diferença — para além do espanto, porque esse sal é recolhido a trinta quilómetros do mar —, reside, quanto a nós (e a outros) no pitoresco do vale que as rodeia e envolve e que, do ponto de vista turístico, bem poderia ser aproveitado, sem causar fracturas ao próprio meio. O poço, o estilo próprio dos marinheiros — aqueles que tratam da marinha, os trabalhadores do sal —, as casotas de mdeira entretanto reconstruídas com o apoio da Cmara Municipal (o construtor que tomou conta dessa empreitada ausentou-se para parte incerta logo que apanhou antecipadamente o dinheiro na mão) e ao ar campestre do vale conferem às marinhas um quadro bucólico ímpar no Ribatejo. Quadro em que o arvoredo, as vinhas e as terras de cultivo, a três quilómetros de Rio Maior e no sopé da serra dos Candeeiros, convidam ao descanso espiritual, à paz entre os homens de boa vontade.



«Talhos» e montes de sal: entre eles, um «marinheiro» calca a «barata» por causa da canada ...

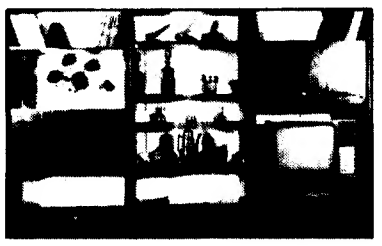
GRANDES DESCONTOS

NA

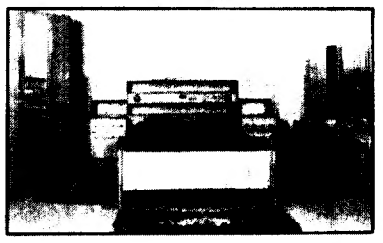
VISITE A MONUMENTAL EXPOSIÇÃO NA FÁBRICA

DARTY MÓVEIS LDA. CONFIANÇA

SEM ENTRADA SEM JUROS DOS 12 AOS 60 MESES



ESTANTE C/CRISTALEIRA ..... 27 500$00



QUARTO DE CASAL ..... 29 950$00

VENDAS NORMAIS E EM GRUPO

Móveis de Luxo

ASSOCIADOS DOS MÓVEIS PICA-PAU e MOVIGRUPO

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais 982 60 54/58 (à Ponte da Bica)
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 - ☎ 530076
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 - ☎ 780599
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B - ☎ 4945691
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B - ☎ 952306
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 - ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B - ☎ 2754952
PAIVAS — Est. Nacional 10, Lote 30 - ☎ 2210067
V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B - ☎ 24011
Mem Martins — Rua Chabi Pinheiro, 8 - Tel. 9217294
SETUBAL — Av. D. Manuel I 80 (Frente ao centro Com. Dufa)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A - ☎ 2077237
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A - ☎ 2582403
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A - ☎ 521384
C. BRANCO — Av. Nuno Álvares, Bloco B, Letra G - ☎ 24741
PORTO — Av. da Boavista, 1092 - ☎ 697447
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 - ☎ 26185
FARO — R. Eça de Queirós, 2 - ☎ 27580
LOULÉ — R. Ataíde de Oliveira, 18

AGORA SETUBAL E MONTIJO

2 NOTA: As lojas de Lisboa, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

KIDS BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA

CONFECÇÃO POR MEDIDA

Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

KIDS BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA

CONFECÇÃO POR MEDIDA

Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

A "Setúbal Connection" em causa

Réus duvidam que julgamento se chegue a realizar

- *Infracções de contrabando têm novas penas*

Reús presumivelmente implicados no caso de contrabando de Setúbal, conhecido nos meios jornaslísticos e judiciais como o «Setúbal Conncetion», duvidam que o julgamento se chegue a realizar, segundo declarou à ANOP um elemento ligado ao processo. Entretanto, foi hoje publicado no «Diário da República» um decreto—lei que define as infracções de contrabando e descaminho, estabelecendo as correspondentes sanções e definindo regras sobre o seu julgamento.

«Os reús presos já foram libertados, continuam a haver recursos e contra—recursos e não há forma de se poder apontar uma data para o julgamento», declarou à ANOP uma fonte próxima do processo de contrabando de Setúbal.

O mesmo informador adiantou que «foram libertados os reús de natureza militar e o processo está num impasse». «Muitos impedimentos têm surgido e já há magistrados que põem em dúvida que o julgamento se efectue», declarou a mesma fonte.

Para aquele informador citado pela ANOP, «este caso em nada prestigia a justiça portuguesa». «Tudo está inerte e pode haver forças que tentem entravar o julgamento», sublinhou, declarando que «há pareceres de juristas de grande prestígio e que toda a gente tem receio em actuar».

«O Juíz do processo vê-se confrontado com situações anormais e ainda não conseguiu marcar o julgamento», prosseguiu o mesmo informador, acrescentando que «neste caso há muita coisa sem explicação».

Recorda—se que na chamada «Setúbal Connection», cujo primeiro réu, José Ribeiro, tem sido apontado como chefe da rede, estão envolvidos mais de trinta acusados de contrabando.

Entre os presumíveis implicados estão um magistrado, um delegado do Ministério Público, um oficial da marinha mercante, dois capitães, um comissário e um suchefe da Policia de Segurança Pública, agentes da Policia Judiciária, cabos e soldados da Guarda Fiscal, soldados da Guarda Nacional Republicana e funcionários bancários.

Os reús militares presos há dois anos foram recentemente libertados, enquanto os recursos têm transitado nos últimos três anos do Tribunal de Setúbal para a Relação de Évora, e desta para o Supremo Tribunal de Justiça, entidade que, em 1985, em acordão final, decidiu que a «Setúbal Connection» fosse considerada associação criminosa.

Definidas infracções de contrabando

O «Diário da República» de hoje publica o decreto—lei 424/86, no qual são definidas as infracções de contrabando e descaminho, estabelecidas as correspondentes sanções e definidas as regras do seu julgamento.

No capitulo II dedicado aos crimes aduaneiros, o artº 9 define que quem fizer entrar ou saír do País mercadorias sem passarem pela alfândega será punido com prisão de 3 meses a 2 anos e multa de 50 a 200 dias.

Na mesma pena, incorre quem puser ou tiver em circulação mercadorias que, não sendo de circulação livre, se efectue sem o processamento das competentes guias ou outros documentos requeridos, ou sem a aplicação de selos, marcas ou outros sinais legalmente prescritos.

Do mesmo modo, quem tiver a bordo de embarcações ou aeronaves mercadorias escondidas, ou que constituam toda a carga ou a parte de maior valor da carga ou de valor superior a três mil contos e não estejam manifestadas, incorre nas mesmas penas.

Também nos casos de subtração ou substituição de mercadorias durante o seu transporte, ou na adopção de itinerários que não os fixados, serão aplicadas as penalidades descritas, que serão agravadas para contrabando qualificado, com pena de de prisão de 6 meses a 3 anos, e multa não inferior a 150 dias, se o crime for cometido de noite ou em lugar ermo com o uso de armas ou emprego da violência, ou cometido com corrupção de qualquer empregado do Estado.

Governo sabia das armas para o Irão

O Estado português conhecia o tráfico de armas norte-americano para o Irão, via Lisboa, noticia o «Expresso» na sua edição de hoje.

O Aeroporto de Lisboa foi utilizado para o tráfego clandestino de armamento desde «pelo menos, finais de 1984 ou príncipios de 1985», afirma o jornal, citando «as mais altas fontes do Estado português».

Até agora, os primeiros carregamentos conhecidos de armas norte-americanas para Teerão, na operação organizada clandestinamente por responsáveis da Casa Branca, datam de Agosto de 1985, segundo a Imprensa internacional.

O jornal afirma que, em príncipios de 1985, foi detectado no Aeroporto de Lisboa um avião transportando clandestinamente armas, que esteve «rodeado de excepcionais medidas de segurança».

Tais medidas - afirma o jornal - «indicam que as autoridades portuguesas tinham conhecimento da natureza da sua carga».

Segundo uma fonte não identificada citada pelo «Expresso», o então primeiro-ministro Mário Soares foi informado desse facto, «pelo menos à posteriori».

Condições precárias "matam" o futuro

Velhas termas de Longroiva estão na hora de ir à praça

Em fins de Dezembro vai à praça a concessão daquilo a que se chama pomposamente de Termas de Longroiva, paradoxalmente instaladas numa bela construção de granito, material nobre da região, edificada nos finais do século passado.

E, apesar do seu estado primário, as Caldas de Longroiva já tiveram alguma projecção (mesmo sem considerar o mais que provável aproveitamento que os romanos lhe terão dado), embora a localidade, uma freguesia que já foi concelho, nunca dispusesse, sequer, de uma albergaria ou simples pensão.

Na verdade, no seu estado actual de empirismo, sem um médico e, mesmo, sem enfermeira, os cerca de 40 aquistas que por ali passam anualmente (passaram na última época balnear) não podem deixar de correr riscos. E, a despeito de, não há ainda muitos meses, um doente ali aboletado se ter sentido mal, o facto não chegou ao conhecimento do presidente da Câmara de Meda, a que a freguesia pertence.

Que as termas são velhas de muitos séculos, milénios talvez, ninguém tem dúvidas, tantos são os vestígios da sua ancestralidade.

Velhas, afinal, como o é a povoação onde se situam. Que Longroiva é, muito provavelmente, um dos povoados mais intensa e remotamente habitados das terras da Beira Alta, tendo gozado de legítima fama.

Embora esteja ainda por situar definitivamente o espaço geográfico ocupado na Lusitânia, pelos langobritas (um dos primitivos povos do ocidente da Ibéria), pensa-se que tenham sido eles a dar origem a Longroiva.

Diz, porém, a tradição que aquelas termas (por inspiração romana?) sempre foram de utilização comunitária e os habitantes da freguesia ainda hoje não abrem mão seu direito ao banho tépido (a água na nascente brota a 26 graus centígrados) ou frio.

Dois tanques, um para homens e outro para mulheres, parece terem constituído a estrutura primitiva das termas, que, aliás, persistiu mesmo para além de obras de reconstrução do balneário, ainda do tipo romano, levada a cabo em 1810 à custa das esmolas dadas à Senhora do Torrão, como refere Adriano Vasco Rodrigues, em recente monografia das «Terras de Meda».

Ainda segundo o mesmo autor, «de 1878 a 1881, a Câmara Municipal da Meda (concelho então constituído à custa do desmembramento dos da Longroiva, Marialva, Casteição, Ranhados e Aveloso) construiu em Longroiva um edifício termal, segundo um projecto moderno».

Trata-se do edifício granítico ali existente, onde, como então, «o balneário ficava no rés-do-chão» (ainda fica) e «a água era aquecida em caldeirões, servindo assim para tratar o reumatismo».

Passado algum tempo os caldeirões foram substituídos por uma caldeira e os tanques deram lugar aos quartos individuais ou de casal, com banheiras — conforme descrição de Adriano Rodrigues, que acrescenta: «No primeiro andar situavm-se os quartos para os banhistas, alguns com cozinhas anexas.

«Havia um salão nobre para recepções, encimado com as armas reais de D. Luís, esculpidas em madeira.

«Outro amplo salão, com palco, destinava-se a espectáculos. No segundo andar também havia quartos individuais e de casa».

Hoje, o edifício resume-se a quatro paredes exteriores, de bela frontaria com janelas de granito. Lá dentro, umas quantas cabinas desconfortáveis, com banheiras de esmalte (algumas, embora poucas, de mármore), numa das alas e, na outra, alguns quartos de quatro a seis camas, também eles sem qualquer conforto. O primeiro andar é constituído por dois grandes compartimentos, de telha vã e sem tecto primitivo, que teria sido o chão do último piso — talvez uma mansarda — hoje inexistente.

Já depois do advento de Abril de 74 foram ali feitas algumas obras e, finalmente, encomendado um projecto de aproveitamento das águas de Longroiva, com construções previstas para a encosta frontreira ao actual edifício das termas. Só que é difícil arranjar os poucos mais de 400 mil contos necessários para realizar o projecto.

Eleições na Ordem dos Médicos

Conselho Regional do Sul não contesta impugnação

O Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos e as entidades implicadas nas últimas eleições para a respectiva presidência deliberaram não contestar qualquer processo de impugnação que venha a surgir e considerar «altamente desejável» a repetição do acto eleitoral na Região Sul.

De acordo com um comunicado ontem divulgado pelo presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos, esta entidade, a mesa da Assembleia Regional do Sul e a candidatura do professor Machado Macedo, vencedor das eleições, deliberaram «não fazer qualquer comentário ao processo eleitoral em curso, aguardando que dúvidas existentes fosse decididas em sede própria, ou seja, no Conselho Nacional Eleitoral».

Os signatários do comunicado divulgado à Imprensa sublinham que «compreendem e ratificam as decisões tomadas pelas mesas eleitorais da secção do Sul, dos distritos médicos de Lisboa e Grande Lisboa, claras, públicas, exaradas em acta e inteiramente dentro das suas competências estatutárias, uma vez que tinham como finalidade última a mais ampla expressão da vontade do eleitorado, que os delegados do candidato Guimarães dos Santos procuram sistemáticamente coartar».

As mesmas entidades, face a afirmações públicas do candidato Guimarães dos Santos e doutros membros da Secção Regional do Norte, após a decisão do Conselho Eleitoral, «que só não classificam de falsas, caluniosas e ofensivas porque o seu teor permite pôr em dúvida a imputabilidade de quem as profere», decidiram não contestar qualquer processo de impugnação que venha a surgir e considerar como «altamente desejável» a repetição de eleições para presidente da Ordem em toda a região Sul.

A comissão de apoio à Candidatura de Guimarães dos Santos tinha aconselhado aquele candidato a impugnar o acto eleitoral devido «à existência de graves irregularidades no processo eleitoral da Zona Sul não só nos votos por correspondência mas também nos votos entregues em mão».

No extracto da acta do Conselho Eleitoral Nacional que a Secção Regional do Norte enviou à Imprensa, é referido que «os votos não deveriam ter sido contados em virtude de só terem sido selados às 18 e 30 do dia 12 de Dezembro, 42 horas após a sua chegada à Secção Regional Sul».

Recorda-se que os resultados finais das eleições realizadas para a presidência da Ordem dos Médicos deram a vitória a Machado Macedo, com 4 939 votos, seguido de Guimarães dos Santos, com 2 928, do ex-bastonário Gentil Martins, com 2.065 e de Helder Pereira, com apenas 401 votos.

Apesar da "Rota Segura" já morreram 23 nas estradas

Vinte e três mortos e 388 feridos é o balanço dos 579 acidentes de viação ocorridos nas estradas de Portugal entre as 12 horas do dia 23 e as 24 do dia 26.

A Guarda Nacional Republicana informou hoje de madrugada que, no decurso daquele período abrangido pela operação «Rota Segura», 122 dos feridos ficaram em estado grave.

No mesmo período, a Brigada de Trânsito da GNR detectou 372 manobras perigosas e 67 condutores a circular sob a influência do álcool.

Um dos acidentes que levou à intervenção da GNR foi o de uma mulher de 69 anos que morreu ontem à tarde na Estrada Nacional n.º 1 quando a carrinha em que seguia foi colhida por um veículo pesado de passageiros.

Trata-se de Arminda da Silva Diamantino, que residia em Leiria.

Por razões que a Brigada de Trânsito da GNR ignora, a carrinha tocou a berma da estrada e atravessou-se, a seguir, na faixa de rodagem, sendo colhida pelo pesado de passageiros que seguia à retaguarda.

O condutor da carrinha, José Diamantino, de 68 anos, ficou ferido e encontra-se em observação nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Fundação Luso-Americana dá subsídio à Escola de Biotecnologia do Porto

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento concedeu um subsídio de 189 mil contos à Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica do Porto para financiar um projecto de desenvolvimento em cinco áreas distintas, disse à Anop uma fonte da Fundação.

O subsídio, segundo a mesma fonte, destina-se a financiar um grande projecto que compreende o desenvolvimento dos programas de ensino (nove mil contos), projectos de investigação (54 mil contos), preparação de pessoal docente (82 250 contos), infra-estruturas (26 250 contos) e encargos administrativos.

Trata-se do segundo projecto daquela escola a ser subsidiado pela Fundação. O primeiro constituiu no financiamento de uma missão de cinco professores norte-americanos que, após uma permanência de uma quinzena no Porto, elaborará, com os seus colegas portugueses, um plano de cinco anos, de desenvolvimento e apoio à escola.

No projecto agora aprovado, que será tornado público em cerimónia a realizar em Janeiro, prevê-se a deslocação ao Porto de 12 professores norte-americanos que promoverão cursos de pós-graduação e seminários.

Ao longo do projecto que se prolonga por três anos, 12 professores da Escola Superior de Biotecnologia obterão o grau de doutor em universidades norte-americanas, referiu ainda à Anop a mesma fonte.

Anualmente, quatro estudantes recém-licenciados pela escola deslo-car-se-ão aos Estados Unidos para estágios em empresas de Biotecnologia, e empresas portuguesas do sector também receberão quatro estagiários recém-licenciados em universidades norte-americanas.

Libertados portugueses detidos em Moçambique

Várias pessoas detidas recentemente em Moçambique por prática de alegadas actividades comerciais não autorizadas, entre as quais portugueses, começaram já a ser libertadas, disseram à NP fontes diplomáticas em Maputo.

As mesmas fontes disseram que haviam sido libertadas 12 pessoas, entre as quais os portugueses Domingos de Melo, da empresa Agro Auto, Fernanda Maria Caroço, da Xur Way Africa, e Miguel Pais Garreiro, da Delta Export.

Entre os detidos que começaram a ser libertados encontram-se cidadãos moçambicanos, portugueses e outros estrangeiros.

«Trata-se, sobretudo, de pessoas que não tinham responsabilidades especiais dentro das empresas, de que eram meros empregados», afirmou à NP uma fonte ligada ao Ministério moçambicano da Segurança, que confirmou serem 12 os já libertados.

As detenções, efectuadas no quadro da chamada «Operação Fronteira», foram atribuídas pelos serviços de segurança moçambicanos (SNASP) à prática de «comércio externo ilegal».

As detenções foram efectuadas nos dias 9, 10 e 11 de Dezembro e abrangeram 27 cidadãos, de 24 empresas, sendo 13 dos detidos de nacionalidade portuguesa.

Alguns dos detidos negociavam com ministérios e mesmo com a Presidência da República moçambicana.

NOITE DE 31 DE DEZEMBRO

Passe o ano em segurança. «Divirta-se Com os Polícias».

Bilhetes à venda

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

2.º MÊS

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

3.ª e 4.ª Feira — Descontos de 50% para jovens e sindicalizados. Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

REVEILLONS – FIM DO ANO

ALGARVE

HOTEL D. JOÃO II – 2 dias c/Reveillon e Ceia
sem transporte: ..... Esc. 11 000$00
com transporte: ..... Esc. 12 800$00

MOTEL DE VILAMOURA – 3 dias c/Reveillon e Ceia no Casino
sem transporte: ..... Esc. 13 200$00
com transporte: ..... Esc. 15 000$00

TRÓIA

APARTHOTEL DE TRÓIA: – 2 dias c/Reveillon e Ceia
sem transporte: ..... Esc. 16 400$00
com transporte: ..... Esc. 18 400$00

RESERVAS:

HOTELCAR
Investimentos Hoteleiros e Transportes Turisticos SARL
Av. da Liberdade, 107 – Telefs. 36 91 78/9 – Telex 16448 – Teleg. HOTELCAR – Lisboa

AOS PAIS

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

COMPANHIA TEATRO DE ALMADA Tel. 275175

FESTA DE FIM DE ANO

31 DE DEZEMBRO às 21.30 h

GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE

O TRADICIONAL GRANDE SHOW
com
CARLOS PAREDES

ESMERALDA AMOEDO • JORGE LOMBA • LUISA BASTO • JOÃO FERNANDO • CELESTE AMORIM • MIGUEL SILVA MANUEL MAIA • MARIA • EMÍLIA FRÓIS • MIGUEL FILIPE • BRACINHOS • MADALENA SÁ PESSOA • BERNARDINO NASCIMENTO (pianista) • PIMENTA DE MAGALHÃES (violinista) • DIVA CORELI (travesti) • YOUNG, Homem Vulcão (faquir) • DIMAS (acordeon) • LUÍS TESTA (mimo) • FLORINDA LOUREIRO (bailarina) • ROGÉRIO PAULO • GUILERME FILIPE

NO MESMO ESPECTÁCULO TEATRO • MÚSICA LIGEIRA • CIRCO • TRAVESTI • BAILADO • FADO • MÚSICA DE CÂMARA •

MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS
Viagem à União Soviética no 1.º de Maio 87 • Férias em Cabo Verde • Uma semana no Algarve para 4 pessoas • Uma Estadua no Algarve para familia • (Colaboração da Associação Portugal-URSS • Visa Almada • VIP Clube

CEIA E ESPUMANTE INCLUIDOS NO PREÇO DO BILHETE

Problemas dos trabalhadores continuam por resolver

- afirma a UGT no seu balanço social de 1986

«No ano de 1986 mantiveram-se sem solução os principais problemas que afectam os trabalhadores», afirma o Secretariado Nacional da UGT num comunicado ontem tornado público. Por essa razão, acrescenta o documento, «o balanço social do ano de 1986 não pode ser considerado globalmente positivo»

Segundo aquela central sindical, o balanço na área do emprego é «negativo», na dos rendimentos é «sofrível», e na da protecção social é «negativo».

Quanto ao emprego, a UGT sublinha que se mantém o desemprego (500 000), aumentou a duração do mesmo, aumentou o número de trabalhadores a prazo, cresceu o trabalho clandestino e temporário por conta de «sub-empreiteiros super-exploradores», e mantém-se a praga dos salários em atraso - à volta de 50 000 trabalhadores.

No que se refere aos rendimentos o comunicado diz que os salários cresceram mais 5% que os preços - «o que se deve à actuação da UGT», afirma - mas apesar disso continuou a reduzir-se o seu peso no rendimento nacional. Por outro lado, «a carga fiscal continua a a sobrecarregar de forma insustentável os trabalhadores».

Finalmente, no respeitante à protecção social, a central sindical entende que «é certo que as pensões mínimas melhoraram alguma coisa, na sequência da recomendação sobre política de rendimentos que a UGT acordou no Conselho Permanente de Concertação Social, mas a generalidade das pensões cresceram menos que o desejável e continua por fazer a reformulação do sistema de cálculo das pensões do regime geral, que é profundamente injusto».

O Secretariado da UGT afirma igualmente que o seguro de desemprego deixa sem protecção a «esmagadora maioria dos desempregados», dos quais só 17 em cada 100 recebe subsídio, e que os jovens à procura do primeiro emprego nada recebem.

A concluir, o comunicado lembra que o sistema de saúde não responde às necessidades dos cidadãos e que continuam por resolver, apesar da conjuntura «tão favorável», os problemas do ensino, da habitação e dos transportes.

Desconvocada a greve do lixo

Os trabalhadores do sector da limpeza da Câmara Municipal de Lisboa decidiram ontem desconvocar a greve total marcada para dia 27 e a dos dias 29, 30 e 31 às horas extraordinárias, informou ontem à noite uma fonte sindical.

Segundo um comunicado distribuído após um plenário os trabalhadres da limpeza de Lisboa consideram «uma vitória da sua luta a proposta da administração da Câmara de Lisboa», mantendo-se contudo questões a esclare cer, nomeadamente o quantitativo do subsídio proposto pelo executivo.

O plenário deliberou mandatar a direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa para negociar com a Câmara Municipal de Lisboa as propostas apresentadas.

Os trabalhadores da limpeza «continuam a exigir que o Governo considere as alterações ao Decreto-Lei regulamentar 48/86 que foram propostas pelo Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa» — refere o comunicado.

Depois de sublinhr a «unidade e firmeza em torno do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa», o comunicado adverte a CML e o Governo de que «se os justos interesses dos trabalhadores não forem devidamente satisfeitos recorrerão uma vez mais à luta».

De acordo com a moção aprovada no plenário, os trabalhadores da limpeza voltarão à greve se, no prazo de 30 dias não for satisfeita pelas entidades responsáveis a actualização do subsídio compensatório da diminuição do subsídio nocturno, com base na proposta de 232 escudos diários feita ultimamente pela Câmara de Lisboa. (O subsídio global reivindicado é de 25 por cento do ordenado).

Por último, saudam a população de Lisboa «pela sua grande compreensão e solidariedade demonstrada para com a luta dos trabalhadores».

Em consequência das decisões do plenário o trabalho foi retomado ontem mesmo a partir das 22h30.

Segundo um informador sindical, «boa parte» do lixo acumulado nos ultimos dias deverá ser recolhido esta noite, a situação ficando normalizada terça-feira de manhã.

Limitada importação de queijos

As importações portuguesas de queijos espanhóis não poderão ultrapassar as 220 toneladas em 1987, de acordo com uma resolução da Comissão Europeia ontem publicada no diário oficial das Comunidades.

Este valor representa um aumento de 20 toneladas relativamente ao contingente fixado para o ano em curso.

A resolução dá cumprimento ao estabelecido no Artigo 229 da Acta de Adesão de Portugal e Espanha à CEE, que prevê um aumento anual em volume de 10 por cento no contingente de queijos espanhóis exportados para Portugal.

Um belga em cada quatro é biscateiro

Um casal belga em quatro completa os seus rendimentos mensais recorrendo ao trabalho «negro» (economia paralela), indica uma sondagem ontem divulgada na Bélgica.

A sondagem foi realizada junto de uma amostra de 1000 pessoas pelo instituto INUSOP-CLEO, tendo sido divulgada pelo jornal belga «Le Soir».

O inquérito assinala que 25,7 por cento das pessoas interrogadas realizam trabalho «negro» à razão de 33 horas em média por mês.

Dos interrogados, 7,4 por cento praticam o trabalho não declarado no mesmo local do seu trabalho oficial.

Segundo os dois professores que realizaram o inquérito, o trabalho «negro» representa um total de 6 por cento do trabalho regular, ou seja, o equivalente do trabalho que seria prestado a tempo inteiro por 300 000 pessoas.

Aqueles que exercem a sua actividade independentemente do seu trabalho principal têm, na maioria dos casos, um rendimento pouco elevado e correspondem a casais jovens, com baixo nível de escolaridade.

Pelo contrário, aqueles que praticam este tipo de trabalho no seu próprio local oficial de trabalho «têm quase todos habilitações literárias médias ou superiores e auferem um rendimento significativo», indica o jornal.

Os professores, os operários qualificados e os quadros superiores serão as profissões que mais praticam o trabalho «negro».

Comissão da CEE quer resolver "velhas incógnitas"

A Comissão — órgão executivo da CEE — está disposta a recuperar o seu papel protagonista no seio das instituições da Comunidade Económica Europeia e a conseguir uma efectiva aplicação do acto único, assinado no Luxemburgo. Conclui-se de recentes tomadas de posição do seu presidente.

Jacques Delors dispõe-se a apresentar aos governos dos 12 uma série de propostas adoptadas pelos comissários europeus no passado fim-de-semana no decorrer de um «seminário de reflexão» realizado em Bruxelas, em que foi examinado o que Delors designa por «problemática da comunidade».

Trata-se, fundamentalmente, de resolver as incógnitas que pendem actualmente sobre a CEE no que se refere à situação financeira e sanear as finanças comunitárias pelo menos até aos finais de 1992, data em que, de acordo com a decisão adoptada no Luxemburgo pelos chefes de Estado e de governo dos 12, se deve estabelecer um mercado único europeu.

Afastada esta incógnita através de um novo sistema de financiamento — que o presidente da comissão se recusou a revelar até dele dar conhecimento aos 12 governos dos países da Comunidade — a Comissão tratará de reforçar o seu «poder de iniciativa e de proposta» no seio das três instituições europeias (Comissão, Conselho e Parlamento) para acelerar a aplicação do Acto Único.

Os comissários europeus e o seu presidente não querem abdicar do poder político de que dispõe a Comissão no contexto europeu e estão dispostos a pisar o acelerador para fazer progredir a união europeia, justamente o objectivo consignado no Acto Único.

O novo sistema de financiamento da CEE, segundo os observadores, poderá basear-se num aumento da actual percentagem que a Comunidade recebe dos Estados membros sobre o Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), assim como numa percentagem sobre o conjunto do Produto Interno Bruto (PIB) de cada um dos 12 países da Comunidade.

Actualmente, a CEE recebe 1,4 por cento do IVA, valor que se tem mostrado insuficiente para financiar a política Agrícola Comum (PAC) e para atender as necessidades dos fundos estruturais europeus (Fundo Social, Fundo de Desenvolvimento Regional e Fundo de Orientação e Garantia Agrícola).

Se se decidir aumentar a percentagem sobre o IVA, tudo parece indicar que a proposta de Delors será de a elevar para 1,6 por cento o que, na opinião da Comissão, não resolverá grande coisa.

PIB como base de cálculo

O comissário europeu responsável pelo orçamento, Henning Christophersen, é partidário da mudança do sistema, de forma a basear os recursos da CEE nos produtos internos brutos.

A proposta de Christophersen encontrou uma grande aceitação nos meios comunitários, onde se destaca o facto de 1,4 por cento do PIB dos 12 corresponder a 2% do valor do IVA.

Este montante asseguraria as necessidades financeiras da CEE até finais de 1992 e tudo parece indicar que a proposta de Jacques Delors aos governos dos 12 será neste sentido.

Para o presidente da comissão, o saneamento das finanças comunitárias faz parte de um pacote de medidas que define como «coerente» e que se conjuga com outras reformas, especialmente no que se refere a Política Agrícola Comum.

A PAC tem um grande peso na CEE, fundamentalmente por causa das necessidades de financiamento dos excedentes agrícolas.

As últimas decisões adoptadas na semana passada pelo Conselho de Ministros da Agricultura, com exigências de redução das produções de leite e de carne, parecem integrar-se na linha de reactivação da Comunidade para impulsionar a União Europeia.

Quanto aos fundos estruturais, a ideia da comissão é conseguir que em 1992 as dotações estabelecidas para os mesmos representem 25 por cento do Orçamento da Comunidade, o que significará um avanço decisivo na chamada «coesão», ou seja, o efectivo estabelecimento de um sistema de solidariedade europeia.

O fracasso dos planos da comissão no que se refere ao financiamento de uma autêntica política de investigação europeia, como foi evidente há uns dias em Bruxelas, fez disparar as críticas de Delors contra o que qualificou de «miopia política» de três países europeus (França, Alemanha Federal e Grã-Bretanha).

Delors acusou estes três países de constituírem «uma frente de recusa» contra a política europeia de investigação.

A comissão tratará, em consequência, de provocar a reforma dos fundos, mediante um sistema de concentração, selecção e fixação de prioridades, para o que será necessário abandonar o critério da regionalização,

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$80	45$80
ALEMANHA FED. (marco)	74$10	75$30
ÁUSTRIA (xelim)	10$50	10$70
BÉLGICA (franco)	3$354	3$604
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$55	109$05
(notas de 5 a 1000)	107$05	109$55
DINAMARCA (coroa)	19$55	19$95
ESPANHA (peseta)	1$065	1$185
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$00	150$50
(notas de 5 a 1000)	147$50	151$00
FINLÂNDIA (marka)	30$15	30$75
FRANÇA (franco)	22$55	23$25
HOLANDA (florim)	65$55	66$65
IRLANDA (libra)	202$25	206$25
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$859	$914
NORUEGA (coroa)	19$50	20$00
REINO UNIDO (libra)	212$70	217$20
SUÉCIA (coroa)	21$35	21$85
SUÍÇA (franco)	88$35	89$85
VENEZUELA (bolívar)	5$25	6$25

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

José Luís Barbosa - Colecção Inverno 86/87

Elegância, simplicidade e rigor foram os três imperativos que guiaram a colecção Inverno 86-87 de **José Luís Barbosa.** Foram escolhidos assim como matérias-primas as flanelas, os «tweeds» e os cardados de lã dada a sua estrita simplicidade. O tecido vedeta para esta estação é sem dúvida o **Príncipe de Galles**, um clássico de sempre que regressa este ano em circunstâncias diversas, ora na **colecção masculina** ora na **feminina.** A **«mulher José Luís Barbosa»** pode assim optar pela amplitude de certos volumes ao nível dos casacos, blusões ou saias.

A outra variante aponta para linhas mais próximas do corpo propondo uma silhueta fina, apelando esta ao retorno dos conjuntos casaco e saia, sendo estas estreitas, curtas e «sexy». Evolução como assimilação e proposta crítica, não estéreis tentativas, mas sim pesquisa constante sobre um tema ainda fascinante, o vestuário masculino. Uma criatitividade ora ousada ora moderada capaz de revisitar e repropor modelos clássicos com um novo gosto e aparência diversa, mantendo sempre o máximo de elegância.

Nesta colecção foi redimensionado o volume dos casacos, das calças e dos sobretudos. Uma aturada pesquisa ao nível dos detalhes dotou a colecção **«homem José Luís Barbosa»**, para esta estação, de peças de extrema vanguarda sem nunca lhes afectar o equilíbrio estético e volumétrico. **José Luís Barbosa** redesenhou ainda para esta estação a clássica **«Canadiana»** de lã com capuz, abotoada com alamares e cordão de seda.

Foram criadas assim para esta colecção várias alternativas sedutoras para serem vestidas de modo diverso, segundo um critério muito pessoal, permitindo assim a cada um afirmar a sua personalidade estética no exercício de composição das suas opções vestimentárias.

Cervejaria Trindade: 150 anos

Ao completarem-se os *150 anos da Cervejaria Trindade,* a *Central de Cervejas* decidiu promover a realização de diversos acontecimentos culturais que, ao longo de 1986, assinalaram o aniversário da *mais antiga cervejaria de Lisboa.*

As comemorações iniciaram-se oficialmente no dia 8 de Janeiro, com o descerramento de uma placa no exterior da Cervejaria, pelo presidente da Câmara de Lisboa, relativa à sua integração no património arquitectónico e cultural de Lisboa.

Na Galeria de Arte, inaugurada em Janeiro, tiveram lugar 10 exposições de pintura, desenho, azulejo, fotografia e cartazes, onde expuseram, entre outros, a Oficina 59, Grupo Altamira, *Vé Tó,* Rui Perdigão, *Fernanda Igrejas,* Carlos Marujo, *Henrique Carvalho Dias.* Ainda, neste mesmo espaço, procedeu-se ao lançamento de um *livro de poesia* e de um *outro sobre Sintra.*

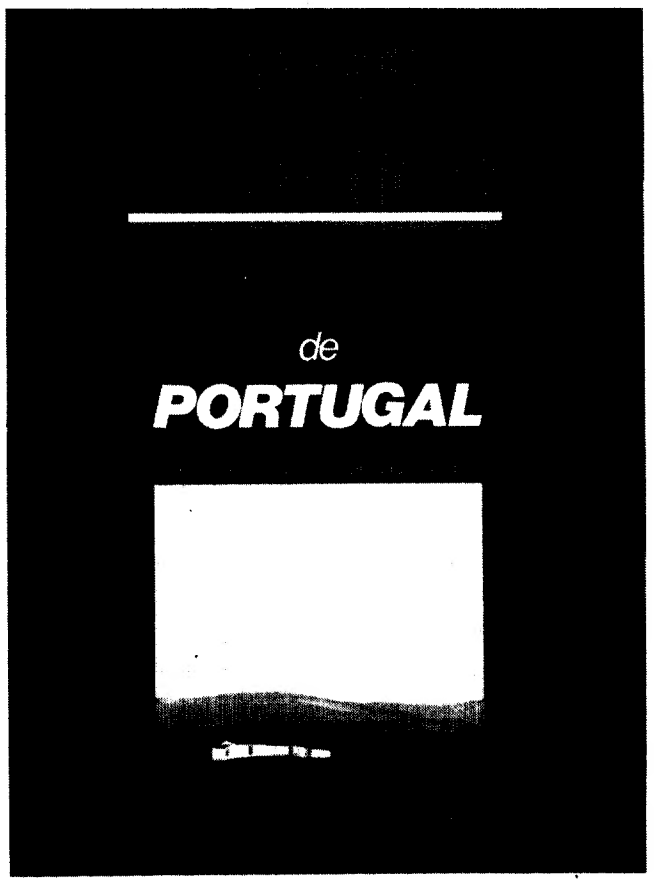
A música também esteve presente na Trindade em nove colóquios musicais orientados pelo *Maestro José Atalaya* e ali se ouviu desde *Seixas,* a Mozart, *Beethoven,* Schubert, *Chopin,* Debussy, *Ravel,* Schonbërg, *Messiaen,* Lopes-Graça e tantos outros, com intérpretes tão conceituados como *Adriano Jordão,* Quarteto Capela, *Madalena Soveral,* Vasco e Grazi Barbosa, *Madalena Vanzeller,* Luís Madureira, *Sandra Mascolo,* Opus Ensemble, *Paulo Gaio Lima,* Carla Seixas, *Jean-Louis Haguenauer* e o Coro de Câmara de Lisboa.

Uma exibição de *música da Baviera* interpretada por uma *banda alemã,* uma sessão de *mornas cabo-verdianas* por um cantor convidado expressamente de Cabo Verde — *Miguel Salazar* — e de música tradicional portuguesa pelo *Grupo Romanças, quatro apresentações de Coros — o Coro Profabril,* o Coro de Santo Amaro de Oeiras, o *Orfeão Académico de Coimbra* e o Coro Sol Nascente — completaram os momentos musicais inseridos nas comemorações.

Alusivas ao passado da Cervejaria e aos seus frequentadores, realizaram-se seis sessões literárias evocativas desde *Columbano Bordalo Pinheiro* a Jorge Barradas, *Gervásio Lobato,* Luciano Freire, *Gustavo Matos Sequeira* e Norberto Araújo, através de palestrantes como o *professor Juvenal Esteves,* o professor Veríssimo Serrão, o *jornalista António Valdemar,* o dr. António Manuel Gonçalves e o *professor Fernando Castelo Branco* e com placas para assinalar o evento, descerradas na altura por familiares dos evocados.

No encerramento oficial das comemorações, em 17 de Dezembro, estiveram presentes o presidente da Câmara de Lisboa, conferencistas, artistas e representantes da *Central de Cervejas* e de vários órgãos de comunicação social.

Está patente na *Galeria da Trindade* até ao fim do ano uma exposição das obras adquiridas pela Empresa ou a ela oferecidas durante 1986 e de fotografias sobre os vários acontecimentos inseridos nas *Comemorações do 150.º Aniversário da Cervejaria.*



Atlas turístico de Portugal

Editado por **Albérico Cardoso** e produzido e realizado por **Lucidus, Publicações, Lda.**, já está à venda o «**Atlas Turístico de Portugal**» em edição bilingue (português e inglês), com prefácio de **Luís Forjaz Trigueiros**.

O **Atlas** tem cerca de 400 páginas, em bom papel e com óptimos acabamentos e impressão, sendo uma «**simbiose entre o atlas escolar ou documental e o roteiro para consulta e informação**», de acordo com palavras do seu prefaciador.

Ordenado por distritos a que se acrescentam as regiões autónomas tem uma menção, com foto, de todos os concelhos, de cuja ficha constam, pelo menos, informações sobre Turismo, Igrejas, Monumentos e Museus, Festas e Romarias, Gastronomia, Artesanato e Folclore, Tempos Livres e Informações Úteis.

Para além das fichas concelhias, há um capítulo final com Informações Gerais e sobre Postos da Direcção-Geral de Turismo, Centros de Turismo de Portugal, Parques de Campismo, Golfe, Termas, Pousadas, Pousada da Juventude, Fronteiras, Agências de Viagens, Parques e Reservas Naturais, Restaurantes, Aluguer de Automóveis, Hotéis e Residenciais, Correios, TAP e Postos de Assistência Nissan.

Movimento "Lion" português possibilita férias a jovens

O movimento **Lions Internacional,** conjunto de clubes de serviço, espalhado por 154 países, tem desde há 25 anos, um aliciante programa dedicado à juventude, através do qual são dadas facilidades, para gozo de férias, a jovens estudantes de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos.

O programa engloba três tipos de férias: 1) Permanência em **Campos de Férias**, antecipada ou seguida de estadia de mais 8 ou 15 dias, em casa de uma família Lion do país a visitar; 2) Permanência nos **Campos Culturais Franceses,** com tema cultural obrigatório, aconselhado somente a jovens que dominem a língua francesa; e 3) estadias em **casas de famílias Lions**, durante 8 a 15 dias, na Europa, estendendo-se de três a cinco semanas em países de outros continentes.

Os jovens candidatos portugueses terão apenas que **pagar as despesas de viagem e seguro,** levando dinheiro de bolso — apenas para despesas pessoais —, sendo todas as despesas de estadia (dormida e alimentação) passeios e diversões incluídas no programa, suportadas pelos clubes anfitriões ou pelas famílias. Somente em dois ou três campos, dos 80 que se realizam, se paga uma taxa por se tratar de campos especializados.

Os **Campos de Férias** e as estadias têm lugar no período que decorre entre 23 de Junho e 25 de Agosto, **mas com particular incidência na primeira quinzena de Julho.** Na parte final do mês de Julho, princípios de Agosto, os Campos de Férias são em número mais reduzido. Portanto, os jovens que possam ficar livres dos seus estudos até aos dias 6 a 15 de Julho têm muito mais possibilidades.

Realizam-se, na Europa, três campos para deficientes.

A **Fundação dos Lions de Portugal,** oferece 3 prémios, constituídos pelo pagamento da viagem — na Europa – em comboio e algum dinheiro para despesas de seguro e bolso. Os interessados podem candidatar-se, até ao dia 18 de Janeiro de 1987, soliciatando, para o efeito, aos responsáveis, os impressos próprios. Serão condições de preferência, entre os concorrentes às três viagens pagas, o menor «per capita» familiar e a classificação obtida no ano lectivo de 1985-86.

Como facilmente se conclui, os interessados que não conseguirem um dos três prémios, têm a faculdade de beneficiar das regalias das **Férias-Lions 1987,** suportando o custo das viagens, seguro e despesas de bolso.

Há **Campos de Férias** e possibilidades de estadias em França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Alemanha, Áustria, Suíça, Itália, Grécia e Turquia e bem assim em Israel, Estados Unidos, Canadá, Japão, etc. Lembra-se aos jovens portugueses que as viagens de 30 dias («interraily) ou 60 com itinerário definido, em comboio, bem como as viagens aéreas, têm preços reduzidos.

Este programa designado por **INTERCÂMBIO JUVENIL**, tem como responsável, no nosso país o sr. **Jorge Galamba Marques** (Av. Gaspar de Lemos, n.º 11-3.º E 3080 Figueira da Foz, Tel. 033 24489) coadjuvado, em Lisboa, pelo sr. **Manuel Tenreiro** (Rua dos Sapateiros, 79, 1.º 1100 Lisboa, tel. 326713) e, no Porto, pelo sr. arqt.º **Álvaro de Carvalho** (Rua dos Combatentes 567, 4200 Porto, tel., 488675). Os interessados podem também dirigir-se a qualquer dos 84 **Clubes Lions** disseminados pelo País.

COMPTA organizou seminário

Teve lugar nos passados dias 19 e 20 de Novembro, no Hotel Ritz, em Lisboa, um seminario subordinado ao tema geral «**Comunicação de Dados**». Organizado pela **COMPTA — Equipamentos e Serviços de Informatica**, este seminario integra-se no âmbito de iniciativas similares levadas a cabo periodicamente por aquela empresa, tendo sido especialmente dirigido aos sectores da banca, seguros, administração publica e grandes fabricantes e utilizadores. Foram assim apresentados diverss produtos e soluções nesta area, com destaque para os «modens», multiplexores estatisticos, equipamentos de comutação digital e «patch» e gestão e controlo de redes, produtos esses desenvolvidos por empresas com grande prestigio no mercado internacional como a **Codex** (subsidiaria **Motorola**) e a **Northern Telecom**, representadas em Portugal pela **COMPTA.**

A comunicação de dados e uma area ainda pouco desenvolvida no nosso pais e, se exceptuarmos a banca e os seguros, com escassas implantações a nivel de sectores de actividade. Trata-se no entanto de uma tecnologia cuja aplicação e vital para a optimização das medias e grandes organizaçoes.

Neste campo, a **COMPTA** dispõe de uma vasta gama de produtos configuraveis à medida, de um conjunto de serviços de estudo e manutenção e acima de tudo de uma experiência alicerçada em muitos anos de trabalho direccionado para a satisfação das necessidades especificas dos clientes através da concepção de soluções proprias e personalizadas.

Apelos à retirada soviética assinalam aniversário da invasão do Afeganistão

O sétimo aniversário da invasão soviética do Afeganistão foi marcado por apelos ao Kremlin para a retirada das suas tropas daquele território, ao mesmo tempo que as autoridades de Moscovo se manifestaram a favor de um acordo político que acabe com o conflito e reafirmaram o seu completo apoio ao novo lider afegão, Najibullah.

. Grã-Bretanha divulgou hoje um apelo onde se afirma que a Comunidade Europeia e o resto do mundo esperam que «a União Soviética concorde numa rápida e completa retirada das suas forças» do Afeganistão.

A nota, assinada pelo ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, salienta que só a retirada soviética «pode pôr termo à agonia da nação afegã», acrescentando que «não pode haver solução militar» para aquele conflito.

Também a China e a Alemanha Federal apelaram hoje à URSS para que se retire, total e rapidamente, do Afeganistão.

Entretanto, em Moscovo, o dissidente soviético Andrei Sakharov renovou as críticas ao regime que o levaram a passar sete anos no exílio interno e pediu a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

Uma doença grave

A «tragédia do povo afegão continua. O sofrimeto idem. Creio que o que necessitamos é uma retirada rápida de todas as forças soviéticas», disse Sakharov em entrevista à cadeia de televisão norte-americana NBC.

Quando do seu regresso a Moscovo, na terça-feira, Sakharov havia reafirmado que o Afeganistão é a «doença mais grave da política externa soviética». O facto de não ser oficialmente criticado pelas suas declarações levou observadores ocidentais a declarar que este é mais um sinal demonstrativo de que o Kremlin deseja acabar rapidamente com o problema.

Aliás, o chefe da delagação soviética à Conferência de Viena sobre Desarmamento, Yuri Hashlev, interrogado sobre as declarações de Sakharov, disse que nada de mal via nelas porque é assim que pensam muitas pessoas na União Soviética.

O reconhecimento expresso de que o Afeganistão é «uma grave deonça» de que a URSS sofre é, no entanto, um fenómeno recente, sobretudo deste ano. O principal interessado em trazer a lume a questão afegã é o lider soviético Mikhail Gorbachev que aproveita todas as ocasiões para afirmar que a URSS é a favor de um acordo político com o Paquistão para que se acabe com os sete anos de guerra.

Segundo Gorbachev, o único obstáculo para esse acordo é o governo de Islamabad que, pressionado pelos Estados Unidos, «não deseja realmente chegar a acordo».

Mudanças na cúpula afegã

A retirada de seis regimentos soviéticos em Outubro passado- cerca de oito mil homens- foi considerada por Moscovo um gesto de boa vontade, mas interpretado pelos Estados Unidos e outros países ocidentais como mero acto simbólico.

O desejo de Moscovo de acabar com a guerra e retirar os seus 112 mil homens que ali permanecem, segundo fontes ocidentais, é mostrado também pelas recentes alterações na cúpula afegã.

Em Maio passado, Babrak Karmal, que tinha ocupado os principais postos de liderança afegã com o apoio soviético, foi destituído da chefia do partido e, posteriormente, da chefia do Estado, a favor de um jovem médico, ex-chefe da polícia política afegã, Najibullah.

O apoio da URSS à política de reconciliação defendida por Najibullahh foi patentado de novo este mês quando o lider afegão se deslocou a Moscovo. Na altura, Gorbachev ter-lhe -ia dito que a URSS não tenciona deixar muito mais tempo as suas tropas no seu país.

Segundo observadores ocidentais, o desejo de Moscovo de que a guerra no Afeganistão acabe o mais depressa possível é também motivado pelo preço humano e material que esta lhe está a custar.

As mesmas fontes adiantam que a guerra afegã matou até agora 20 mil soldados soviéticos e custa diariamente 12 milhões de dólares à URSS.

As tropas soviéticas entraram em território afegão a 27 de Dezembro de 1979 para apoiar o governo de Kabul.

Alfonsin põe fim a julgamentos de militares na Argentina

O presidente Raul Alfonsin assinou ontem uma lei que põe fim aos julgamentos de militares argentinos por violação dos direitos humanos, no prazo de 60 dias.

A lei, que foi anunciada pelo gabinete presidencial, paasou antes pela aprovação do Congresso, sob proposta de Alfonsin, como forma de reconciliar civis e militares.

Ao abrigo desta nova regulamentação, no prazo de 60 dias, terminarão todos os julgamentos de polícias ou militares acusados de violacões dos direitos humanos durante a ditadura militar argentina.

Activistas dos direitos humanos e militantes de esquerda manifestaram já a sua discordância face à lei e dizem-se dispostos a pôr em causa a sua constitucionalidade.

Enquanto isso, o presidente do Supremo Tribunal argentino, José Severo Cabellero, anunciou que a sentença inapelável do julgamento por crimes de repressão de nove militares que governaram o país entre 1976 e 1982 será dada terça-feira.

O veredicto inapelável era esperado para o fim da tarde de ontem, mas, aparentemente, divergências de última hora entre os juizes que presidem ao Supremo, fez com que a sentença fosse adiada.

O Supremo Tribunal deve pronunciar-se sobre os apelos apresentados pelo promotor de Justiça e pela defesa de cinco ex-comandantes condenados em 9 de Dezembro de 1985 pelo Tribunal Federal de Apelação.

Ness altura, o Tribunal condenou a prisão perpétua o ex-presidente general Jorge Videla e o almirante Emilio Massera, a 17 anos de prisão o presidente genereal Roberto Viola, a oito anos o almirante Armando Lambruschini e a quatro anos e meio o brigadeiro Agosti.

O Promotor de Justiça pediu penas mais pesadas e a defesa a abolvição dos cinco ex-comandantes.

Helmut Schmidt entre os alvos do grupo Baader-Meinhof

O grupo terrorista alemão-federal Baader-Meinhof, que se responsabilizou por dois assassínios espectaculares ocorridos este ano, colocou o nome do ex-chanceler social-democrata Helmut Schmidt no topo da sua mais recente lista, afirmou ontem um jornal alemão.

O jornal «Bild» disse ter obtido uma cópia de um documento de estratégia da Facção de Exército Vermelho (nome porque é também comhecido o grupo) até aqui mantido em segredo por funcionários da segurança, e que contem o nome de Schmidt no topo da lista de pessoas que são alvos para assassínios.

Também figuram na lista o ministro do Desenvolvimento Económico, Juergen Warnke, assim como Juergen Moellemann, um dos principais colaboradores do mninistro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, afirmou o «Bild».

A Facção do Exército Vermelho reivindicou a responsabilidade pelo assassínio de um outro colaborador de Gensher, Gerald Von Braunmuehl, numa rua de Bona, em 10 de Outubro.

O jornal adianta que a protecção a Schmidt, Moellemann e Warnke foi reforçada em resultado do apareci-mento da lista da Facção do Exército Vermelho.

Helmut Schmidt: o ex- chanceler social-democrata figura na lista dos homens a abater.

Desvio de avião

Cinco grupos reivindicaram, entretanto, a responsabilidade pela tentativa de desvio do avião das linhas aéreas iraquianas, que se despenhou no dia de Natal, provocando pelo menos 62 mortos.

O avião despenhou-se no norte da Arábia sendo ainda controversas as causas do acidente, o número de pessoas que iam a bordo e o número de piratas do ar.

Um dos grupos que reivindicou o desvio foi a Jihad Islâmica, facção xiita pró-iraniana, que matem vários cidadãos americanos e franceses como reféns no Líabanoo.

Os outros quatro grupos que reivindicaram o atentado são desconhecidos: a Organização de Acção Revolucionária, a Organização Xiita Revolucionária, o Movimento Revolucionário Islâmico e uma Facção Iraquiana do Movimento Revolucionário.

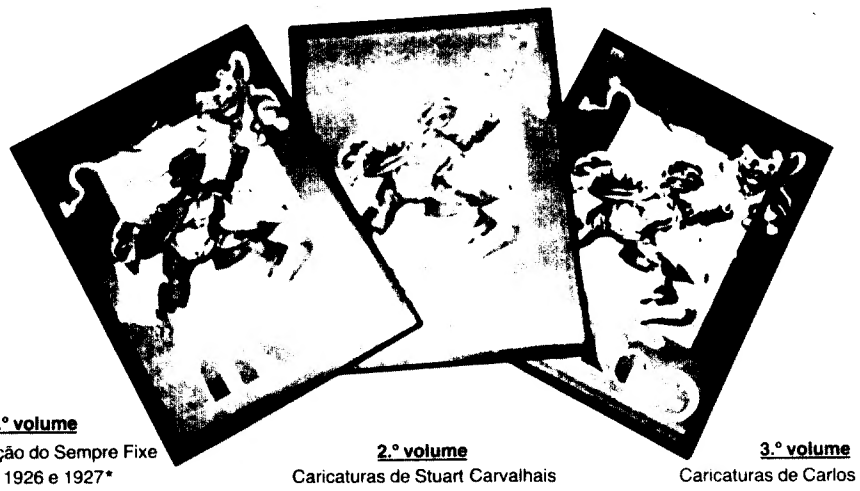
No texto de uma das reivindficações, este último movimento afirma ter perpretado o atentado como forma de protesto contra o «regime herético» do presidente Saddam Hussein.

ETA

As autoridades espanholas apelaram ontem os responsáveis de empresas francesas em Espanha para que reforcem as medidas de precaução e vigilância contra eventuais atentados da ETA Militar. Esta recomendação surge após uma vaga de atentados terroristas contra interesses franceses, que recrudesceram nos últimos dias.

SEMPRE FIXE

3 ÁLBUNS ENCADERNADOS



1.º volume
Reprodução do Sempre Fixe dos anos 1926 e 1927*

2.º volume
Caricaturas de Stuart Carvalhais

3.º volume
Caricaturas de Carlos Botelho

* — O 1.º volume contém caricaturas de Francisco Valença, Amarelhe, Stuart Carvalhais, Almada, Carlos Botelho, Jorge Barradas, Roberto Nobre e Bernardo Marques.

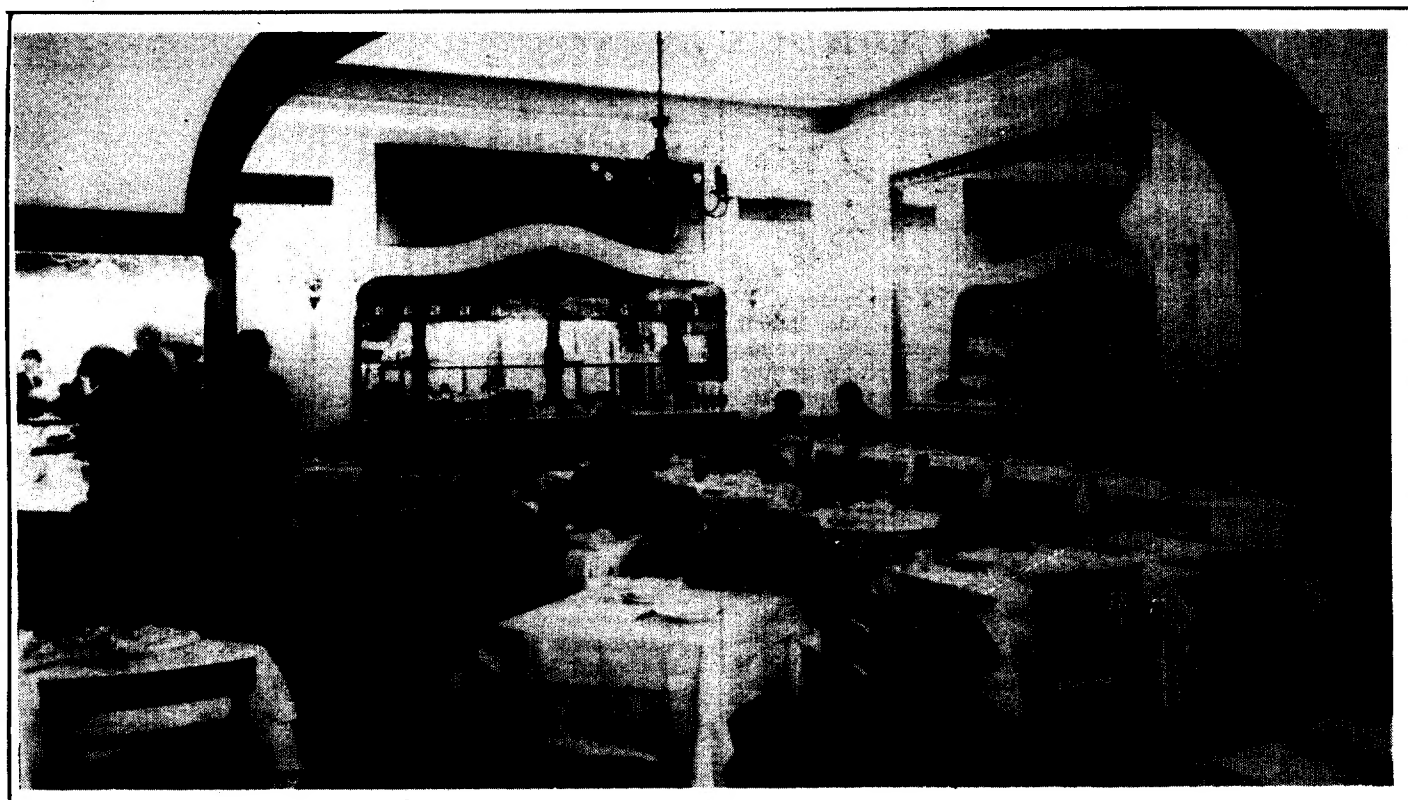
Preço de cada volume: 400$00
Preço da colecção (3 vol.): 1 000$00

COMPRE JÁ
antes que esgote!

ÚLTIMOS EXEMPLARES DISPONÍVEIS

À VENDA NO DIÁRIO DE LISBOA — R. Luz Soriano, 15-17, Lisboa

— Pedidos telefónicos para reserva — 37 27 81 ou 32 11 54 — Sr. Alfredo de Carvalho



O magnífico salão da Ferrari... deserto

Uma montra apetecível...

Convite para um chá

Lurdes Féria

O culto do chá, entre nós, tem algum sentido? Nada que se pareça com aquele hábito, tópico e típico, que se enraizou na sociedade inglesa. Daí a convenção das convenções: tomar chá em pequeno reflecte-se no comportamento, na educação. Os ingleses são bem educados porque, estejam onde estiverem e seja em que ituação for, não prescindem do chá das cinco. No Ocidente foram obedientemente imitados, embora sem grande convicção. É o nosso caso. Chá para inglês ver mas o que apreciamos, deveras, é o café...

Em finais do século passado despontam as salas de chá, dirigidas a uma clientela quase exclusivamente feminina, pois homens que se prezassem preferiam, sem dúvida, os cafés e os botequins, ambientes mais conformes com a sua condição. Todavia, os encontros entre ambos os sexos proporcionavam-se nos chás-dançantes, muito em voga nos anos trinta. Mas o chá-chá, dança de origem latino-americana, primorosamente executada pela orquestra de Xavier Cugat, só chegaria mais tarde e num outro contexto.

Prolongando o destino de uma confeitaria que existira no Príncipe Real, ao lado da Patriarcal da Queimada, nasce a **Ferrari,** um dos templos do chá, ainda activo, na Rua Nova do Almada. Foi fundada em 1846 por **Matias Ferrari,** filho de um conserveiro genovês, afecto ao miguelismo, e que com a vitória dos liberais, teve de fugir para Elvas. No regresso, a família **Ferrari** estabelece-se no Chiado, indo ocupar a loja da madame **Botto,** modista célebre, que tinha como rival a madame **Justine,** com «atelier» na mesma rua.

A intuição comercial, aliada a uma excelente reputação, depressa conduz Matias Ferrari à prosperidade. Assim, muitos dos jantares e copos-de-água que se realizavam, em Lisboa, eram encomendados na sua casa, que também fornecia o botequim do Teatro S. Carlos. Aos 78 anos o comerciante apaga-se. É a sobrinha, Maria Teresa, quem herda o grosso da fortuna, com excepção da confeitaria que por determinação do testamento coube a um velho empregado da **Ferrari,** João Luís Pereira.

Após um período irrelevante, para não dizer de crise, o estabelecimento readquire o vigor perdido, sob a direcção de **José Alcobia,** gestor bastante mais competente do que o anterior. Depois, em 1919, a **Ferrari** vai parar as mãos de Alfredo Mourão, proprietário do hotel **Paris,** na cidade de Lourenço Marques. **Foi-lhe oferecido pelo padrinho de casamento, um importante industrial de cimentos,** diz Albertina Mourão, sua filha e universal herdeira, que ainda hoje, com 74 anos, continua à frente da confeitaria.

Entretanto, no início dos anos trinta, a **Ferrari** sofre uma remodelação e as obras, orientadas pelo arquitecto Jorge Segurado, imprimem-lhe o estilo que conhecemos. As madeiras escuras, os espelhos dourados, os candeeiros combinam com o serviço de **cristofel** e as porcelanas de Vista Alegre, onde sobressaía o emblema da casa. Era chique, tinha um toque parisiense. **Agora já não nos podemos dar ao luxo de mandar gravar o emblema na loiça...,** acrescenta Albertina Mourão. Contudo, a **Ferrari** não se degradou, não obstante se verificar uma quebra de qualidade na doçaria. Salvam-se os bombons, tão deliciosos quanto caros, ao proibitivo preço de três contos o quilo. Trata-se de uma receita que o autor, um antigo chefe da casa, guarda ciosamente, segredo que não divulga a ninguém, nem sequer à patroa.

Compostura

Entre as especialidades da **Ferrari** distinguem-se ainda as tortas de ovos moles (com cobertura de chocolate) e os batidos de fruta, que não decepcionam os paladares mais exigentes. **Quando não há fruta não há batido,** afirma Albertina Mourão. Cruzam-se, durante a hora do almoço, a freguesia do balcão, constituída por funcionários dos serviços e do comércio, que devoram pratinhos a despachar, ea do salão, que come com todo o vagar, sem ligar ao aumento substancial dos preços. Paga o conforto e o ritual. Nessa clientela acha-se a fina-flor das profissões liberais, acostumada às ementas dos restaurantes de uma ou duas estrelas. Segundo Albertina Mourão são **advogados, médicos, industriais, políticos e gente do alto comércio...** É, pois, de presumir que as conversas incidem nos negócios, nos processos e acções, nas intrigas...

A partir das quatro serve-se o chá e tudo se altera. De farda e ar distante, ainda que cerimoniosos, os empregados apontam no livro os pedidos para a função. Há sossego, há um clima repousante. De súbito, sem perder a compostura, uma senhora idosa e, pelos vistos, surda grita: **quero pão de leite.** Enquanto, na mesa do lado, duas meninas propedêuticas riem em surdina, sem estridências. E voltam a meter o dente no **croissant,** essa invenção austríaca que os franceses vorazmente absorveram, tornando-a hábito nacional.

Olho em redor. Muitos jovens tomam chá, naquela tarde de Dezembro, o que nos faz pensar. Será que a moda do chá está a ressuscitar? Albertino Mourão confirma, diz que sim. **Nota-se uma afluência da juventude, muitos jovens que vêm para o chá são netos dos meus clientes antigos.** Jovens do secundário como o par de namorados que não se atreve a esboçar uma carícia. Jovens na fronteira dos vinte, como os dois rapazes, de gestos efeminados, que não despregavam os olhos dos espelhos, evidenciando narcisismo acentuado. Jovens (ainda) como o casal de trintões, convencional no traje e na pose. Ele: imagino-o jurista: ela: suponho-a secretária, pelo jeito de vestir, e o género do penteado. Pelo visual estereotipado, muito da série.

Quanto ao grupo de homens maduros que transmitem a segurança de pertencer a um escalão social elevado ponho-os a administrar empresas ou qualquer outra actividade semelhante. Bebem Martini seco tal como a mulher estrangeira, francesa (?) que entrou triunfante, sabendo-se o pólo das atenções. Bela e esfíngica vestia de negro com os cabelos ocultos por um turbante vermelho. Vejo-o num filme de Truffaut, prestes a cometer um crime.

Outrora, aristocratas e artistas saboreavam o chá da **Ferrari,** numa altura em que ainda não se instituira o péssimo hábito do pacotinho. Titulares, embora caros, raros, ainda lá vão, só que com uma maior preocupação dos gastos. **Andam mal de finanças,** garante-me Albertina Mourão. Dos homens de letras menciona **Júlio Dantas,** ao que consta um **dandy,** e Joaquim Paço d'Arcos, sem tanto aprumo, como **fregueses de toda a vida.** Refere-se ainda a **Almada Negreiros** e ao seu grupo de amigos, incondicionais clientes dos almoços, às quintas-feiras, com direito a mesa reservada. Mas da galeria das figuras que pela **Ferrari** passaram, uma há que gosta de referenciar. **Sabe quem era o senhor de barba loira, que uma tarde esteve aqui a tomar chá com o duque de Bragança?** Não faço a mínima ideia — digo. Após uns segundos de expectativa, lança-me o nome: **D. Manuel que se deslocara a Portugal incógnito do exílio onde se encontrava. Quando o meu pai emocionadíssimo lhe chamou Sua Majestade ele respondeu: está calado Mourão porque eu agora não sou ninguém...**

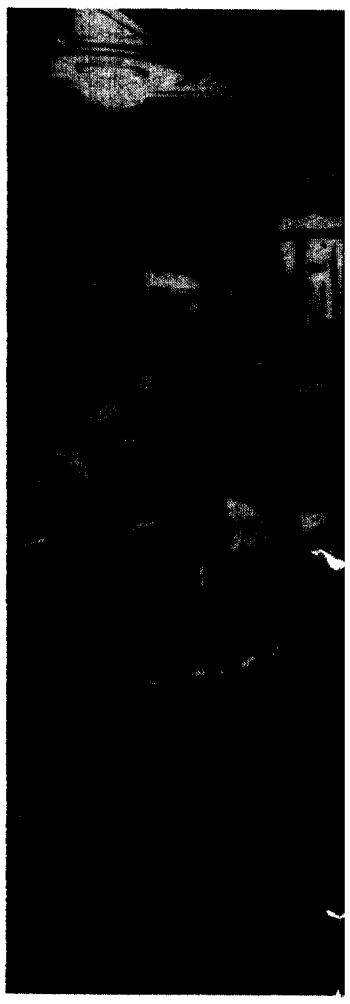
Romantismo

Lisboa do romantismo, leviana e superficial, convergia para o Chiado. O seu coração, o mundo. **Aqui palpitavam as enchentes, os refluxos, as marés dos seus entusiasmos, das suas dores, das suas elegâncias, se fizeram paixões, vaidades e reputações** (Gustavo Matos Sequeira). A aborrotar de sedas, de veludos gregos, de rendas de Bruxelas, de musselines suiças, as lojas da Rua **Garret** tentavam as senhoras que se passeavam com os corpos comprimidos pelas cintas da madame **Pompadour.**

Lânguidas e dissimuladas, as alfacinhas, entre as duas e as cinco, deambulavam pelo Chiado. Ver montras, ir à modista folhear o **Fígaro-Modes** e finalmente o chá, remate fatal da tarde. Nunca falhavam à cerimónia do chá, particular ou pública, era obrigação a cumprir como o dia dos retalhos no Grandela. **O chá é um hábito inglês muito elegante que consiste em se reunirem várias pessoas bem a estragarem o apetite para o jantar. A lisboeta adoptou-o e já não seria capaz de atravessar o cabo das cinco horas sem uma chicara de chá e dois muffins com manteiga.** Escreve um cronista da Ilustração Portuguesa.

Lisboa prepara-se para a urbanidade, fustigada pela aragem europeia, tenta acompanhar a cedência modernista.

À medida que cresce, resina-se com a proliferação de novos-ricos e as inovações que lhe alteram a face provinciana, meio saloia. Capricha nos anúncios comerciais, que instigam o pagode ao consumo e enche-se de cafés e pastelarias, mais ou menos ricos, de acordo com os bairros em que se instalam e as classes sociais a quem se destinam. Há áreas que se contentam com as leitarias, do galão e do queque,



Na Benard bebe-se chá...

sem nunca alcançarem o privilégio de possuir uma confeitaria fina, daquelas com espelhos por todo o lado e mobília **deco.**

Claro que nem todas as casas eram como a Confeitaria Nacional, na Rua da Betesga, que além de servir baptizados, casamentos e festas requintadas se gabava de oferecer um ambiente **respeitável, elegante e sereríssimo.** Depois de uma crise longa atravessada de falências e leilões, as pastelarias e os cafés reanimam-se com a aquisição das máquinas de cortar fiambre e da cafeteira **Expresso.** Uma maravilha técnica! Desata tudo a comer sanduiches em pão de forma e a beber café à maneira italiana. E para não perder tempo ia-se de táxi, outra novidade espantosa. Reinaldo Ferreira, **repórter X** o sugere, nas sugestivas histórias policiais, que publica no jornal ABC. Num táxi tudo podia acontecer, até os mais intrincados mistérios...

Nas hostes femininas anunciam-se sinais de rebeldia. As mulheres cortam o cabelo à rçonne e reivindicam o direito a voto. Tanto mais que se permitem aulas de ginástica nos liceus de meninas, como por exemplo no **Maria Amália** onde a professora Hermínia da Câmara ministrava aulas de Educação Física às alunas, timidamente vestidas com sainhas pelo meio da coxa. O que não invalidava a dedicação aos borddos e costura, coisas que convinham a uma futura dona-de-casa saber.

O estilo Dama das Camélias, enfermiço e pálido, deixa de se usar e as mulheres aproveitam para soltar os corpos. Com o adeus às barbas de baleia, os seios das senhoras descaíram, recuperando a naturalidade. Havia-os também em doce, chamados **peitos de Vénus** que eram uns bolos de gema em forma de seio com um mamilo pintado a claro de ovo, e o respectivo bico, efeito fornecido por uma amêndoa cor-de-rosa. Outros bolinhos secos, próprios para acompanhar o chá alegravam as montras das confeitarias que também não dispensavam os fabricos tradicionais da fruta coberta ou cristalizada. Famosas eram as peras doces da Marques e da Benard...

Sobre a falecida **Marques,** paz à sua alma, no seu lugar vive um negócio insípido. Com respeito à **Benard** escapou por um triz, de morte, graças a **Maria Augusta,** nome ligado a lojas de pronto-a-vestir, que num acto de coragem a tomou de trespasse, impedindo que o Chiado perdesse mais um ente querido. **Gastei mais dinheiro do que esperava nas obras mas, como comerciante que sou, estudei o assunto de modo a não ter prejuízos. Negócio? Razoável... não vai mal.**

Da velha **Benard** ficou o nome e a fachada, porque o interior foi completamente revolvido. É **outra,** depois da operação plástica que importou em muitos milhares de contos, mas o mau gosto não se alojou nela. À parte um ou outro pormenor, não fere a sensbilidade, não incomoda, não enerva, o que neste país começa a ser raro. Pode-se perfeitamente lá tomar chá, sem que sejamos acometidos pela vontade de fugir. O salão prima pela simplicidade, com as suas paredes de claras que têm, por adorno, pouco mais do que os quadros do pintor **Estêvão Soares,** inspirados em motivos de Lisboa.

Evidentemente que já não é a **Benard** onde **António Sérgio** entrava de vez em quando. Nem a de **Ramada Curto** que por não suportar o chá da Brasileira trocava o seu café preferido pelo estabelecimento vizinho, visto que este confeccionava um chá de óptima qualidae. Nem sequer a confeitaria que a esposa de **Américo Tomás** e filhas frequentavam quando vinham à Baixa.

Ao balcão da Ferrari, a despachar...

Junto à ombreira da porta da **Benard,** na posição de observador, colocava-se Leal do Zêzere, «o senhor conde» como lhe chama a **Maria Augusta.** De facto o conde, porque na realidade o é, era uma figura do Chiado. Sendo mais inclinado para os exteriores, ar livre, nada lhe escapava, do seu posto privilegiado. Fala-me de **Afonso Lopes Vieira,** «o príncipe dos poetas» que abancava numa mesa com a sua corte de admiradores. De **Rocha Martins,** «amigo de bebidas finas», que esporadicamente, depois de uma forte ressaca, também derivava para o chá. Dos inseparáveis João de Barros e Joaquim Manso, director do «DL» que, de longe em longe iam conversar com uma chávena de chá na frente. Do realizador de cinema, António Duarte, do almirante Cabeçadas, de Carlos Silva e de Lopes de Oliveira, responsável pelas edições Inquérito.

É verdade que uma certa atmosfera intelectual desmanchava ligeiramente, contradizendo-o, o ambiente declaradamente fútil da **Benard.** Não apenas fútil, profundamente conservador.

Contudo as hipóteses de tomar chá não se esgotavam nas confeitarias que apontei. Muitas outras pastelarias da Baixa o serviam com torradas e bolos secos, tais como a **Bijou** da Avenida, o Salão **Império** nas escadinhas de Santa Justa, a **Violette** e a Arcada de Londres. Já para não aludirmos aos chás particulares, na intimidade das moradias, que as famílias da alta sociedade e os diplomatas estrangeiros ofereciam a um número restrito de convidados, nos seus dias de **receber.**

Com a ascensão da burguesia e os ventos do século vinte que varriam Lisboa, a classe média tem tendência a desviar-se para os bairros novos, acabados de construir.

Assiste-se, portanto, ao irradiar da vida citadina para as imediações da Avenida da Liberdade e Rotunda, do que resulta uma multiplicação de **centros.** É neste afã de rasgar a cidade, fazê-la mais ampla, que se constroem as Avenidas Novas, bairro desafogado de prédios vistosos, alguns deles de arquitecto, e que procuram corresponder ao «último modelo» em matéria de estilo. Cortam-no cinco grandes artérias de inspiração moderna, numa simetria rigorosa. Respirava-se naquele conjunto, dominado pela estátua do Duque de Saldanha, onde se juntam as assinaturas do escultor Tomás da Costa e do arquitecto **Ventura Terra,** civilização, higiene arejamento — o oposto da cidade velha, labiríntica, suja e impregnada de cheiros.

Então, ao findar do século passado, uma classe média com aspirações que «**nunca conheceu o chapéu alto, que fez o corso depois da toirada à portuguesa, que construiu árvores de viveiro exótico... e abriu patisseries**», toma posse de um território onde se reconhece. Africanistas, donos de roças de café e cacau, mandam erguer edifícios nas Avenidas Novas, alguns dos quais com risco de arquitecto, mas sendo a maior parte da construção, no entender de **Jorge Segurado,** «muito má». De resto, o tempo o tem provado, já vimos alguns ruir.

Foi num desses edifícios, no princípio da Avenida da República que a «**Versailles**» se instalou e, mais tarde, no bloco fronteiro, a **Colombo,** cujo nome e decoração exterior se propões evocar a descoberta da América. Ambas reflectem uma certa mentalidade, ambas denunciam um certo pretenciosismo. Já foram ponto de encontro de senhoras desocupadas que se regiam por valores conservadores e falsos, mas actualmente o clima matizou-se com a introdução do balcão e das refeições populares. E depois: cada vez mais escritórios, mais comércio a implantar-se nas **Avenidas** leva, inevitavelmente, lá uma gente diferente daquela que a elegera como lugar fino, num passado ainda recente.

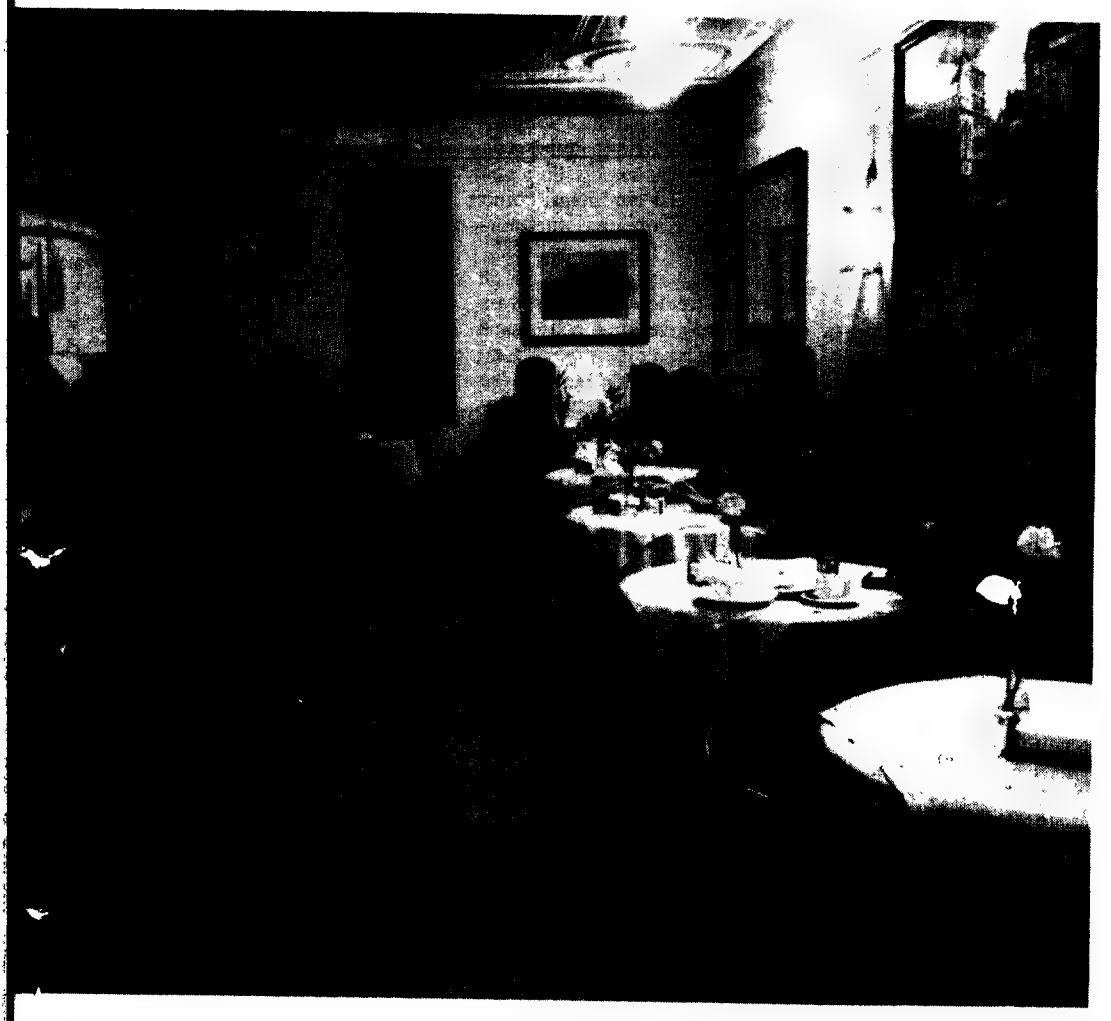
Porém nunca as casas de chá da área do Saldanha se poderiam comparar, em termos de snobismo, à **Caravela** do Chiado, fundada por Matilde Sousa Lara ou às **Vicentinas** que abriu, pela primeira vez, a porta no dia 4 de Dezembro de 1963. Esta sala de chá da Rua de S. Bento pertence à associação de caridade, S. Vicente de Paulo, obra animada por damas da aristocracia. Com efeito, no início, abundavam as condessas e marquesas, basta olhar para a lista dos nomes das fundadoras. Eram a marquesa de Ficalho, a viscondessa da Asseca, a marquesa das Minas, a condessa das Torres, etc..., todo um naipe de representante da nobreza. É de vê-las nas fotografias da época que os jornais publicavam, com os vestidos de veludos e rendas, as toucas e os bandós. Isto, nos anos vinte e trinta.

Em 1963 já havia pouco sangue azul a girar em volta da iniciativa, o empreendimento resolvera aceitar outras classes sem títulos, embora ainda nele se afirmasse uma boa dose de elistismo.

No presente, a frequência é menos **bem** porque o 25 de Abril afastou muitas das senhoras para fora do País e a obra, em si, também se remeteu a uma discreta actuação. Não acabou, mas fez o possível para não dar nas vistas. «**Quando começámos o objectivo era o escoar os trabalhos feitos no barracão que a associação de S. Vicente de Paulo possue na Curraleira. Fundamental vender o material... Aconteceu que a câmara nos cedeu esta casa,um antigo armazém de bananas e nós para atrair mais pessoas decidimos servir chá e 'scones'. Devido ao sucesso, actualmente já dispomos de uma cozinheira de bolos e salgados**». Eis a versão de Mariazinha que por não aguentar a solidão da viuvez decidiu entregar-se por inteiro à obra em questão.

A casa de chá das **Vicentinas** tem os melhores «**scones**» de Lisboa e bolos caseiros fabulosos. Em realce: bolo de chocolate, tarte de leite condensado e moka. A fatia, para contentamento dos gulosos. **Mariazinha** sente-se feliz com a conversa, com a troca de impressões que lhe permite colmatar as insuficiências no terreno afectivo. Distrai-se e, provavelmente, sente-se útil, assim, no desempenho de uma espécie de relações púbicas, naquela casa de chá. «**Em 74 quando toda a gente estava alarmadíssima, com os cabelos em pé, nós continuámos a trabalhar. Entretanto, verificou-se uma mudança interessante, vieram pessoas mais novas e a coisa não caiu... graças a Deus**».

Sobre o ambiente impõe-se fazer um reparo: posto que as vicentinas, neste momento, traduzam uma maior heterogeneidade, uma pessoa de ideias arejadas não deixa de ser um intruso no ritmo das vibrações que se espalham naquele lugar. Mesmo os jovens, netos ou parentes dos antigos clientes, parecem parados. Estão a precisar de um fortificante, capaz de lhes insuflar alento para quebrar com o passado. Nestas circunstâncias não aconselhamos o chá...



Num acidente de viação, em Barcelona

Morreu Carlos Capítulo

Carlos Capítulo, atleta do Sporting, morreu ontem à noite num acidente de viação, em Barcelona.

O infortunado atleta (25 anos) preparava-se para participar amanhã no Prémio Granollers de atletismo, na capital catalã — disse um informador da empresa patrocinadora do fundista do Sporting.

Após jantar com um dos organizadores da prova, Carlos Capítulo apanhou «boleia» no automóvel do dono do restaurante, que acabou por se despistar a caminho do hotel onde estava hospedado.

Carlos Capítulo ganhou várias provas internacionais em França e Inglaterra e também a última S.

Silvestre da Amadora, à frente de Carlos Lopes.

No último Troféu Aquiles, ganho por Dionísio Castro, ficou em quarto lugar.

Ao Sporting e aos seus familiares, o «DL» apresenta os mais sentidos pêsames.

Hóquei em Patins

FC Porto e Sporting na Corunha

As equipas principais do Sporting e do FC Porto encontram-se na Corunha, a disputar um torneio internacional também participado pelo Liceo Caixa Galicia e pela equipa argentina da Uniao Vecinal de Trinidad.

As turmas lusas venceram os primeiros confrontos, tendo o FC Porto derrotado os argentinos por 7-6 enquanto os «leões» triunfaram perante os espanhóis por 4-2. Os conjuntos lusos actuaram (e marcaram) assim:

FC PORTO: Franklin, Realista (2), Alves (2), Victor Hugo (2), Victor Bruno. Suplentes Castanheira (1) e Carvalho.

SPORTING: Sousa, José Carlos, Trindade (1), Nunes (1) e João Pedro (2). Suplente: Campelo.

O torneio prossegue hoje e termina amanhã.

Campeonato nacional

Por cá, realizam-se alguns encontros correspondentes à 11.ª jornada do «nacional» da 1.ª divisão. O programa é o seguinte: Benfica-Sanjoanense e Sesimbra-Barcelos, (às 18 horas) e, três horas depois, teremos: Paço de Arcos-Juventude de Viana, Famalicense-Sp. Tomar e Valongo-Oliveirense:

Recorde-se que o Porto já havia antecipado o jogo com o Parede tendo vencido por 4-1, enquanto o confronto Sporting-Ferpinta está marcado para o dia 4 de Janeiro.

A classificação é liderada pelo FC Porto com 31 pontos (mais um jogo) seguindo-se o Benfica e a Oliveirense com 25.

Asa delta

Portugueses na taça do Mundo

Uma equipa portuguesa vai participar pela primeira vez na Taça do Mundo de voo livre em asa delta, cuja edição de 1987 se disputa na Austrália, entre 24 de Janeiro e 9 de Fevereiro.

A deslocação da seleção nacional de voo livre em asa delta à Austrália é a primeira presença do voo livre português no hemisfério sul e a única representação nacional de um desporto aeronáutico no estrangeiro prevista para 1987.

A seleção portuguesa é constituída pelos pilotos Miguel Santana, de 24 anos, e José Figueiredo, d 23, ambos do Aeroclube de Portugal.

Miguel Santana, instrutor de voo livre e de asa delta motorizada em diversos clubes portugueses e grande impulsionador da modalidade em Portugal, é o mais internacional dos dois pilotos seleccionados, tendo participado nos últimos campeonatos do mundo (em 1985, na Áustria) e da Europa (em Julho de 1986, na Hungria), competições que alternam anualmente.

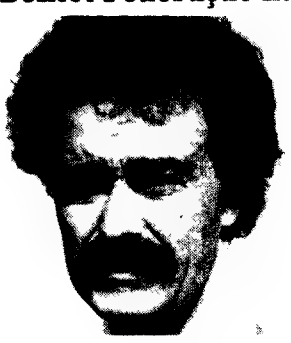
No mundial, em que Portugal obteve colectivamente o 23º lugar, sendo Ricardo Costa o melhor português (17º), Miguel Santana conseguiu o 40º posto e no europeu foi 67º classificado, entre 80 pilotos.

O primeiro piloto nacional no europeu foi Rogério Coutinho (trigésimo terceiro), terminando a selecção portuguesa no 20º lugar.

Quanto a José Figueiredo, estudante universitário, iniciou-se há quatro anos na prática do voo livre em asa delta, estreando-se internacionalmente no campeonato do mundo da Áustria, onde foi 50º classificado. Recordista nacional de voo livre em 1985, José Figueiredo foi igualmente seleccionado para o europeu deste ano, mas acabou por não participar.

PONTA ESQUERDA

Bento: Federação não o larga



BENTO, volta a ser alvo de um processo disciplinar mandado instaurar pela Federação Portuguesa de Futebol com «base nas expressões utilizadas numa entrevista dada à RTP, no programa «México-86», transmitido no dia 29 de Junho». No mínimo, é estranho que o anúncio de tal preceito disciplinar surja meio ano depois da «falta» referenciada pelos dirigentes federativos. Coisas:

Belenenses contesta árbitro

Um caso mais ou menos inédito, aconteceu no recente encontro entre as equipas de «reservas» do Sporting e do Belenenses, realizado no Estádio de Alvalade, e que teve como protagonista o árbitro António Ribeiro do CA da AFL que dirigiu a cartolina amarela a nada menos do que 11 elementos. Foram «contemplados» os futebolistas Djão, Venâncio, Murça, Paulo Monteiro e mais os sete componentes do banco azul. Este caso deu origem a vigoroso protesto do CF Belenenses que remeteu uma exposição à AFL manifestando mágoa pela actuação do árbitro e seus auxiliares rotulando-os de «demonstrarem incompetência e abundância de erros que tiveram influência no resultado e no comportamento desportivo dos jogadores».

Humberto Coelho: que destino?

HUMBERTO COELHO reafirma o propósito de colocar o lugar à disposição da direcção do seu actual clube (SC Braga) se, amanhã, não conseguir pontuar frente aos comandados de John Mortimore, no confronto a efectuar no palco da Luz.

A **CASA TRAVASSOS**
fecha o Ano com chave de ouro, pois vendeu a
SORTE GRANDE
da última Lotaria do Ano
7251=120 Milhões!!!
(Número certo)
Confirma-se, se quer ser Feliz habilite-se nos
TRAVASSOS
Enviamos jogo pelo correio. Pedidos para:
Apartado 2038 - 1101 Lisboa Codex

"Mundialito" será montra de saudades

Edson Arantes do Nascimento, «rei» Pelé, vai regressar ao futebol com a mesma ilusão e entusiasmo de um principiante, para disputar o «mundialito» de veteranos, a realizar em S. Paulo, entre 4 e 18 de Janeiro.

Desde que abandonei o futebol, em 1978, sentia que me faltava qualquer coisa. Por isso o meu regresso aos estádios tem o mesmo significado de quando vesti pela primeira vez a camisola 10 da selecção do Brasil, em 1958, afirmou Pelé. Agora, com 46 anos e com o mesmo peso que quando jogou na selecção brasileira que ganhou o tricampeonato mundial no México, intensificou a sua preparação **para estar em boas condições técnicas a 4 de Janeiro, para o jogo frente à Itália,** que vai trazer Mazzola, Rivera e o guarda-redes Dino Zoff, na abertura do «mundialito» de veteranos.

Tenho grande confiança em voltar a ganhar à Itália e vingar a «ferida» que os «azzuri» nos fizeram, em 1982, no Mundial da Espanha, acrescentou Pelé, que marcou 1284 golos na sua carreira de futebolista com a camisola da selecção do Brasil, e das equipas do Santos e do Cosmos (de Nova Iorque). O «rei», considerado como o melhor jogador do mundo dos últimos 30 anos, nunca se submeteu a intervenções cirúrgicas para debelar lesões, e desde que «arrumou as botas» (em 1978) manteve-se em permanente actividade física, apesar da sua condição de próspero homem de negócios e relações públicas da Warner Communications, dos Estados Unidos.

Embora tenha actualmente muita actividade, nunca mais me senti bem desde que abandonei o futebol, disse Pelé em entrevista ao «Jornal do Brasil», salientando que espera com **grande emoção** o início do torneio mundial de veteranos.

Estou com uma vontade enorme de regressar aos campos e jogar futebol: e mostrar aos jovens que ainda posso realizar boas jogadas, disse ainda Pelé, acrescentando que **perante a Itália, no jogo de abertura, a minha entrega será total.**

O antigo futebolista diz que a selecção do Brasil (que conta com «estrelas» como Rivelino, Jairzinho, Clodoaldo, Marco António, Ado, Joel e Luís Pereira) está bem preparada e optimista para ganhar o título mundial de veteranos, mas expressou a sua nostalgia pelas ausências, como a de Mané Garrincha, que morreu no Rio de Janeiro, em 1983.

Pelé vai só jogar a partida de abertura frente à Itália, pois os seus compromissos comerciais impedem-no de permanecer no Brasil até dia 18 de Janeiro. **No entanto, a equipa tem jogadores iguais ou melhores que eu para os confrontos com a Itália, Uruguai, Argentina e Alemanha,** sublinhou Pelé.

As restantes selecções do Mundial de veteranos, a disputar de dois em dois anos e com equipas que ganharam dois ou mais títulos mundiais, vão apresentar também antigos «astros» do futebol: a Argentina faz alinhar Kempes, Ardiles e Olguin, o Uruguai leva Morena e Rocha, a Alemanha Federal exibirá Overath, Breitner e o «kaiser» Beckenbauer (actual seleccionador nacional da RFA) e os italianos Mazzola, Zoff, Rivera e Facchetti.

Durante o «mundialito» vai ser disputada a Taça Pelé, que tem um metro de altura e ficará em poder da selecção que totalize mais pontos dos mundiais a disputar no Brasil (1987), Argentina (1989), Alemanha Federal (1991), Itália (1993) e Uruguai (1955). O investimento dos torneios, por cada jogador, é de um milhão de dólares (150 mil contos). Os jogos do Mundial de veteranos serão transmitidos pela televisão para 45 países.

Futebol soviético

Técnico preconiza reformas

O treinador principal da selecção de futebol da URSS, Valeri Lobanovski, disse que «a nova época futebolística deverá ser uma época de reformas», adiantando que «se assim não for será muito difícil recuperar o tempo perdido». «Seria lamentável que tal acontecesse», considera Lobanovski, «tanto mais que o futebol soviético se encontra, hoje em dia, a atravessar umas fase de ascensão notória».

No tocante à participação da selecção soviética no Mundial-86, Lobanovski é claro: «Estamos extremamente insatisfeitos com a actuação da selecção da URSS no México. É esta a opinião de todo o colectivo de treinadores e, de um modo geral, de todo o colectivo da selecção. A única satisfação é a resultante do facto de, apesar de tudo, a nossa equipa ter sido considerada uma das melhores.»

Passo em frente

Depois de referir que **o programa do futebol baseia-se na garantia organizativa, na base material e nos fundamentos metodológico e científico,** Valeri Lobanovski sublinha: «Mas, no nosso futebol, tenta-se ainda manter a estrutura organizativa fundada em 1936 e que, após a guerra (1941-1945), só foi ligeiramente aperfeiçoada. Isto quer dizer que deveríamos, há muito, ter dado o necessário passo em frente». «Sem isso», acrescenta Lobanovski, «nada poderemos fazer no futuro.

Na sua agenda

HÓQUEI EM CAMPO:

Para uma partida decisiva para atribuição do título, realiza-se, pelas 10.30 horas de anhã, o encontro Dramatico de Cascais-Ben-fica (campo Guilherme Salgado), que sera dirigido pela dupla Vitor Rocha/João Gomes.

Outros jogos: hoje: Belenenses-Caramão (14.30) e Hoquei Clube-Carris (15h). Amanhã: Trajouce-Futebol Benfica (11h).

Futebol de 1ª

Jornada para fortes emoções

Portistas de abalada até Elvas, sportinguistas a caminho de Guimarães, Belenenses voltam a visitar Chaves (recorde-se que no passado domingo «tombaram» por concludente 4-2 para a Taça); bracarenses (com Humberto Coelho de «baraço ao pescoço») vêm «medir forças» com o Benfica; varzinistas vão fazer novo teste aos brasileiros, ingleses, zairenses e talvez um ou dois portugueses que actuam no Farense; os comandados de João Alves (confirma-se que este será o «adeus» do técnico boavisteiro?) deslocam-se ao Funchal onde se aquilatará do ambiente após a despedida do técnico Stefan Lundin, e em Paranhos, o clube local (Salgueiros) terá como parceiro a Académica.

Aí tem o amigo leitor um vasto programa de onde poderá escolher o espectáculo que lhe ficar mais «à mão» e convenhamos que a escolha não será fácil para o adepto neutro, já que para os demais é bem de ver que estará junto dos seus.

Para «coordenar» estes oito espectáculos (todos marcados para as 15 horas de amanhã, com excepção do Marítimo - Boavista, que se iniciará uma hora depois), o Conselho de Arbitragem da FPF nomeou os seguintes árbitros:

Salgueiros - Académica, **Rosa Santos** (Beja); Rio Ave - Portimonense, **Raul Ribeiro (Aveiro); Chaves - Belenenses, José Guedes** (Porto); Guimarães - Sporting, **Veiga Trigo** (Beja); Benfica - Braga, **Francisco Silva** (Faro); Elvas — FC Porto, Alder Dante (Santarém) Farense - Varzim, **Pinto Correia** (Lisboa) e Marítimo - Boavista, **Carlos Esteves** (Lisboa).

Divisão 2

— **ZONA NORTE:** Paços Ferreira-Espinho, Heliodoro Saraiva (Setúbal); Aves-Tirsense, Ramiro Viana (Braga); Gil Vicente-Leixões, Ezequiel Feijão (Setúbal); Lourosa-Trofense, João C. Gonçalves (Viana do Castelo); Bragança-Vizela, Soares Dias (Porto); Penafiel-Fafe, João Rosa (Évora); Lixa-Famalicão, António Marçal (Lisboa); Freamunde-Felgueiras, Jorge Rodrigues (Braga).

— **ZONA CENTRO:** União Leiria-Académico Viseu, João Mesquita (Porto); Covilhã-Águeda, Carlos Valente (Setúbal); Torreense-Estarreja, João Simãozinho (Leiria); Almeirim-Estrela Portalegre, Ilídio Rodrigues (Setúbal); Mirense-Feirense, Jorge Coroado (Lisboa); Beira-Mar-Peniche, Xavier Oliveira (Porto); União Coimbra-Guarda, Anibal Pereira (Porto); Mangualde-Marinhense, José Jesus Alves (Braga).

— **ZONA SUL:** Lusitânia Açores-Oriental, Vitorino Filipe (Faro); Montijo-Nacional, Sepa Santos (Lisboa); Barreirense-Olhanense, Manuel Varandas (Évora); Cova da Piedade-Estoril, Castela Parreira (Leiria); Atlético-Estrela Amadora, Carlos Carvalho (Porto); Esperança Lagos-Samora Correia, Fernando Rodolfo (Lisboa); Santiago Cacém-Vitória Setúbal, Santos Ruivo (Santarém); Sacavenense-União da Madeira, Joaquim Gonçalves (Porto).

Divisão 3

— **SÉRIE «A»:** Vieira-Vianense, Isidro Oliveira (Porto); Merelinense-Macedo Cavaleiros, Américo Santos (Porto); Amares-Vinhais, J. Costa Valente (Viana do Castelo); Limianos-Esposende, Bernardino Castanheira (Aveiro); Moreirense-Santa Maria, Ramiro Santiago (Coimbra); Neves-Valpaços, Vitorino Gonçalves (Porto) e Joane-Valdevez, Augusto Santos (Bragança).

— **SÉRIE «B»:** Pedrouços-Amarante, Tavares Silva (Aveiro); Valonguense-Ermesinde, Donato Ramos (Viseu); Paivense-Paredes, Agostinho Santos (Leiria); Cesarense-Lousada, Cunha Antunes (Braga); Oliveira Douro-União Lamas, Júlio Mouco (Leiria); Ovarense-São Martinho, António Santos Rocha (Braga); Marco-Vila Real, Marques Lucas (Coimbra) e Infesta-Leça, Evaristo Faustino (Leiria).

— **SÉRIE «C»:** Gouveia-Marialvas, Manuel Brás (Vila Real); Naval-Anadia, Luís Lemos (Viseu); Tondela-Mealhada, José Silvano (Vila Real); Tabuense-Oliveirinha, Ângelo Alexandre, (Santarém); Oliveirense-Oliveira Hospital, Miranda Sousa (Porto); Luso-Santacombadense, Carlos Dias (Coimbra); Oliveira Bairro-Belmonte, Francisco Graça Pereira (Braga) e Viseu e Benfica-Seia, António Ferreira Costa (Aveiro).

— **SÉRIE «D»:** Eléctrico-Caldas, António Rola (Santarém); Alcains-Mirandense, António Martins Marques (Portalegre); Bombarralense-Alcobaça, Carlos Sales (Lisboa); Ferrel-Paroquial Fátima, Amilcar Moreira (Coimbra); Portalegrense-União Santarém, José Pratas (Évora); Nazarenos-Guiense, Vítor Reis (Lisboa); Lousanense-Benfica Castelo Branco, José Maria Leitão (Santarém) Usseira-Marrazes, Júlio Bastos (Coimbra).

— **SÉRIE «E»:** Santa Clara-Sintrense, Joaquim Franco (Évora); Vilafranquense-Olivais e Moscavide, Fernando Costa (Lisboa); Santa Iria-Fronteirense, Francisco Barão (Setúbal); Cartaxo-Campomaiorense, António Galrinho (Setúbal); Cacém-Odivelas, José Serra (Évora); Pescadores-Quimigal, Henrique Santos (Santarém); Lisboa e Olivais-Vialonga, Andrelino Pena (Faro); Vitória Lisboa-Praiense, Fernando Mendes (Faro).

— **SÉRIE «F»:** Lusitano Évora-Vasco da Gama, António Jesus Santos (Castelo Branco); Piense-Louletano, Manuel Amendoeira (Setúbal); Seixal-Reguengos Monsaraz, Mário Leal (Leiria); Silves-Amora, Frederico Lourenço (Lisboa); Alvorense-Torralta, Serafim Alvito (Évora); Campinense-Moura, Vítor Batista (Lisboa) e Imortal-Juventude Évora, Manuel Rebelo (Lisboa).

Federação castiga

Para além da decisão de mandar instaurar um processo disciplinar a Manuel Bento — como, referimos noutro local — a FPF resolveu instaurar também processos disciplinares ao Boavista e aos futebolistas do Leixões António Moreira Nunes, Mário Alberto Gonçalves Gomes e Francisco José Jacques Abreu.

No caso do Boavista, o processo surge na sequência de **«prejuízos causados a terceiros pela transmissão televisiva do jogo Boavista-Glasgow Rangers, realizado no passado dia 4 de Novembro, a contar para a segunda eliminatória da Taça UEFA.**

Em relação aos jogadores do Leixões o processo prende-se com os resultados positivos no controlo «antidoping» que acusaram a ingerência da substância «heptaminol».

O futebolista do Benfica, Nunes, foi castigado com um jogo de suspensão e Nascimento (do Vitória de Guimarães) foi sancionado com um jogo de suspensão, pela UEFA, referente ao encontro disputado contra o Groningen, no estádio municipal de Guimarães a contar para a Taça UEFA.

Atlético de Moura: novo técnico

O Atlético de Moura contratou o técnico Fernando Casaca para dirigir a sua equipa de futebol substituindo Cano Brito, que pediu a rescisão do contrato devido aos resultados negativos da equipa.

O novo responsável pelo Moura dirigiu já esta época o Comércio e Indústria de Setúbal onde rendera Jaime Graça.

O Atlético de Moura é actualmente penúltimo classificado da Série «F», do campeonato nacional de futebol da terceira divisão.

Enquanto luta pela vida

Wilson Brasil oferta nova distinção ao "DL"

Wilson Brasil: o «mestre dos comentaristas» tem de vencer a doença

Uma vez mais o «Diário de Lisboa», através da sua secção desportiva, acaba de ser distinguido pelo jornalista e radialista Wilson Brasil, com a concessão do sexto «Gandula» ao nosso companheiro de trabalho Neves de Sousa.

Já distinguido com o «Gandulão» (troféu que é prémio para quantos são considerados, em cinco anos consecutivos, figuras destacadas no seu campo de actividade) Neves de Sousa é pela 6.ª vez referenciado como **«o comentarista do ano»**, por gentileza da apreciação crítica de Wilson Brasil, apresentada nas páginas da «Gazeta dos Desportos» e aos microfones da Rádio Comercial. Referindo-se ao nosso colega de Redacção, afirma Wilson Brasil: **«Discutido, convence, amplamente, pelo desassombro, pela coragem de dizer, aliando a esse comportamento vastíssimos conhecimentos que o tornam cada vez mais popular. Ultrapassou, com galhardia, o «Gandulão», mantendo o ritmo de grande. Receberá o 6.º «Gandula» a 1 de Junho de 1987».**

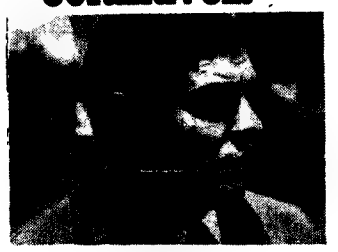
Nunca será de mais focar que Wilson Brasil, há seis anos radicado entre nós, trazendo na bagagem um imenso manancial de conhecimentos, plenamente justificativos do título que possui no seu país (**«mestre dos comentaristas»**) tem sido um incansável pioneiro de uma filosofia que sempre se encaminha para o amor ao semelhante: **«fazer o bem e homenagear em vida».** Em seu redor, apenas conhece amigos de «Frei Amizade», como bem o define Manuel Sérgio. Ora acontece que, ao mesmo tempo que nos congratulamos pela alegria do prémio, do mesmo modo desejamos que Wilson Brasil saia rapidamente da crise que o acometeu, recentemente, em São Paulo: um traiçoeiro golpe de coração colocou em séria equação a sua vida. Porém, temperado nos mil solavancos de uma existência agitada, caldeado por torrentes de emoções e sempre obrigados a absorvê-las no afã do quotidiano, rodeado por um mundo de amizades que com ele esgrimiram contra a doença, vamos voltar a abraçar o «Sessentão», a 2 de Janeiro, no Aeroporto da Portela. Wilson Brasil, certamente já recomposto da sua inuspeitada luta, voltará ao nosso convívio com dupla força: e os amigos festejarão o criador dos «Gandulas» como um pai, um irmão, um parceiro da aventura desportiva que sempre se renova e não pode travar. Wilson: temos encontro marcado, a 1 de Junho. Não esqueça!

Bibliografia desportiva

«Medicina Desportiva»

Encontra-se em distribuição o n.º 25 da «Revista Portuguesa de Medicina Desportiva», que tem no comando Manuel Martins e Renato Graça. Publicação bimestral, insere colaborações esclarecidas: «A importância da actividade desportiva na génese da espondilolistese, análise biomecânica de três modalidades desportivas» (judo, hipismo e ginástica desportiva feminina) da autoria de A. Pinto Camelo, Fátima Rodrigues, Ilídia Guimarães, Maria José Figueiredo e Resende Barbosa, «A aptidão médica nas actividades subaquáticas» (Nuno Craveiro Lopes) «1.ª Reunião de Medicina Desportiva de Felgueiras» (Raul Maia e Silva), «O desportista e o médico» (José Pedro Vieira da Fonseca) com um editorial da responsabilidade de José Manuel Morna Ramos, chefe de valência de Medicina Desportiva do Governo Regional da Madeira.

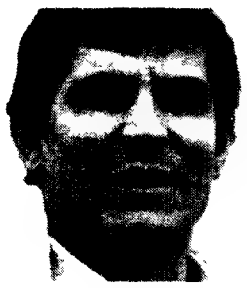
Colunáveis



FRANCISCO CALADO que tem vindo a dirigir o sector do futebol júnior do Benfica desde o primeiro mandato de Fernando Martins, acaba de ser escolhido, pelos seus parceiros do executivo, para assumir as funções que desde 1981 vinham sendo desempenhadas por Júlio Borges, o qual, como é sabido, pediu a suspensão do seu mandato alegando razões de saúde ainda que desde o confronto com o Bordéus — como então aqui salientámos — se conste estar de mala aviada para uma viagem até Macau.

JOÃO LOURENÇO antigo futebolista do Alcobaça e da Académica, e que se viria a notabilizar no Sporting (ninguém mais esquece aqueles 4 remates certeiros rubricados em pleno Estádio da Luz com Melo entre os postes) acaba acaba de ser convidado para integrar o Departamento de Futebol do SCP, do qual fazem parte Ferreira Canais e Oliveira Duarte.

JORDÃO continua em ritmo de preparação para aquilatar das suas actuais potencialidades físico-atléticas [illegible] Coimbra espera-se a todo o momento que o grande futebolista responda à proposta formal que lhe foi feita há cerca de 10 dias pelos dirigentes da AAC, que acreditam «na possibilidade da contratação do jogador».



LIVRAMENTO retoma as funções de técnico nacional de seniores de hóquei em patins, em obediência à reestruturação do sector técnico da Federação proposta por Ernesto Honório e que deverá completar-se com Carlos Dantas, Carlos Manaças, drs. Maia Ferreira e João Paulo de Almeida, Paulo Araújo, José Benedito, Vítor Ferreira e Luís de Almeida. Este grupo de trabalho assumirá funções em Janeiro próximo.

Futebol feminino lisboeta leva Carcavelos no topo

Com a realização de mais uma jornada (a 6.ª) prossegue com toda a regularidade o campeonato distrital lisboeta de futebol feminino.

O actual comandante (Grupo Sportivo de Carcavelos) recebeu no seu campo o estreante Clube Desportivo da Costa do Estoril, turma «sucessora» do Alapraia, formação com tradição nestas andanças do futebol feminino e que, na época transacta (ao que parece por questões directivas) abandonou a prática da modalidade. Todavia, a maioria das jogadoras, dirigentes e, inclusive, o técnico «transferiram-se» fundando (assim) o Costa do Estoril.

O duelo Carcavelos - Costa do Estoril foi disputado no Campo da Quinta Nova e dirigido por João Cardoso, auxiliado por Amílcar Abóbora e Matos Silva. Equipa de arbitragem com trabalho aceitável e correcto. As atletas formaram do modo seguinte:

Carcavelos: Luísa; Maria João Neves de Sousa, Céu, Tina Lagoas (cap.) e Elsa (Carla, 47); Beca Graça, Ana Banha e Isabel (Paula Jordão, 64); Ana Maria e Ana Torres. Suplentes não utilizadas: Anuska, Lina Machado e Fani. Treinador: prof. Nuno Cristóvão.

Costa do Estoril: Rosa: Manuela (cap.), Carmen, Paula Ramos e Pita: Kiki (Helena, 60), Fernanda, Cláudia e Lurdes (Nené, 35); Olga e Fátima. Suplentes não utilizadas: Elvira e Teresa. Técnico: António Knuss.

Marcadoras: Paula Ramos (10 m), Tina Lagoas (12) e Ana Maria (62). Cartão amarelo para Carmen.

Com o rectângulo bastante irregular, o Costa do Estoril soube adaptar-se melhor ao piso, mas o Carcavelos foi a equipa que maior perigo causou, criando boas ocasiões para marcar: não concretizadas por imperícia das suas atacantes, por mérito da guarda-redes contrária (Rosa) que realizou uma boa exibição.

Seriam as visitantes a abrirem o activo, na sequência de um pontapé de canto marcado do lado direito: aproveitando uma desatenção na marcação das defesas do Carcavelos (que deixaram completamente só, nas imediações da pequena-área, uma jogadora contrária) o Costa do Estoril não desperdiçou o ensejo de marcar. Contudo, a vantagem das visitas seria «sol de pouca duração». Depois de um «livre» bem apontado por Maria João Neves de Sous (do lado direito do ataque) Tina Lagoas entrou com muita oportunidade, cabeceando para o fundo da rede adversária e estabelecendo a igualdade com que se atingiu o intervalo, pese embora o esforço das jogadoras de ambas as equipas na tentativa de desnivelarem o «placard».

Na 2.ª metade do duelo, o Carcavelos continuou a pressionar o «onze» da Costa do Estoril que, a espaços, respondia através de rápidos mas ineficazes contra-ataques. Porém, logo aos cinco minutos o Carcavelos dispôs de excelente oportunidade para subir no marcador: Ana Maria foi carregada pelas costas (dentro da zona de rigor) mas Elsa, chamada a tentar converter o castigo máximo, não o fez da melhor forma, proporcionando defesa de Rosa.

Todavia, a equipa da casa não desistiu de perseguir a vitória: inclusivamente, trocou uma defesa por uma atacante, mas o discernimento já não era o melhor. O seu meio-campo agarrava-se demasiado à bola, não a soltando na altura devida, afunilando o jogo e, por isso, sentindo grandes dificuldades de penetração na defesa estorilista, que ia chegando para as encomendas. No entanto, o presente guia do campeonato viria a desfazer a igualdade, aproveitando uma soberana ocasião: por Ana Maria que, isolada, fez um «chapéu» à saída da guarda-redes. Estava feito o resultado final (2-1): Carcavelos continua (invencida) no topo da classificação.

Os outros resultados desta penúltima ronda da 1.ª volta foram os seguintes: Tenente Valdez, 3-Vialonga, 1 e Académico de Alvalade, 5-ISEF, 1. A tabela pontual está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
1.ª Carcavelos	5	4	1	—	11-3	9
2.ª Académico Alv	5	3	1	1	21-6	6
3.ª Odivelas	5	2	2	1	9-9	6
4.ª Ten. Valdez	6	2	2	2	13-10	6
5.ª C. do Estoril	5	2	1	2	6-5	5
6.ª ISEF	5	1	—	4	8-13	2
7.ª Vialonga	5	—	1	4	3-25	1

Moda no Desporto

Uma nova agência-escola de manequins: a «Claire Marshall», com direcção portuguesa de Fernando Cabral. A apresentação teve lugar na «Blue Ghost» (Rua Andrade Corvo, 27-B, Lisboa) durante uma passagem de modelos da colecção «Sportswear», linha «Champion» e «Snoopy», da marca «Cómer». O desfile teve a participação de 18 manequins: Ana Jardim, Ana Pereira, André Correia, Elsa Seabra, João Alegre, Lina Fernandes, João Miranda, Mafalda Martins, Noélia Policarpo, Rita Almendra, Ricardo Jorge, Rui Cardoso, Sandra Carvalho, Sandra Castro, Susana Nunes Sunny Gjomakaj, Tery e Yolanda Luís.

Mandlikova quer tornar-se australiana

A tenista checoslovaca Hana Mandlikova pretende naturalizar-se australiana.

Mandlikova, 24 anos, encontra-se em Brisbane para participar num torneio em Milton e reservou-se a comentar a notícia publicada no jornal. No entanto, Mandlikova adiantou que provavelmente iria divulgar brevemente um comunicado.

A sua treinadora, Betty Stove, desvendou algo ao afirmar: «Não há nenhum segredo. Não temos nada a esconder».

A comodidade dos Expressos

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

começa logo no serviço de reserva telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si **todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00.**
Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem.
E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de **compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.**

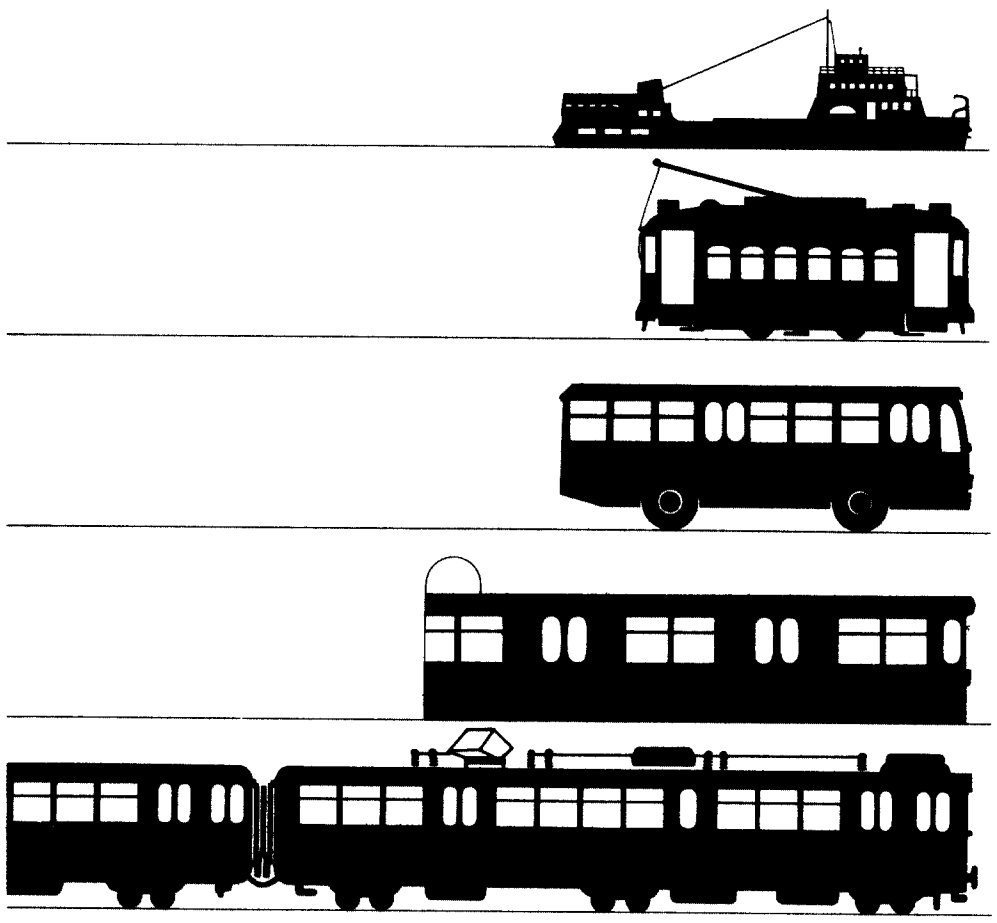
RN RODOVIÁRIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem

MKM markimage

À VENDA NA CP
PASSE SOCIAL
UM MUNDO DE TRANSPORTES AO SEU SERVIÇO



Combóio, a opção dinâmica

Pequeno teatro

Notícias da Cornucópia: reinvenção da tradição teatral

Carlos Porto

Aproveitamos um texto que nos foi concedido pelo Teatro da Cornucópia para trazer ao leitor algumas informações referentes a problemas do grupo que têm a ver com as obras da sala que normalmente utiliza (e que por isso trocou na circunstância pelo Teatro da Trindade), com a organização da temporada e com outros. Fazemo-lo, aliás, na sequência de um trabalho de Elsa Andrade sobre o grupo aqui apresentado em vésperas da estreia de «A Mulher do Campo».

As obras do Teatro do Bairro Alto

Como se sabe o TC está instalado na Rua Tenente Raul Cascais, numa antiga escola de dança, desde 1975. A sala é alugada à SEC pelo seu proprietário e a SEC cede-a ao Teatro da Cornucópia, uma parte, e outra à Galeria Cómicos (onde esteve anteriormente o Grupo Os Cómicos).

As instalações estavam a pedir obras há muito tempo (como se sabe chovia lá dentro), mas a complexidade e custo delas, bem como complicações burocrátricas, que o próprio estatuto das duas entidades que utilizam o espaço implicou, tornaram mais demorada a sua realização. Por isso, só no fim do Verão as obras puderam começar.

Essas obras consistirão especialmente no seguinte: «construção de uma galeria técnica no espaço da sala de espectáculos e mudança do local dos escritórios: o que significa maior conforto para o público e melhores condições técnicas sem alterar a configuração geral do espaço da sala e a sua flexibilidade em termos de criação de espectáculos».

Estão previstas melhorias no aspecto exterior, na colocação da bilheteira (a Fátima está de parabéns), na instalação de sanitários, no espaço da Sala Manuel Porto, no bar e nas cadeiras do público. Acrescentemos a isto: a remodelação total da instalação eléctrica, a construção de uma teia sobre o tecto de toda a sala de espectáculos, a instalação de aquecimento (lá se vão as mantas que faziam parte do folclore da Cornucópia, diga-se a brincar, claro), construção de novos espaços de arrumações, carpintaria e cenografia, uma galeria de acesso à teia e à zona de serviços, camarins melhorados bem como os espaços de administração.

Mas, atenção: «a sala de espectáculos não será excessivamente alterada, as paredes continuarão negras», a sala será o mesmo rectângulo vazio onde poderão ser colocadas cadeiras ao nível do chão ou sobre bancadas. Apenas a instalação de uma teia electrificada sobre todo o espaço e a construção da nova galeria técnica (para som e iluminação) a irão alterar».

O TC num teatro à italiana

O TC começou com um Molière no Teatro Laura Alves, volta agora a um teatro convencional com **A Mulher do Campo**. Para Luís Miguel Cintra trata-se de «uma experiência positiva». Acrescentando, «o palco tradicional tem leis próprias que tendemos a esquecer na Cornucópia mas que fazem parte da tradição teatral e que é útil viver. «**A Mulher do Campo**«, que aliás estava prevista para o fim da temporada passada, pede uma sala como o Trindade, um palco à italiana, plateia, balcão e camarotes. A recriação do ambiente dos teatros desse tipo é um dado fundamental do espectáculo. Como se sabe, a Restauração marca em Inglaterra o início da instalação de teatros assim e a atmosfera da sala era nesse tempo parte integrante do espectáculo» (aliás, podemos acrescentar, a reconstituição de algumas cenas de «**A Mulher do Campo**«, justamente, no programa da BBC sobre teatro que a RTP 2 apresenta ao domingo, confirma as palavras de Luís Miguel Cintra). Voltemos ao director do TC: «A peça foi escolhida pensando já na sua realização durante as obras do Teatro do Bairro Alto num teatro à italiana. Mas é, de facto, uma mudança de linguagem, exige da parte dos actores outra maneira de estar em cena. E a própria cenografia tem de mudar. É mais fácil e mais difícil ao mesmo tempo. É outra coisa. Do ponto de vista prático é com certeza muito mais difícil. Não estamos em casa. Andamos com os tarecos de um lado para o outro. E constantemente teremos de montar e desmontar cenários para a realização de outros espectáculos que o INATEL já tinha programados. E sai caro. Mais caro que em nossa casa. No entanto o público ganha com isso. Ganha conforto.»

Projectos

Um dos aspectos interessantes do trabalho do Teatro da Cornucópia é o da coerência que o marca e que é geralmente reconhecida. Quando se fala em coerência, por exemplo, de reportório, isso não significa que o grupo se obriga a representar apenas um género dramatúrgico que se situaria no segmento de um teatro «soturno», para utilizar uma palavra utilizada por LMC, com que algumas pessoas injustamente definem o trabalho do grupo. Basta correr a lista das peças representadas pelo TC para se verificar que as coisas são muito mais complicadas e ricas do que isso. Acontece, no entanto, que a temporada passada foi assinalada por uma excepcional manifestação de cultura teatral, a realização do ciclo de Strindberg, que, por contraste, realça o tom da temporada 86/87 sem que hipoteque a companhia, supomos e ao contrário do que já se escreveu, a um teatro mais ligeiro, mais acessível, o que se diz nestas palavras por facilidade de expressão.

A Mulher do Campo, de William Wycherley, **Magia**, de Eduardo de Filippo, e **Auto da Feira**, são as peças programadas para esta temporada. LMC esclarece: «Não é o género dramático o que mais marca o nosso trabalho. Temos feito tantos. Peças tão diferentes, de tão diferentes países e épocas diferentes. Creio que é a nossa atitude para com o público e o teatro que define o trabalho da companhia. É certo que depois de uma temporada tão soturna como a do Ciclo Sindberg era urgente para nós e para o público mudar de tom. Mas as pessoas são as mesmas. E se há coisas que dêem coerência a esta temporada não é com certeza o género «comédia». É antes a de um teatro moral, por um lado, coisa que de modo algum é nova nas nossas preocupações (e note-se que fechamos a temporada com uma moralidade: o **Auto da Feira**, e não com uma comédia), e, por outro, a referência a três géneros dramáticos que são pontos de referência de toda a tradição teatral: a comédia, o melodrama e a moralidade. A comédia de Eduardo tem tanto de comédia como de melodrama. E gostaríamos de chamar a esta temporada: reinvenção da tradição teatral. Cremos que há condições para um regresso do público ao teatro. O teatro, o público português não sabe, mas é verdade, é uma tradição. Gostaríamos de ajudar a criar pontos de referência. Restabelecer laços com o público. Ainda que sempre difíceis, como é nosso hábito e gosto.»

Mas o Teatro da Cornucópia está já a pensar na temporada seguinte e tem em carteira um velho projecto, mais do que isso, um «grande sonho da companhia desde a sua fundação». Trata-se da obra-prima de Calderón **A Vida é Sonho**, que o Teatro Ibérico vai apresentar dentro de dias, e cuja tradução («esplêndida») foi executada por Manuel Gusmão a convite do TC e editada em 1973. Diz LMC: «Começaremos a ensaiar ainda nesta temporada para abertura da temporada 87/88. Depende como sempre da experiência da presente temporada o que programaremos para o ano. A companhia tem um método, um processo. Não tem mais. Ao contrário do que se pensa, estamos completamente dependentes do público. É nele que pensamos quando programamos o nosso trabalho. É ainda cedo de mais para responder à resposta do público a esta temporada.»

Ainda a propósito do arranque da temporada que este ano, e pelas razões «oficiais» do costume, está a ser excessivamente tardia, LMC explica: «A temporada deveria de facto arrancar mais cedo. Mas são raras as companhias que têm a certeza daquilo com que vão contar em termos financeiros e humanos. A actividade teatral não está organizada a longo prazo. É certo que, já que a maior parte da actividade teatral depende dos subsídios do Estado, facilitaria as coisas a realização do concurso anual mais cedo. Mas não creio que seja essa a única razão. Em Lisboa, pelo menos, onde se centra a actividade teatral, sente-se demasiado o Verão como ponto final do ano. É, digamos, antinatural para toda a gente sermos formigas a trabalhar durante o Verão para o Inverno. Os portugueses são cigarras.

Lugar do TC no teatro português

Como está quase tudo por estudar no teatro português, também o lugar do TC, ou de outros grupos está por analisar. Parece que não há razões para ter quaisquer reservas sobre a importância do grupo fundado por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo no que se refere à actividade teatral em Portugal nos últimos vinte anos. Ou, por palavras de LMC: «Julgo que o Teatro da Cornucópia sempre oscilou entre duas coisas: o teatro de reportório e o teatro de pesquisa. Que o seu lugar mais interessante não está na instituição mas na provocação. Digo com orgulho e com especial louvor ao Jorge (Silva Melo): actuou como alavanca para muita coisa boa e má que hoje se faz no teatro em Portugal. Tem tido um papel de consciência do teatro português que lhe é incómodo mas que é o seu único grande papel. Houve coisas melhores outras piores. Mas uma coisa, tenho a certeza, é verdade: houve sempre na Cornucópia uma inquietação, um gosto de descobrir, de inventar de novo, que sempre a impedirá de se rentabilizar ou de se vulgarizar. Que já é ponto de referência em muito espectador. Eu gostava pelo menos que assim fosse. Que não ficassem espectáculos, que ficasse uma maneira de viver e de viver o teatro. O salto constante de um género para o outro, a vontade de tocar todos os instrumentos do teatro e a necessidade de produzir continuamente, faz no entanto que essa inquietação corra o constante perigo de se cristalizar na mera realização do reportório normal.»

E se falássemos de Manoel de Oliveira?

A nosso ver a interpretação de Luís Miguel Cintra no filme de Manoel de Oliveira, **Le Soulier de Satin**, ficará como referência obrigatória não só na sua carreira como na história do actor português contemporâneo. Não desconhecemos, por outro lado, o interesse de Manoel de Oliveira pelo teatro, pelo concreto do trabalho teatral. Por isso: Manoel de Oliveira, um dia, no TC? No entanto, Luís Miguel Cintra não projecta convidar o realizador para dirigir um espectáculo do TC. Diz: «Gostaria muito, muito, sim, que a Cornucópia fizesse um filme a Manoel de Oliveira. Para nosso bem. Para dar aos meus companheiros de aventuras a sorte que me deu a mim. Considero a minha experiência de trabalho com Manoel de Oliveira como uma das melhores coisas que me aconteceram na vida. O Manoel de Oliveira ajudou-me muito a perceber o teatro e a pensar sobre as artes do espectáculo, ou sobre a vida. Mas o que mais retive dessa experiência é uma linha, ou se calhar, um ponto, uma lâmina entre a nossa alma e quem nos olha. Esse ponto, essa linha, não existem no teatro. O teatro é menos cruel. Como ele próprio diz numa entrevista exemplar a Bernard Sobel no 'Théâtre/Public': **O teatro parece-se com a vida, o cinema com a memória.**» São e não são a mesma coisa. E como ele acrescenta na mesma entrevista, nunca tentou fazer teatro nem tem vontade nenhuma disso. Julgo que o teatro tem mais a aprender com ele se ele fizer muito cinema. Que o cinema se ele fizer teatro. O Manoel de Oliveira é de toda a gente que conheci quem melhor sabe e gosta de olhar um actor. Mas julgo que o seu lugar é à nossa frente, olhos nos olhos, e não ao nosso lado, ou por trás de nós.»

Sem querer deixar de reconhecer razão nas palavras lúcidas de Luís Miguel Cintra, sabemos que Manoel de Oliveira tem, ou teve, um projecto de espectáculo teatral. O que para o espectador que somos nos interessaria muito. Embora a título excepcional pois, como o actor e o encenador da Cornucópia, também pensamos que o lugar do grande artista é com a câmara.

Milionário com acidentes de percurso

Paco Bandeira: "A RTP não cumpre

Neves de Sousa

Homem feito, curtido por mil sensaçoes. Escalou a encosta a pulso puro: conhece o sabor a fel, saboreia agora o mel. Um disco mais, nova etapa, outro acelerar de carreira: e ai temos Paco Bandeira, cidadão Francisco Veredas Bandeira, musico e poeta, artista de plano cimeiro, alentejano de cepa e homem esclarecido que, como tesoureiro da Sociedade de Autores, tem multifacetada obra. Onde íamos, Paco?

— Este disco («Bolero») tem caracteristicas diferentes do meu habitual, porque me preocupei mais com a melodia que com o aspecto harmónico ou rítmico que, regra geral, caracteriza as cantigas dos ultimos anos, em Portugal, isto explica-se: a maior parte das pessoas, em todo o mundo (estou aqui a lembrar-me, muito especialmente, do que acontece nos Estados Unidos) voltou ao tempo da melodia bonita e não àquela musica que é feita com intenção de afirmação de indivíduos que não têm talento. E até há gente que faz música rebuscada, complicada, cheia de malabarismos: que so os músicos muito esclarecidos entendem. Fazem música uns para os outros. E eu pensei que o publico para quem trabalho, de quem os artistas esperam o melhor julgamento, não esta todos os dias a evoluir, a estudar formas rítmicas e harmónicas. As pessoas trabalham, têm as suas vidas: e a musica é um diálogo que um sujeito tem de entender facilmente. Dai a minha ideia de fazer um disco que, sem vergonha nenhuma, contemplasse muito mais as melodias que a elaboração rítmica ou harmonica e apresentasse historias que toda a gente entendesse. A intenção foi fazer musica ligeira e popular: e nesse sentido trabalhei, ja com trechos deste «LP» feitos desde Maio.

Era meiga a música que a gente dançava: lembra-se, leitor? Havia umas brejerices que Paco recorda: **«enquanto elas entrarem com o «papel»...** É, um homem que conhece bem a solidão: e foi por pouco que não esqueceu a alegria, mas quando acertar no totoloto vai tornar cada garoto um rei. Não haverá mais bairros de lata, porque **«ele é que vai fazer a lei»**. É o Paco que vai dizendo:

— O próprio som que o disco tem reflecte o ambiente que a melodia traduz. Podia ter muitos efeitos sonoros (que são de graça, são dos estúdios): muitos ecos, muitas baterias a fazerem «repetidas» por computador, mas preferi ir buscar o som mais natural que os instrumentos têm. Só aparece um piano eléctrico e sintetizador, mais nada. E lá estão, as guitarras, os violinos, as baterias.

A voz salta das espiras. Com sarcasmo: **«anca 88, sem tirar nem pôr, com beleza de bailarina, para desfilar»**. Paco (quinta em Sintra, com piscina e «court» de ténis, **«cansado de muitas lutas mas sempre preparado para outras»**) vai dizendo:

— Vou agora à América do Norte para lançar canções deste disco, mas em inglês, porque os «camones» não vão na conversa da gente ir para lá «miar» em português, nem sequer se preocupam a discutir esse assunto. Têm complexos culturais, como nós. As versões que vou cantar foram feitas por mim e por um rapaz, chamado Ray Coelho, que está radicado no Canadá.

O disco girando: **«bebo este copo de ternura»**. Mais: **'atirei o olhar para as ondas do mar. Sou cantor, preciso de voar»**. O artista vai desferindo as flechas do seu arco:

— Estamos na época que pertence a outros colegas meus: Barata Moura, Carlos Alberto Moniz, os artistas que cantam para crianças. E os palhaços, o circo, que sobre uma vez à grande ribalta. Daqui a tempos virá o Carnaval, que a poucos artistas portugueses dá trabalho: aparecem montes de brasileiros, desses das telenovelas rodadas há montes de anos, que vêm cá sacar o máximo possível. E há também os grupos de samba que se organizam por aí. É lógico: se isso já acontece no futebol...

Um pouco menos drástico:

— Temos, também, outro caso: a maioria das festas e romarias que se realizam neste País são pagas por emigrantes, afinal a nossa melhor e mais constante entidade patronal.

Milionário, «com acidentes de percurso»

O dono da Quinta da Bela Vista está sujeito realizado. Começão, mal saído da adolescência, em terras raianas. Fez, no desenrolar do leque, locuçãi em Espanha, entremeada com música num conjunto daqui ao lado. E veio o serviço militar, aquilo que Paco considera «a tropa», grande fatia cumprida em Angola, mas larga quota em gabinetes de luxo, porque o nosso homem abrilhantava festas, era já preferido pela clientela. Estudou mais um pouco e, quando voltou a Lisboa, às portas do desemprego, conseguiu um grande apoio:

— Exacto, dessa senhora que muito respeito e se chama Hermínia Silva. Ajudou-me imenso: conseguiu que eu fosse gravar um disco no «Valentim de Carvalho», fui trabalhar em «boites», comecei a ganhar dinheiro graúdo, embora tenha tido alguns acidentes de percurso, especialmente devido a erros pessoais. Já lá vai...

Do «longa duração» sai champanhe de palavras: **«venha ver onde pôs a sua mão e a impressão digital que deixou no meu coração»**. Paco, de tribuna, hoje:

Brasil: que abraço?

— Quanto à tal «ponte cultural e artística luso-brasileira», **dá para rir: nunca funcionou. Foi uma jogada do Zé Nuno Martins, embaixador do Brasil em Portugal. Até lhe chamam aqui o 'o Chacrinha português». Está preocupado em ganhar dinheiro, mais nada. Se agora está a levar o António Calvário, o Artur Garcia e os artistas a cantarem o Max é porque quer ganhar dinheiro, pura e simplesmente. O Zé Nuno fez aqui** (em Portugal) **um trabalho bastante positivo para os brasileiros mas bastante negativo para nós: promoveu os seus convidados porque tem a Televisão por detrás, que dá muita cobertura à mediocridade sofisticada. E o Zé Nuno está nesse campo. Uma pessoa medíocre mas bem parecida, com uma boa gravata, uma boa engraxadela e um bom paleio tem logo a Televisão aberta.**

«E essa de 'ponte cultural'... A única pessoa que lá foi, englobada nesse letreiro, foi a Maria da Fé: e não aconteceu absolutamente nada porque a Maria foi desamparada. Não há Rádios portuguesas e os brasileiros estão-se nas tintas para nós. Mais: vetam qualquer artista de sucesso no Brasil. Muito sinceramente: os artistas portugueses que lá têm mais implantação (neste momento) sou eu e o Carlos do Carmo. O resto, podem lá levar quem quiserem que os brasileiros não vão aos seus espectáculos. E vão aos nossos (Paco e Carlos do Carmo) **porque nós temos uma linguagem em português, sem falar brasileiro: e os outros vão para lá imitar os brasileiros. Alguns dos artistas portugueses que querem fazer carreira no Brasil, paradoxalmente, tombam no ridículo de ir para lá cantar 'brasileiro'. Não têm (portanto) hipótese alguma de competir: há (até) artistas que imitam o Chico Buarque, o Milton Nascimento e querem fazer sucesso no Brasil. Segundo experiência própria, os únicos artistas que chegam aos brasileiros sou eu e o Carlos do Carmo, repito bem isto, porque percebem o que dizemos, o que cantamos, as histórias que contamos: e não levamos música de engraxadela. E aí, tenho sempre contra mim os artistas brasileiros, as editoras musicais brasileiras, que pensam que pode ser um perigo eu entrar por ali dentro e ser outro Francisco José, a roubar trabalho aos brasileiros. Eles defendem-se: e acho muito bem, estou ao lado deles, só que em Portugal não se consegue isso.**

Quem vence lá

Paco Bandeira ri, quase à gargalhada:

— A tal «ponte» só tinha caminho para um lado. Estava eu no Brasil e, por cá, a Gal Costa a ser recebida como se fosse a rainha de Inglaterra. Eu cheguei ao Brasil, trabalhei nalgumas Casas de Portugal, fiz dois espectáculos para brasileiros e muito pouca gente se apercebeu disso, como também pouca gente se apercebe quando se fazem (no Brasil), bons espectáculos por portugueses. E, quando se apercebem, fazem logo os possíveis para que ninguém divulgue. Não há nada para mais ninguém. O que existem são as Casas de Portugal, que contratam artistas portugueses e então levam, desde o Quim Barreiros ao Dino Meira, e ao Roberto Leal, que são os mais queridos. E é o Marco Paulo que, da última vez lá esteve, foi um autêntico fracasso.

Num desabafo:

— Mas, artistas ou homens do espectáculo, lá no Brasil, estão-se perfeitamente nas tintas para nós. E o público não nos conhece.

Cassetes «piratas«

Ha certo tempo, Paco Bandeira foi figura ainda mais controversa. Ele proprio não teve, muito recentemente, pejo em afirmar que «atigamente, ao tentar defender os outros, estava (tambem) a tentar elevar-me, colocar-me aos ombros deles. Cada vez que eu falava de trabalhadores e dos problemas das pessoas, eu passava a ganhar mais. Então, comecei a pensar que não e a falar dos ricos que se enriquece. Por isso, digo que tenho hoje muito mais cuidado, não va eu usar os problemas dos outros em meu proveito...». Confissão proferida para a jornalista Maria Clara e inserida no nosso colega «O Seculo» (edição de 3 do corrente). Paco e um **demolidor** ou estara cada vez mais consciente da epoca que atravessa?

— Mais que nunca: sereno e calmo. Não posso dizer que esteja realizado: so um idiota afirma isso. Mas, em termos de poder encarar o futuro sem preocupação, estou à vontade ara não colocar qualquer sofisma naquilo que afirmo.

Outra vertente do cidadão: o seu lugar de tesoureiro na Sociedade de Autores. Um tema: as cassetes «piratas».

— Cheguei a propor ao Governo, na altura em que foi encomendada uma lei, quando fiz parte de um grupo que estava a legislar (a pedido e mandato do ministro da Cultura, pelo Primeiro-Ministro e pelo secretario de Estado da Comunicação), que as fábricas de cassetes virgens fossem obrigadas a dizer a quem as vendem. Assim, ja sabiamos quem as comprava: ou era uma editora que produzia discos legalmente ou eram «piratas» para fazerem negócio sujo. Mas aí, parece-me que o Governo da altura não estava muito interessado em aclarar as coisas a fundo: porque, na maioria dos casos, no nosso país so as asneiras vão ate às ultimas consequências. Talvez a lei que se desejava criasse um certo embaraço a muito boa gente...

Ja se disse isso: Paco Bandeira começou do nada, de família muito pobre. Por isso, quando conseguiu ver uns tostões, atirou-se ao trabalho como um desalmado: a viola na mão, correndo tudo o que era mundo, embolsando o máximo possivel para fugir ao espectro da miséria, para nunca mais estar na mediania ou fazendo interrogações sobre o amanhã.

— Felizmente assisto a um caso que muito me honra: a juventude adere tremendamente às coisas que canto, aos «shows» que faço, porque sou em palco o mesmo homem simples que quero ser no resto do meu quotidiano.

Paco Bandeira volta ao assunto das cassetes, para dizer que «na tal lei que ficou na gaveta tambem me propunha que os discos de musica estrangeira vendidos em Portugal pagassem uma taxa de dez a quinze por cento para a construção de um grande auditorio de música popular, coisa que não foi possivel porque a minoria marginal neste país manda mais que a maioria legal.

«Neste aspecto, temos sempre a resistência do Governo e da lei, não digo da Justiça: porque a Justiça não existe. Mas a lei esta sempre contra: esta ou não aprovada, tem sempre artigos que ninguem entende e nunca mais terminam de ser lidos e acabam sempre por não se cumprir. Assim, e preferivel deixar o trabalho para os advogados tambem trabalharem. E ha outro obice: a maioria dos juizes , quando estão a julgar direitos de autor, não percebem patavina do assunto. Estão muito mais preocupados com outro tipo de codigo: os direitos de autor não são muito correntes nos gabinetes dos juizes. Dai que compense ser 'pirata' envolvido na fraude das cassetes: as multas podem ir de 20 a 50 contos, e o que costumam 'dar' por aí, nos tribunais. Prisão? Nunca apanham. E ganham num ano milhares, para não dizer milhoes de contos!»

Muito veemente:

«Temos essa certeza: em Portugal ha milionarios à custa de cassetes 'piratas'! Mais: em cada dez cassetes vendidas por aí, sete são 'piratas'!»

Francisco Veredas Bandeira nasceu no mês de Maio de 1945. Tem irmãos. Ele e a Olga estudaram: os do meio tiveram de trabalhar desde muito novos. Entretanto, Paco traçava a fronteira e ia ate Espanha, cantando num conjunto de amigos ou fazendo locução em radio raiana.

— Em Badajoz — recorda Paco. **«Mais tarde dediquei-me à agricultura: o curso de re-**

a lei. É a voz do dono"

gente agrícola. E veio Lisboa.»

Continua:

— Estávamos a falar de cassetes «piratas»: há editoras musicais que não gravam com artistas portugueses alegando que gravar um disco e trbalhar para os «piratas». Há muitos artistas que não têm suporte financeiro para poderem editar os seus proprios discos: e ficam com as pernas partidas...

A nivel mundial, somos o primeiro país a exportar cassetes 'piratas'. Creio que so Singapura e que nos ganha!»

«Comunista, fascista»

A primeira aparição de Paco Bandeira aconteceu no programa Curto-Circuito, que Artur Agostinho e Soares Louro produziam e era gravado no saudoso Teatro Monumental. Foi o início de bela carreira. Alguma vez travada. Paco?

— Houve tentativas, sim senhor. Especialmente quando, depois do 25 de Abril, Portugal acordou cheio de confusoes, com pseudo-revolucionarios por todo o lado. Tão depressa me chamaram «cmunista» como era rotulado de «fascista». Ainda um dia destes recordei que ate chegaram a pôr a minha fotografia na 1.ª pagina do «Republica» apelidando-me de «bufo da PIDE...!» Enfim: ja la vai esse tempo, a maioria dos que gritavam desapareceu de cena e a parte restante ja me conhece bem...

Autores portugueses

«Rico? Talvez: de amizades. Tenho, realmente, uma vida confortavel, mas à custa do que ganhei, do que vou cobrando pelo meu trabalho. E, para alem da qualidade de autor e interprete musical, continuo a ser tesoureiro da Sociedade de Autores, incluido na excelente equipa de Luis Francisco Rebello, um bloco que (julgo, sem falsa modestia ou jactância) que muito tem contribuido para a dignificaçao do autor.»

Paco vai desfilando:

— Os autores portugueses, que são socios da nossa Sociedade e que nos representamos são a maioria ou a quase totalidade da classe. Quand estão em dificuldade, recebem um subsidio mensal superior à assistência social que o Pais da. Quanto à defesa dos direitos dos autores produtivos, que estão vivos, temos uma rede de inspectores e de contencioso ao seu dispor. E ai esta o Luis Francisco Rebello, que e um «expert» no dominio da legislação do direito do autor, que tem feito tudo quanto esta ao nosso alcance, denunciando, apreendendo, controlando, ajudando a Policia na tarefa de impedir maiores danos aos autores, de combater a criminalidade que grassa no nosso país e tanto lesa quantos escrevem musicas ou textos. Complementando a nossa obrigação (e para proteger os autores que não têm acesso aos meios de comunicação) montamos uma estaçao de radio e so não começamos ainda a emitir porque somos pela lei: mas essa estação servira (apenas e so) para promover e divulgar autores e obras portuguesas. Esta implantada nas nossas instalaçoes, na Avenida Duque de Loule, no n.º 104.

RTP nas ruas da amargura

«Nestes últimos anos, em que estou na direcção da Sociedade de Autores, tenho assistido e participado em iniciativas que visam sempre a dignificação do autor. Mas esbarramos sempre com o tal problema: não somos lei, as autoridades desleixam-se, têm mil desculpas para não nos ajudarem como desejávamos na «caça» e castigo dos que vivem clandestinamente à nossa custa. E desculpem o que digo: muitas vezes, fica a ideia de que as autoridades estão mais ao lado dos marginais que dos cidadãos que trabalham legalmente. Provavelmente porque os marginais já são em maior número...

Cáustico, implacável:

— Julgo que a Sociedade de Autores tem estado a esgotar a sua vocação, porque depende de quem manda no nosso sector e a luta, por vezes, obriganos a pensar se valerá a pena nadar contra uma corrente muito forte...

«Gostava que soubessem uma coisa: a Televisão não tem ajudado o autor português. Sei, por exemplo, do projecto de programa que o João Maria Tudela tem para a divulgação e expansão da nossa música e tenho notado nele uma tristeza desanimante, porque a RTP prefere produtos importados àquilo que é nosso. Creio que estão a dar com os pés no plano do Tudela, e é pena. Seria uma boa pedrada no charco, porque os programas que levam os artistas portugueses à Televisão são todos particulares. São do Carlos Cruz, do Solnado, do Fialho Gouveia: não são produzidos pela própria RTP, Programas de fundo? Não há. Não ligam ao nosso teatro, ao nosso cinema: a Televisão não cumpre lei nenhuma da Televisão. Não passa cartão ao resto do País: julga-se omnipotente e omnissapiente. Existe apenas para cobrar as taxas, ser a voz da dona, acima de tudo um «tacho» para 90 por cento dos «profissionais» que lá trabalham. Salvo, no grupo dos autênticos trabalhadores, os técnicos: esses são óptimos. Mas, no campo dos administrativos, dos lambe-botas dos administrativos, aquilo é uma desgraça autêntica. É «pessoal da política», andam atrás do ministro tal, do secretário tal, tentando justificar o modo como arranjaram poiso num serviço público. Os dez por cento que trabalham, que são óptimos, estão bloqueados: conheço as televisões internacionais e não se faz lá fora metade daquilo que os bons profissionais da RTP conseguem. Basta ver os programas que fazem, quando os deixam: estão tecnicamente ao nível do melhor do estrangeiro. Só que tais 90 por cento emperram os que trabalham.

Outra vez a funda atirando na muge:

— A RTP tem um contrato connosco que nunca foi revisto e existe desde o periodo das suas emissões experimentais. Continua só a pagar-nos uma ridicularia e, arrogantemente, não quer dialogar com a Sociedade de Autores. Julgo que, neste momento, as negociações estão melhor encaminhadas, mas nada me garante que cheguem a bom termo porque, de um momento para o outro, mudam as administrações lá do sítio! E temos nós de recomeçar outra vez a conversa desde o princípio e sermos humilhantemente enganados: «Vem cá amanhá, volta cá depois...». Sempre a verem se a gente desiste...

Rádio deturpada

— A inflação de artistas brasileiros que vêm até cá? Está perfeitamente paralela com o desaguar de jogadores de futebol... A qualidade é discutível, e tem de ser útil, caso contrário não interessa a ninguém. E é dinheiro que sai daqui, normalmente em dólares...

Acutilante, sempre:

— Mas nós somos ricos, somos muito cultos, somos o único povo da Europa com o padrão de quase analfabeto que não dobra os filmes estrangeiros porque todos sabemos alemão, francês, inglês, italiano. Ou que somos capazes de ler, em série, as legendas das imagens e, simultaneamente, vermos as cenas. Os alemães, que eu bem conheço, não têm pejo nenhum em traduzir o Gary Cooper e porem um alemão a falar. E, no entanto, quase todos eles entendem inglês.

«Estamos a matar o nosso teatro: nem o autor nem o actor estão a ser defendidos pela Televisão. Tínhamos de habituar o público a ver obras portuguesas, a ouvir falar português, na tela para depois ele ir aos teatros. Há dias, no Congresso das Rádios Livres, no Algarve, apareceram defensores de que se deveria falar, na Rádio, totalmente em inglês, parece-me que por causa do turista! E fico a pensar se não deveríamos pôr também as nossas irmãs, as nossas mulheres, as nossas filhas, à espera dos turistas, já que trazem algumas moedinhas...

«Ao pedantismo, está a aliar-se a inutilidade. À falta de capacidade para assumir Portugal. Isso vem lá de cima, vem dos políticos...

Murro nos Governos

Fala da Lei da Rádio:

— Impunha 50 por cento de música portuguesa e dez por cento de «música de expressão portuguesa». Claro que ninguém a cumpre: nesse aspecto, afina-se o diapasão por outras leis a que também não se liga patavina e ninguém é punido por isso. Em Portugal, só são punidos os indivíduos que estão obrigados a pagar impostos indevidos, que são autênticos roubos. Há duplas e triplas tributações...

Uma afirmação explosiva:

— O grupo que controla este País, que (em meu entender) tem tantos marginais como os outros (só que manda na Polícia) torna-se fiel sacador do dinheiro às pessoas. Essa gente não defende os interesses dos portugueses e basta ver em que se gasta o nosso dinheiro. Devia haver um jornal que, todos os dias, mostrasse ao cidadão quanto custa um soldado, quanto custa um ministério. Quanto custa aquilo que não produz absolutamente nada. Porém, há 25 jornais a falar de cantores estrangeiros...

●

Aí está o mais novo filhote de Paco Bandeira: o tal «Bolero», com oito composições em que o artista se associou a Pedro Osório e Rosa Lobato Faria. Uma edição da Dacapo, com muita qualidade, podemos assegurar:

— Como cantor, tenho uma responsanbilidade para com as pessoas que gostam de me ouvir: é para essas que eu faço música, que realizo os meus espectáculos, que moldo as ideias que apresento em público. Ando cá há 17 anos e devo a quem gosta de me ouvir a vida que tenho, a tranquilidade e a alegria que ando por aí a mostrar nas ruas, depois de ter superado todas as dificuldades que desfeitados ou mal-intencionados me colaram à frente.

«Hoje, como cidadão em corpo inteiro deste País, preocupo-me com tudo o que me cerca: e, desde que possa, tomo parte na sua crítica, nas atitudes a tomar. Como director da Sociedade de Autores estou empenhadísimo na defesa dos interesses dos autores portugueses e, em particular, dos autores de música ligeira, da música dita «popular». Há o tal projecto da nossa rádio, de uma ideia que partiu de mim, que tem sido apoiado pelos meus colegas, especialmente de Luís Francisco Rebello, que apostou no meu plano. Vou lutar por ele!

CONCLUINDO:

— E, ao mesmo tempo, vou pensar um pouco em mim próprio: jogar ténis, conviver com os meus amigos, estar com a minha família. Julgo que conquistei esse direito: porque também me imagino um homem com sorte. Mas que sempre tem trabalhado muito.

- ☐ *«A música é o diálogo que um sujeito tem de entender facilmente.»*
- ☐ *«José Nuno Martins é o 'Chacrinha português': está preocupado em ganhar dinheiro, mais nada.»*
- ☐ *«Os artistas brasileiros veiam qualquer estrangeiro de sucesso no Brasil.»*
- ☐ *«No nosso país, só as asneiras vão até às últimas consequências.»*
- ☐ *«Minoria marginal, neste país, manda mais que a maioria legal.»*
- ☐ *«Em cada dez cassetes vendidas por aí, sete são 'piratas'. Só Singapura nos ganha nessa exportação.»*
- ☐ *«As autoridades estão mais ao lado dos marginais?»*
- ☐ *Somos o único país da Europa, com o padrão de quase analfaeto, que não dobra os filmes estrangeiros.»*
- ☐ *«Quanto custa um soldado e um ministério?»*

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B(T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 30-22 (T. 544945); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B 9t. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Manel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGES: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 703054); **SAO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B (T. 218493); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

PERMANENTE (Amanhã) — ALVALADE - POTE DE AGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B (T. 2184913); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira e Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2240143). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 15 (T. 2340139). Até às 19 horas; **SETUBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórida, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Permanente; **Soares Correia**, E. das Aguas Livres, Carenque (T. 965517). Permanente; **Solla**, loja D,lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACEM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente- **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Helidoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja (T. 9290088).**

Outras Farmácias — SACAVÉM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto

De dia e toda a noite

LIDADOR — Rua do Lidador, 171; **SOUSA BEIRÃO** — Largo de S. Pedro, 64 — Campanhã; **SILVA PEREIRA** — Rua Costa Cabral, 293; **BOAVISTA** - R. da Boavista, 601 (à Carvalhosa); **SOUSA SOARES** — Rua Santa Catarina, 141.

Coimbra

NAZARETH — Rua Ferreira Borges, 135-139 — Telef. 22605; **CRUZ VIEGAS** — Rua do Brasil, 154 — Telef. 714821.

'Encontro com Lorca' na Gulbenkian

Por iniciativa do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Gulbenkian, sob o tema «Encontro com Lorca», esse grande poeta espanhol, assassinado durante a guerra civil de Espanha, uma série de actividades culturais, de grande significado artístico-literário.

A inauguração deste ciclo de actividades, realiza-se no dia 3 de Janeiro com o original «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim», de Garcia Lorca com encenação de Nuno Carinhas, cenários e figurinos de Vera Castro, assistência musical de Luís Madureira, adereços de João Calvário, luz de Paulo Graça e interpretação dos artistas Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luiza Cruz, efectuando-se os espectáculos na Sala Polivalente do C.A.M. de 3 a 31 de Janeiro, às terças e quartas-feiras, às 18 e 30; quintas, sextas e sábados, às 21 e 30 e aos domingos, às 15 horas. No dia 8, às 18 e 30, na mesma Sala Polivalente, será apresentado o espectáculo «Uma Hora com Garcia Lorca», sob a direcção de Constança Capdeville e interpretação de Luís Madureira (voz); Constança Capdeville, piano, Lopes e Silva, guitarra e Eunice Muñoz, leitura de poemas.

Com o título «Fe...de...ri...co...» um espectáculo imaginado e dirigido por Constança Capdeville, será apresentado nos dias 10 e 17 de Janeiro, ambos às 15 horas, com o Grupo Colectiva e a participação da artista Eunice Muñoz e em que intervirão ainda Olga Pratts, ao piano, Luís Madureira, voz, João Natividade, bailarino, Constança Capdeville, piano e percussão e António Sousa Dias, assistente de direcção, técnica e percussão.

No dia 15, às 18 e 30, na Sala Polivalente, além de, uma conferência sobre «Mito e Realidade no Teatro de Garcia Lorca», pelo Dr. Ricardo Domenech, professor catedrático da Real Escola Superior de Arte Dramática de Madrid, efectuar-se-á, no dia 22, às 18 horas, uma mesa-redonda sobre «O Teatro de Lorca», com a participação de Luís Francisco Rebello (O Teatro de Lorca em Portugal); Ricardo Pais (D. Perlimplim em Londres) e Mário Feliciano (Bernanda Alba de Roma a Lisboa).

Finalmente, nos dias 21 e 22 de Janeiro a par de Ateliers do Centro de Arte Moderna, principiará o Curso de Iniciação ao Cinema de Animação — Curso de Inverno para jovens dos 11 aos 16 anos, curso que decorrerá às quartas e quintas-feiras, durante os meses de Janeiro a Maio de 1987.

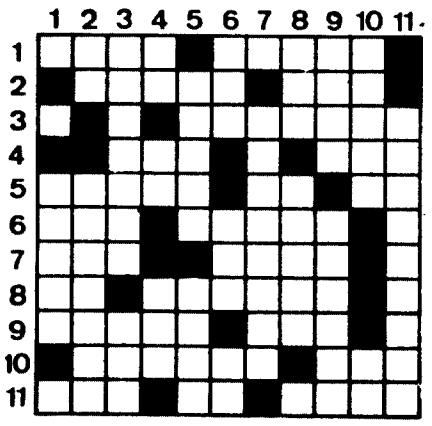
Por outro lado, no Centro Artístico Infantil da Gulbenkian, decorrerão as habituais actividades durante a semana com a apresentação de diversos cursos, ateliers, visitas de adulto e em grupo, exposições, cursos para monitores, etc.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 918

HORIZONTAIS:

1 Lago de Itália. Celebra em verso.
2 Papas de mandioca. Oásis.
3 Dormis (pop).
4 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Pequeno símio do Brasil.
5 Cidade do Estado do Paraná. Abreviatura de Santíssimo. Sentidas condoléncias.
6 Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de vida. Cartas geográficas.
7 Duna na Suécia. Gorgulho tropical.
8 Doutor. Sensual.
9 Freguesia do concelho de Coimbra. Claridade.
10 Gemesse. Piedosa.
11 Artigo indefinido. O sono das crianças. Rio dos Estados Unidos.



VERTICAIS:

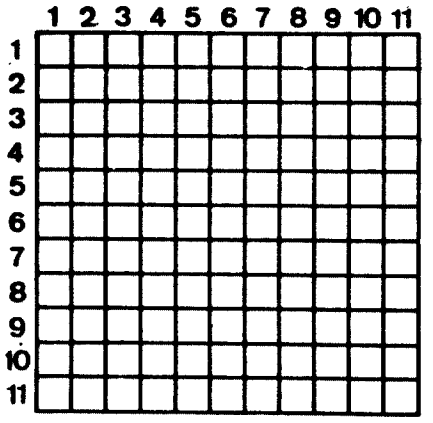
1 Artigo definido. Pároco.
2 Abreviatura que se usa em música. Fecharias as asas para descer mais depressa.
3 Delicados. Esteiro.
4 Sufixo que designa estado. Seguia. Designação genérica das plantas herbáceas.
5 Igualmente. Tosto.
6 Filtro. Rio da Suíça. Solitário.
7 Replica.
8 Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Curai. Artigo definido.
9 Irmãs da mãe. Escavação dissimulada.
10 Cantigas. Segundo.
11 Indivíduo que tem ao seu cargo o arranjo da sacristia ou de uma igreja.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 747

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Chiste. Antes de Cristo.
2 Realizar. Altar cistão.
3 Tiras de fígado temperadas e fritas. Estimes.
4 Bigoma de aço sem hastes. Pães de milho.
5 Içar. Vantagens.
6 Tesouros públicos. Zomba.
7 Erva-doce. Carrego.
8 Passada. Época. Falda.
9 Concede. Nome de homem. Clima.
10 Bondosa. Terramoto.
11 Solitários. Pega. Ósmio (s.q).



VERTICAIS:

1 Rio de Itália. Vossa alteza. Ópera de Verdi.
2 Uma das Novas Hébridas, na Melanésia. Conto.
3 Sobraria. Boro (s.q).
4 Arrostaras. Preposição e artigo (pl).
5 Duna na Suécia. Ave pernalta.
6 Senhores. Dera pios.
7 Em partes iguais. Geraras.
8 Freguesia do concelho de Guimarães. Espécie de mangueira do Gabão.
9 Patrões. Aqui.
10 Superfície plana delimitada. Nome de peixe.
11 Rio do ex-Congo Belga. Argolas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 917**

HORIZONTAIS:

1 O. AMOR. E. A
2 Ivã. Piora.
3 Rera. Rd.
4 Anota. Maias.
5 SC. Arrastas.
6 Essa.
7 Mm. Ciosa. Fr.
8 Casa.
9 Ruar. Samora.
10 Tara. Ia. It.
11 Amassares.

VERTICAIS:

1 Oiras. MORTE.
2 VENCEM. Ua.
3 Aaro. Cara.
4 Atascaram.
5 Op. Arais.
6 Rim. Oásis.
7 O. MAIS. Aas.
8 Erras. Arm.
9 Adita. Rio.
10 Aa. FORTE.
11 Passar.

PROVÉRBIO: O amor e a morte vencem o mais forte.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 746**

HORIZONTAIS:

1 Chapa. Galho.
2 Aa. Afiarias.
3 Amo. Am.
4 Doa. AC.
5 Castravam.
6 Cotei. Além.
7 Airó. As.
8 Sal.
9 Som. Pás.
10 Alugaram. Cr.
11 Maias. Séria.

VERTICAIS:

1 Cãs. CCV. Sam.
2 Há. Dão. Cola.
3 Gosta. Mui.
4 Pã. Ateia. Ga.
5 Afã. Rir. Pas.
6 Impa. Orar.
7 Gão. VA. Sãs.
8 Ar. Palas. Me.
9 Lia. Mesas.
10 Hamá. CI.
11 Os. Cá. Ura.

Rádio

Antena Um

15.00: Vivósábado; **18.00**: Vida e volta; **20.00**: Sábado suave; **23.45**: No estúdio e no estádio. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.40: Solos de piano; **16.40**: Sinfonia, n.º 6, em fá maior, op. 68, «Pastoral», de Beethoven; **17.30**: «Concertos Sacros», de Cláudio Monteverdi; **18.18**: Balada em si menor, op. 10, n.º 4, de Brahms; **18.30**: Música de câmara; **19.30**: Sonata, em sol bemol maior, D. 960, de Schubert; **20.15**: Suite, para instrumentos electrónicos, de Genzmer; **20.40**: Música de tecla portuguesa; **21.10**: Música de câmara; **21.30**: Ângulos e reflexos; **22.30**: Concerto, para órgão e orquestra, de Francis Poulenc; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.55**: Sinfonia, n.º 4, em sol maior, de Mahler; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

14.00: Vivóvelho; **16.00**: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Música da América; **20.00**: Luso-clube; **22.00**: Regresso ao futuro; **00.00**: Um toque de classe; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA
Onda Média

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Sons da Europa; **20.00**: Baile mandado; **20.30**: A palavra à família; **21.00**: Boa nova; **23.00:** Bola branca **23.30**: Amanhã é domingo; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Meio tom; **14.00**: E o ouvinte quem manda; **15.00**: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Terra a Terra; **19.30**: Especial.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sombra sol; **19.00**: Bri-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Euro-canções; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Jazz; **23.55**: Meditando.

FM-Estéreo

14.00: Se não se importam; **16.00**: Fábrica de música; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Partituras; **22.00**: Os amigos de Alex; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

14.00 - Parlamento
14.35 - A B Z
18.25 - A Super Avozinha

11º Episódio: - A Super avózinha é a grande favorita na maratona do século que se vai realizar em Chisleton e espera ganhar o valioso prémio para doar ao grupo de teatro local. Mas todos os adeptos da Super avózinha sabem que tudo pode acontecer quando o maldoso Scunner e os seus incompetentes acólitos intervêm .

E o plano deles é, nem mais nem menos, roubar o banco de Chisleton quando toda a gente estiver distraída a ver a corrida. Conseguirá a Supe avózinha deter os vilões?

E quem ganhará a corrida?

Realizador: - Anthony Simmons

18.50 - Super Trinta
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
20.30 - Boletim Meteorológico
20.35 - Uma Canção Para Si
20.37 - Sete Folhas
21.00 - Faz de Conta
22.40 - Os Investigadores

6º Episódio: - Quando uma cadeia de hotéis na Suiça - um antigo e estimado cliente da Lime - Street - se transforma no alvo de um plano de violência, Culver e Wingate são chamados para investigarem o assunto. Ao chegarem ao hotel, o director diz-lhes tudo o que sabe, mas mostra-se nervoso quando Culver sugere a ideia de haver um cúmplice ligado ao hotel. Logo a seguir encontram um turista americano, um rapaz muito simpático que tenta desesperadamente, e sem sucesso, fazer o papel de Romeo.

Numa reunião com as autoridades locais, Culver e Wingate são informados que o jovem americano é o principal suspeito...

Realizador: - Ray Austin

23.35 - Pela Noite Dentro

«Ferro em Brasa»: - Tres Cruces é uma pacata cidade do novo México. Um dia, a sua rotina quotidiana é abalada por um assalto ao banco: Charley Varrick e três cúmplices roubam cerca de 750 mil dólares. Dois dos assaltantes morrem durante o tiroteio que se gera, mas Varrick e o seu mais novo e nervoso companheiro conseguem escapar. Confunde-os o facto de terem encontrado uma tão grande quantia num banco tão pouco importante e confunde-os ainda mais a notícia posta a circular que fala apenas em algumas dezenas de milhares de dólares roubados. É que o dinheiro era da Mafia e Molly, um especialista da organização, já está em campo para encontrar os assaltantes antes da polícia o conseguir.

Interpretes: - Kristin Griffith, Mary Beth Hurt, Richard Jordan, Diane Keaton, E. G. Marshal, Geraldine Page, Maureen Stapleton, Sam Waterson.

Realizador:- Woody Allen

RTP 2

14.15 - Os Pratos da Balança
14.45 - Troféu

Amanhã, pelas 9,50, pode ver «A Vida Animal». É no 1.º Canal

20.00 - Mister Komp
21.30 - 01 - Magazine de Informática
21.45 - Concordo ou Talvez Não
23.20 - Video Clube
23.50 - Troféu

Amanhã

RTP 1

08.45 - Mira Técnica
09.02 - Eucaristia Dominical

Também no domingo, mas no 2.º Canal em Cine-Clube, a partir das 22.20, o filme «O Falso Culpado»

09.50 - A Vida Animal
10.25 - TV Rural
11.00 - Juventude e Família
12.05 - 70 x 7
12.30 - O Almoço Está na Mesa
13.00 - Sumário
13.lo - Milhões de Amigos
13.35 - Os Roberts
14.00 - Arco Íris
15.35 - Primeira Matinée
17.30 - Amigos Disney
19.05 - Espaço
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorológico
20.35 - Uma Canção Para Si
20.38 - Histórias de Cidades
21.15 - Nas Asas das Águias
22.10 - Domingo Desportivo
23.15 - Dizem os Astros

RTP 2

10.02 - Troféu
12.32 - Magazine
13.05 - Caminhos
13.20 - Música na América
13.45 - Um Dia na Vida de...
14.10 - Cinderela 80
15.05 - Troféu
17.05 - Fantasia e Realidade
17.40 - Hill Street
18.35 - As Vagas do Tempo
19.00 - Entrada Livre
19.30 - As Fontes do Som
'20.00 - Os Anos Trinta
20.50 - 6 Árias para Cesário
21.20 - O Mundo é um Palco
22.20 - Cine-Clube

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Os Investigadores

RTP 2 Concordo ou Talvez Não

Investigadores»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 41975 70

MARES DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.34	**3,60 m**	05.04	**1,60 m**
		17.35	**1,49 m**
Dia 28			
00.11	**3,70 m**	06.05	**1,40 m**
12.37	**3,80 m**	18.30	**1,20 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	9º
VIANA DO CASTELO	14º
VILA REAL	10º
PORTO	13º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	14º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	9º
LISBOA	13º
ÉVORA	10º
BEJA	5º
FARO	10º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	17º

Aumento ligeiro de furtos no dia de Natal

O aumento de assaltos a residências e estabelecimentos ocorrido nas últimas 24 horas em Lisboa e denunciados à Polícia Judiciária ascendeu a 20, o que representa apenas um ligeiro aumento quanto à média durante o ano, que é de 15 a 17 por dia, segundo informou esta manhã o porta-voz daquela instituição.

Os valores dos prejuízos também se não podem considerar elevados pois variaram entre, 40 e os 400 contos. O primeiro foi perpetrado numa habitação da Rua dos Sete Moinhos, entre Campolide e Campo de Ourique, onde furtaram garafões de vinho, géneros alimentícios, cinco casais de pombos-correios e 12 coelhos.

Ainda segundo a mesma fonte, o número daquelas ocorrências denunciadas poderá aumentar quando as pessoas que se ausentaram durante a quadra natalícia regressarem aos respectivos domicílios.

Matou a mulher durante a consoada

Pouco antes de iniciarem a ceia de Natal em casa dos sogros na localidade de Calvelos, Guilhofrei, Vieira do Minho, o trolha Abel Gonçalves de 23 anos, disparou inadvertidamente uma pistola atingindo a sua mulher Maria da Graça Andrade Alves, de 22 anos, que teve morte quase imediata.

A mulher referira-se ao receio de que um seu cunhado fosse assaltar-lhes a casa e seria então que o Abel, emigrante na Suíça, puxara da pistola dizendo que o irmão não o roubaria por o saber armado, sendo ao exibir a arma que se deu o disparo.

A vítima era mãe de um rapaz de dois anos.

Pratos portugueses são famosos no Brasil

O bacalhau, as favas, o leitão e a cataplana são alguns dos pratos portugueses mais famosos nos restaurantes do Rio de Janeiro — segundo a revista semanal brasileira «Domingo».

Num artigo intitulado «Delícias portuguesas», Cilea Groupillo afirma que «o sotaque é mesmo nosso, mas a língua é deles e a comida também. Pela tradição e pelo estômago estamos intimamente ligados a Portugal».

VIAGENS Holiday AVIC Tours TURISMO
FIM DE ANO EM MADRID
C/ ESTADIA E «REVEILLON» NO HOTEL MAYORAZGO 1.ª ★★★★ SITUADO NA GRAN VIA
EXCURSÃO DE 4 DIAS DE 31.12 A 3.1
COM VISITA AO VALE DOS CAÍDOS E NAVACERRADA
CEIA DE FIM DE ANO DE LUXO
UM EXCLUSIVO AVIC
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O 3.º CARRO
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
LISBOA
TEL. 56 11 16-52 11 17-57 29 70

DECARAS

IMELDA MARCOS, a antiga primeira dama filipina, declarou ontem em entrevista e no meio de lágrimas que ela e o marido, agora no exílio, desejam regressar às Filipinas para salvar os pobres. A Presidente Corazon Aquino chegou ao poder através de um golpe militar, apoiado por civis, que derrubou Ferdinand Marcos em Fevereiro último. Ferdinand Marcos também tem expressado à Imprensa o seu desejo de regressar às Filipinas.

SIAD BARRE, presidente da Somália, foi reeleito para um novo mandato de sete anos com 99,9 por cento dos votos, revelou a rádio estatal. Segundo a rádio Mogadixo, captada em Nairobi, Siad Barre obteve 4.887.592 votos a favor e 1.486 contra nas eleições de quinta-feira. Barre, 67 anos, que chegou ao poder em 1969, através de um golpe de estado, sobreviveu a um grave acidente automóvel em Maio último.

MARLENE DIETRICH, uma lenda viva do cinema, símbolo do erotismo dos anos 30, completa hoje 85 anos. Inesquecível intérprete de «O Anjo Azul», a alemã que conquistou o mundo, vive há anos como frágil reclusa num apartamento de Paris. E aí escreveu as suas memórias, que são pelo menos um dos 55 livros existentes a seu respeito. Na última entrevista dada para um documentário cinematográfico, em 1983, a Maximilian Schell, a «Deusa do Amor» nascida no bairro de Shoenbeg, em Berlim, filha de um oficial prussiano confessou-se saudosa da Alemanha.

GEORGE BUSH, vice-presidente dos Estados Unidos, passa as férias de fim de ano no porto mexicano do Loreto e é possível que aproveite para uma reunião com o presidente Miguel de la Madrid. Uma centena de homens da Força Aérea dos Estados Unidos, barcos de guerra e elementos do Exército e da Armada mexicanos, para além de grande número de agentes norte-americanos da segurança, vão garantir a tranquilidade de Bush durante a sua estada no Loreto.

ELIZABETH TAYLOR foi ao teatro, e esse tão vulgar facto transformou-se numa reunião familiar. Porque a peça, chamada «The Fox» e em cena na sala nova-iorquina Riverwest Theatre, no Manhattan, tem como protagonista a actriz Brooke Palance, filha do actor Jack Palance e mulher de Michael Wilding, este por sua vez filho de Liz Taylor, do seu casamento com o falecido actor Michael Wilding. Em síntese, a vedeta do espectáculo é nora de Liz e foi visitada por esta nos bastidores, onde também se encontravam o marido/filho Michael e a actriz Kate Burton, esta enteada da Taylor, por ser filha do também falecido Richard Burton, que foi casado com Liz.

JOSÉ CARDOSO PIRES, cujo romance «A Balada da Praia dos Cães» foi adoptado ao cinema por José Fonseca e Costa, é um bom exemplo de que os portugueses não perderam o hábito da leitura. O romance «A Balada da Praia dos Cães» tem já 12 edições publicadas e o romance «O Hóspede de Job» vai na 9ª edição. Por outro lado a obra de José Cardoso Pires venceu as fronteiras editoriais portuguesas: edições no Brasil, Espanha, Argentina, Cuba, França, Itália, U.R.S.S., Alemanha, Polónia, Húngria, Finlandia, Roménia, Bulgária. Não será caso único. Mas é um caso a registar.

Brasil tem que ser tão "arrojado" como Portugal no direito do trabalho

O Brasil tem muito que aprender com Portugal em matéria de direito do trabalho, disse à agência NP o novo presidente do Tribunal Superior do Trabalho do Brasil, Marcelo Pimentel.

Em declarações prestadas terça-feira àquela agência, após a sua posse, este magistrado defendeu que, no domínio do direito do trabalho, o Brasil tem que ser tão «arrojado» como Portugal começou a ser em 25 de Abril de 1974.

«Teremos, se possível, de ir mais longe, pois a nossa massa de trabalho é muito maior que a de Portugal, atingindo actualmente cerca de 35 milhões de trabalhadores, sem contar com os rurais» afirmou.

Salientou a necessidade de intensificar o intercâmbio entre Portugal e o Brasil neste campo, pois, segundo afirmou, a justiça no Brasil ainda se mostra «anquilosada, obsoleta, esmagada por uma massa invencível de solicitações».

Informou que no Tribunal Superior do Trabalho do Brasil aguardam actualmente julgamento cerca de 2 mil processos e que pelo menos 10 mil estão para entrar na Procuradoria.

42 doenças são de declaração obrigatória

A partir de 1 de Janeiro de 1987, há 42 tipos de doenças que são de declaração obrigatória, foi oficialmente publicado.

Os 42 tipos de doenças incluem a cólera, tuberculose, lepra, sarampo, febre amarela, hepatite, raiva, sífilis, cancro e tétano neonatal.

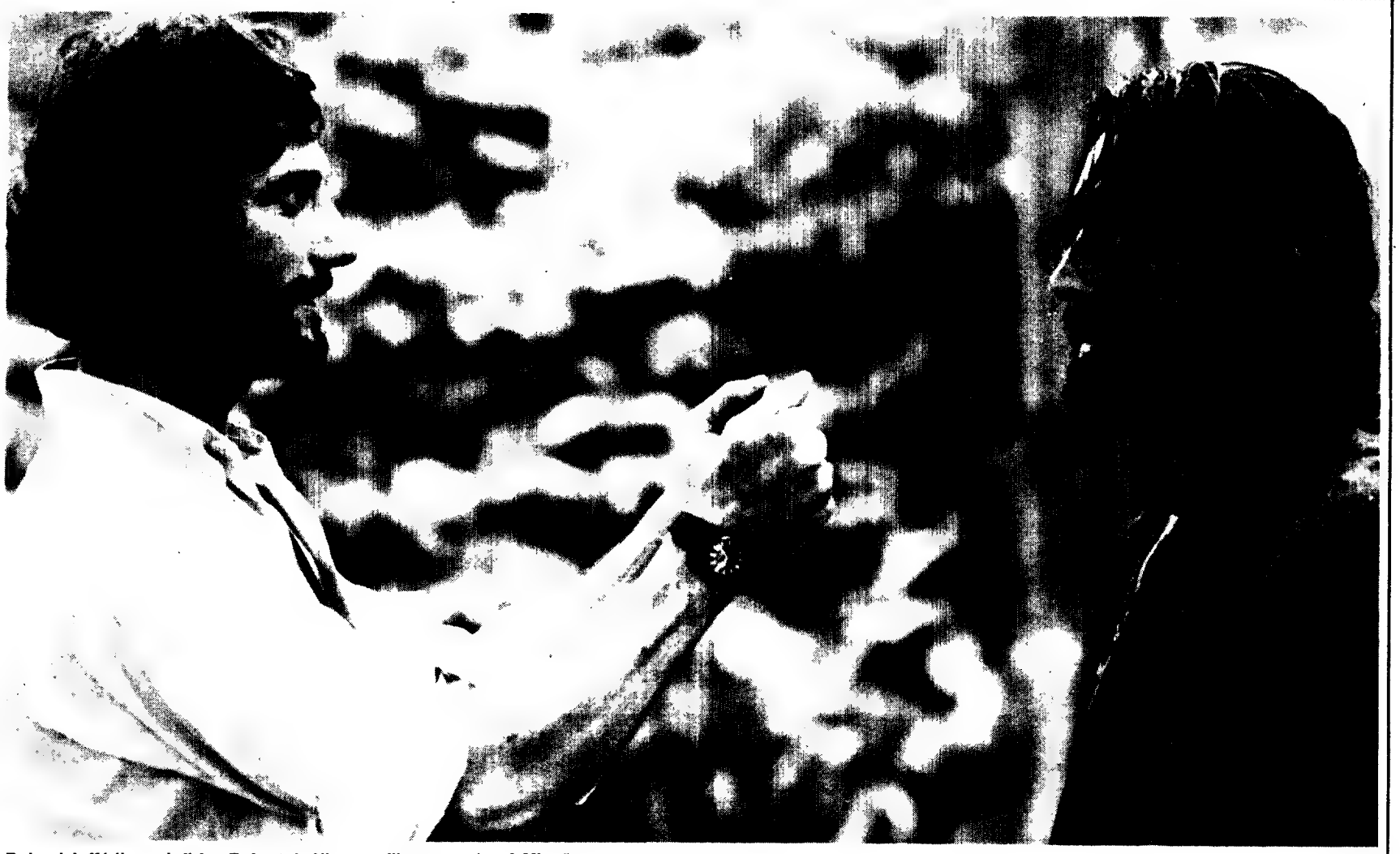
A declaração é obrigatória tanto em casos de doença como nos casos de óbito, estabelece uma portaria do Ministério da Saúde.

Cartaz

SUPLEMENTO
27 DE DEZEMBRO
1986

CINEMA **CINEMA**CINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACIN

A MISSÃO



Roland Joffé (à esq.) dirige Robert de Niro nas filmagens de «*A Missão*»

Foi o vencedor de Cannes, este ano, traz à cabeça os nomes do produtor David Puttnam, do realizador Roland Joffé e dos actores Robert de Niro e Jeremy Irons e, no bojo, um tema particularmente curioso (a Guerra Guarany que, no século XVIII, reinava em Portugal D. José e governava Pombal, após os exércitos coligados de Portugal e de Espanha aos índios das missões jesuítas que, no Sul do Brasil, haviam edificado um «paraíso» igualitário, próspero e forte). Tudo razões para esperar um grande filme e, contudo, depois de um primeiro quarto-de-hora muito auspicioso, tudo se esvai como se os meios de produção fossem desproporcionadamente grandes em relação ao essencial. E o essencial era a utopia jesuíta de um quinto império de irmãos que o Poder tinha de anular. Isso quase não está no filme que avança, pesadamente, sem porto de abrigo.

Apesar da grandiosidade, uma desilusão...

Cinemas Alfa 1, Amoreiras 4, Mundial 1 e S. Jorge 3.
(Para maiores de 12 anos)

AS ESTREIAS DA SEMANA

UM HOMEM E UMA MULHER 20 ANOS DEPOIS

Desde ontem no 7.ª Arte.
Vinte anos depois Claude Lelouch reacende, provavelmente a história de amor sua preferida.
A realizar: Claude Lelouch
Principais intérpretes: Anouk Aimée, Jean-Louis Trintignant, Richard Berry e Evelyne Bouix.

DIGA SIM!

Desde ontem no Estúdio.
Uma comédia que gira à volta de uma noiva relutante em casar...
A realizar: Larry Yust
Principais intérpretes: Lissa Layng, Art Hindle e Logan Ramsey.

ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

A MISSÃO
de Roland Joffé
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ALFA 2

RAN – OS SENHORES DA GUERRA
de Akira Kurosawa

Há, de onde em onde, nos filmes que se vão fazendo, momentos de êxtase, obras esmagadoras, faróis que iluminam muito longe, muito forte e durante muito tempo. O céu fica então mais claro e a gente acredita que o cinema já não é, definitivamente, o espectáculo de feira com que se iludem basbaques.

«Ran» é um filme assim. Depois de o ver, qualquer espectador se sente mais limpo, mais pessoa, mais livre; a fruição estética é para isso que serve — e também para expandir o prazer dos sentidos. E se o cinema é imagem e som, Kurosawa vem mostrar que a cor, o movimento apanhado com elegância, a composição plástica não são coisas perdidas mas herdades do melhor universo pictural; e o som, esse não serve só para que se ouçam diálogos, mas para ele mesmo ser matéria de diálogo com a imagem: raras vezes um filme terá sido tão exímio na arte de compor uma banda sonora (música+palavras+ruídos+volumes sonoros+gravações tímbricas+...).

E de que fala o filme? O tema é tão velho quanto a idade do homem, Kurosawa adapta Shakespeare («O Rei Lear») mas a questão do Poder que se não divide sob pena de caos, ou do ocaso da vida não têm pátria nem tempo.

Um filme rigorosamente genial está aí. Se o leitor não puser a visão de **«Ran»** como uma das prioridades da sua vida nos próximos dias, que Deus se apiede da sua alma que há pecados sem perdão...
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

ALFA 3

TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
de Tony Scott
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

ALFA 4

RATO BASÍLIO – O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattison
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

ALFA CLUBE

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
de Mike Nichols
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

RAN – OS SENHORES DA GUERRA
de Akira Kurosawa
* Ver nota crítica no espaço dos Alfas
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

SALA 2

E.T. — O EXTRA TERRESTRE
de Steven Spielberg
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SALA 3

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
de James Ivory

Um destes dias, um amigo meu dizia-me que uma das coisas que gosta que o cinema lhe dê é a possibilidade de uma certa forma de turismo. E precisava: um filme é também um modo de conhecer outros espaços geográficos, outras gentes, outros territórios culturais...

Lembrei-me desta afirmação ante **«Quarto Com Vista Sobre a Cidade»**. Porque o primeiríssimo impulso de qualquer espectador, após a visão deste filme, é tomar um avião, logo logo, que o deponha em Florença, a magnífica. Não por causa da história de amor que o filme narra e aí decorre, mas porque é a cidade perfeita, matizada por equilíbrios de beleza e harmonia que se diriam impossíveis.

A beleza e a harmonia desta fita de James Ivory não as colhe ele apenas nessa cidade, elas são a matéria-base para o delicioso exercício de ironia e amor à vida que, no fundo, é **«Quarto com Vista sobre a Cidade»**. Guardadas as devidas distâncias (nada de arrebatamentos excessivos...) e tal como Florença, também este é um filme irresistível.

(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALA 4

A MISSÃO
de Roland Joffé
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

SALA 5

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
de Willard Huyck
(para maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SALA 6

RATO BASÍLIO – O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattison
(para maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

«O Movimento das Coisas», de Manuela Serra

Os filmes da Cinemateca

Fecha o ciclo de inéditos do cinema português dos anos 80, fecha a Cinemateca até dia 5, data em que começa um novo ano de filmes. Muitos e bons estão na manga: Tati, Walsh, Coppola são alguns dos seus autores. Já sabe: a Cinemateca fica na R. Barata Salgueiro e os bilhetes vendem-se uma hora antes do início das sessões.

Eis a programação dos poucos dias deste ano de 1986:

2.ª-feira, 29 às 21.30: – **O MOVIMENTO DAS COISAS**/1985
de Manuela Serra
3.ª-feira, 30 às 18.30: – **SINAIS DE VIDA**/1984
de Luís Filipe Rocha
c/Luís Miguel Cintra, Clara Joana, Costa Ferreira, José Wallenstein
Às 21.30: **Gestos e Fragmentos**/1982
de Alberto Seixas Santos
c/Otelo Saraiva de Carvalho, Eduardo Lourenço, Robert Kramer

APOLO 70

— T. 763319

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
de Jim Abraham, David Zucker e Jerry Zucker
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

ÁVILA

— T. 539930

O LABIRINTO
de Jim Henson
(para maiores de 6 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

AVIS

— T. 577163

AS AVENTURAS ERÓTICAS DE ZORRO
(interdito a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

BERNA

— T. 776098

E.T. – O EXTRATERRESTRE
de Steven Spielberg
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

CAPITÓLIO

— T. 372358

SEXO EXÓTICO
(interdito a men. de 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

CASTIL

— T. 530194

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO
de Dick Lowry
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30, sábados, domingos e feriados; dias úteis às 15.30, 18.30 e 21.30 h

CINEBOLSO

— T. 573407

AS NOITES QUENTES DE DALLAS
(não acons. a menores de 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CINEBLOCO

— T. 556824

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
de Jim Abraham, David Zucker e Jerry Zucker
(Para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CINE 222

T. 579460

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

CINE ESTÚDIO ACS

— T. 887255

OS CAÇAFANTASMAS
de Ivan Reitman
(não acons. a menores de 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINE PORTELA

— T. 2524761

ESTÚDIO ANUSHA

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
de George Pan Cosmatos
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 (sábados e domingos)
16.00 e 21.45 (de segunda a sexta)

ESTÚDIO SHEZA

A COR PÚRPURA
de Steven Spielberg
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 (sábados e domingos)
15.30 e 21.30 (de segunda a sexta)

CITY CINE

— T. 549999

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO
de Dick Lowry
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CONDES

— T. 323532

ALIENS – O RECONTRO FINAL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.15 e 21.45 h

EDEN

— T. 320768

KALIDOR — A LENDA DO TALISMÃ
de Richard Fleischer
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ESTÚDIO

— T. 555134

DIGA SIM!
de Larry Yust
*Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

ESTÚDIO 444

— T. 768078

O DIÁRIO DE EDITH
de Hans W. Geissendorfer
(para maiores de 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

FONTE NOVA

— T. 7145088

SALA 1

O DUELO IMORTAL
de Russell Mulcahy
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 2

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
de Mike Nichols
(Para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

SALA 3

RATO BASÍLIO — O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Muster, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattison
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

GEMINI

— T. 734009

RATO BASÍLIO — O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattison
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

HOLLYWOOD

— T. 802859

SALA 1

ALIENS — O RECONTRO FINAL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SALA 2

ANA E AS SUAS IRMÃS
de Woddy Allen

Woddy Allen, sem necessidade de provar e se pôr à prova: um filme magnífico onde o amor, humor, Nova Iorque e um punhado de pessoas se misturam num carrocel que sobe e desce, vai e vem, como a vida.

(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h.

IGOPER

T. 708926

O JUSTICEIRO SOLITÁRIO
de Clint Eastwood
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

IMPÉRIO

— T. 555134

O LABIRINTO
de Jim Henson
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
de John Carpenter
(para maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 (ao sábado também às 24 h)

SALA 2

ALIENS — O RECONTRO FINAL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 (de segunda a sexta)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 (sábados, domingos e feriados; aos sábados às 24 h)

LONDRES

— T. 801313

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
de John Carpenter
(para maiores de 12 anos)
14.00,16.30, 19.00 e 21.30 h

MUNDIAL

— T. 538743

SALA 1

A MISSÃO
de Roland Joffé
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

SALA 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
de James Ivory
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

SALA 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
de Akira Kurosawa
* Ver nota crítica no espaço dos Alfas
(para maiores de 16 anos)
15.00, 18.00, e 21.30 h

NIMAS

— T. 574362

RATO BASÍLIO — O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Mattison
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

OLÍMPIA

— T. 325309
AS VIAJANTES SEXUAIS
(interdito a men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00 h

ODEON

— T. 326283

OS IMPLACÁVEIS DESTRUIDORES
de Joseph Sugarman
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

POLITEAMA

— T. 326305

EMMANUELLE 4
de Francis Giacobetti
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

MEIAS-NOITES

Mel Gibson e Sissy Spacek em «*O Rio*» (no Quarteto)

SEXTA, 26
Contos da Loucura Normal, de Marco Ferreri (City Cine, 23.45h)
O Preço doscândalo, de Yves Boisset (Cine 222, 24h)
O Vingador da Noite, de Michael Winner (Igoper, 23.45h)
As Asas da Pomba, de Benoit Jacquot (Quarteto, 23.30h)
O Rio, de Mark Rydell (Quarteto, 23.30h)
Frankenstein Junior, de Mel Brooks (Quarteto, 23.30h)
Os Guerreiros de Aço, de Stevio Massi (Turim, 23.45h)
SABADO, 27
Las Vegas – Cidade Implacável, de Matt Cimber (Turim, 24h)
Contos da Loucura Normal, de Marco Ferreri (City Cine, 23.45h)
O Preço do Escândalo, de Yves Boisset (Cine 222, 24h)
O Vingador da Noite, de Michael Winner (Igoper, 23.45h)
O Rio, de Mark Rydell (Quarteto, 00.45h)
Frankenstein Junior, de Mel Brooks (Quarteto, 00.45h)
As Asas da Pomba, de Benoit Jacquot (Quarteto, 00.45h)
DOMINGO, 28
O Rio, de Mark Rydell (Quarteto, 23.30h)
Frankenstein Junior, de Mel Brooks (Quarteto, 23.30h)
As Asas da Pomba, de Benoit Jacquot (Quarteto, 23.30h)
O Ultimo Fôlego, de Jim McBride (City Cine, 23.45h)
O Preço do Escândalo, de Yves Boisset (Cine 222, 24h).

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

BETTY BLUE — 37.° e 2 DA MANHÃ
de Jean-Jacques Beineix
Pertenço aos (felizes? infelizes?) que nunca puseram o seu enlevo no cinema de Jean-Jacques Beineix. Sempre me pareceu que a estética da publicidade (como a do videoclip, sua filha dilecta) não trazia ao cinema nada de bom. A sofisticação epidérmica de «Diva» **ou de** «A lua na valeta» **tinham mais a ver com papel couché que com a vida e deixaram-me entediado e gélido. Agora que Beineix muda de rumo, embora mantendo um ou outro tique desse gosto irritante pelo bonitinho artificialista, acho útil assinalar que a doença parece em regressão e que este cineasta ainda é capaz de acabar por falar de gente e nos aquecer a alma.**
Para já aquece-nos a líbido, através de Beatrice Dalle que, para lá de todas as óbvias insuficiências tem garra para nos fazer seguir o seu caminho inconformista para o negrume. Para já, consegue que o espectador não fique indiferente e avance, por entre uma floresta de contrários sentimentos (adesão, irritação, cumplicidade, desgosto), através do filme. E se, à chegada, o balanço não é ainda positivo, a verdade é que se pressente que tal se deve mais ao acossamento do realizador (se este filme não fosse um sucesso, a carreira de Beineix podia ficar em séria situação) que à ausência de fôlego. Beineix quis pôr um pouco de tudo nesta fita e perdeu-se nos atalhos de uma ficção que até tinha pernas para não precisar de tergiversações.
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 2

E.T. — O EXTRATERRESTRE
de Steven Spielberg
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

SALA 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
de Martin Scorsese

Está quase no fim a carreira surpreendente desta fita de Scorsese. Atenção, leitor, se não viu, não perca.
(para maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
de Alan Rudolph
Não se irá mais longe que a solidão ou, se quisermos, não é preciso ir buscar razões a outros lugares: **O Passageiro da Noite** é um filme que atravessa o território do amor depois de passadas todas as ilusões e desse espaço espaçado e azul dos bares e do asfalto faz crer que a ilusão ainda existe...
Mas é só ironia.
Um pouco como a colecção de cartazes no apartamento de Pearl (Rae Dawn Chong), um pouco como aquela emissão de Rádio (a que Alan Rudolph consegue dar o humor do desespero), um pouco como esse final indecididamente feliz, este filme percorre um caminho de cepticismo solidário, ama e ri-se dos seus personagens, acende-lhes a chama e depois fica a olhá-los com afecto mas sem fé. É só ironia e fumo e vontade de diferença (quem acredita no passado de Mickey se o seu presente é tão volúvel? quem não gostaria, porém de nele acreditar?). O filme embala-nos, os arranhões são calmos, nada de muito apaixonante mas a sedução acontece.
(para maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

ROMA

— T. 887778

KALIDOR — A LENDA DO TALISMÃ
de Richard Fleischer
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ROXY

— T. 548560

O POLÍCIA DE HONG-KONG
de Anthony M. Dawson
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
de Willard Huyck
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.45 h.

SALA 2

E.T. — O EXTRATERRESTRE
de Steven Spielberg
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

SALA 3

A MISSÃO
de Rolland Joffé
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

7.ª ARTE

– T. 730715

UM HOMEM E UMA MULHER — 20 ANOS DEPOIS
de Claude Lelouch
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

STAR

– T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
de Adrian Lyne
(para maiores 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h (de 2.ª a 6.ª)
Sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

TERMINAL

– T. 371573

O LABIRINTO
de Jim Henson
(para maiores de 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

TIVOLI

– T. 570595

RATO BASÍLIO — O GRANDE MESTRE DOS DETECTIVES
de John Musker, Ron Clements, Dave Michener e Burny Clements
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

TURIM

— T.706666

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
de Barry Levinson
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h, (dias úteis); 14.00, 16.30, 21.30 h (restantes dias)

VOX

— T.880808

TYGRA — O FOGO E O GELO
de Ralph Bakshi
(interdito a menores de 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

XENON

– T. 368480

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
de John Carpenter
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

ZODÍACO

E AINDA . . .

Paul Nicholas em «Tommy» **(no Forum Picoas)**

Forum Picoas

Prossegue o ciclo de cinema dedicado aos «Anos do Rock» com a seguinte programação:
Nuclear? Não obrigado!, de Danny Goldberg (dia 26); **Tommy,** de Ken Russel (dias 27 e 28); E **Quadrophenia,** de Franc Roldam (dias 29 e 30).
Sessões às 19.00 e 22.00 h (aos sábados, domingos e feriados também às 16.00 h).

Tondela

Exibe-se hoje, pelas 21.30 h, na Associação Cultural e Recreativa de Tondela o filme **Paris, Texas,** de Wim Wenders, com Harry Dean Stanton, Nastassia Kinski e Dean Stockwell.

Viseu

Também em Viseu, mas amanhã, dia 27, pelas 21.30 h, no Auditório Calouste Gulbenkian, vai ser exibido **Paris, Texas.**

AS ESTRELAS

RAN	★★★★★
E.T. – O EXTRATERRESTRE	★★★★
ANA E AS SUAS IRMAS	★★★★
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE	★★★★
NOVA IORQUE FORA DE HORAS	★★★★
O PASSAGEIRO DA NOITE	★★★
A MISSAO	★★
BETTY BLUE – 37° E 2 DE MANHA	★★
AS AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM	★
TOP GUN – ASES INDOMAVEIS	●
KALIDOR – A LENDA DO TALISMA	●

TEATROTEATRO**TEATRO**TEATROTEATROTEATROTEATROTEATROTEATRO**TEATR**

1.º ACTO 2 casos de marmeleiro (1)

Aparentemente não existe nada em comum entre um velho crítico literário historiador, biógrafo, romancista, figura cimeira das letras portuguesas do século XX (como ele próprio gostaria de dizer, é quase certo), entre esse velho crítico literário há muitos anos com uma coluna no «Diário de Notícias» e que dá pelo nome de João Gaspar Simões, e uma jovem crítica de televisão colaboradora do «Tal e Qual» que assina com o pseudónimo Cocas e cujo verdadeiro nome desconhecemos. Entre ambos, aparentemente, não existe nada de comum. E, no entanto, existe. Existe a burrice, a ignorância e a má-fé. Leiam-se estes nacos de prosa:

«Não gosto de teatro. As peças que até hoje fui ver com manifesta má vontade, deixaram-me sempre triste por ter cedido à tentação de as ir ver e, quando assim não aconteceu, foi por ter adormecido a meio. Será conveniente explicar melhor: não gosto do teatro que se faz em Portugal — tenho sempre a sensação que os actores representam antes de entrar em palco (para se meterem na pele do actor) e voltam a representar no palco quando se metem na pele da personagem. Quase diria que são actores com excesso de zelo e o resultado é aquela coisa gritada, pouco natural, **teatral**. (...)» (Cocas — **Tal & Qual** — 28-11-86).

«(...) A cabriola, a **charge** constituem hoje a mola real do estilo interpretativo dos nossos actores e dos nossos encenadores. Fazerem de conta que sabem a que é representar tornou-se o alfa e o ómega d e tudo quanto entre nós bebe do fino em teatro. (...)» (João Gaspar Simões — **Diário de Notícias** — 21-12-1986.)

É claro que estes senhores não sabem nada do que se passa no teatro português mas bolsam dislates destes que fariam corar um carroceiro se os carroceiros não fossem mais inteligentes. E estas coisas escrevem-se impunemente, não há ninguém que meta senhores destes na ordem. Não há um director ou um chefe de redacção que lhes puxe as orelhas, que diga ao pequeno e ao velhadas para não se meterem onde não são chamados, para não insultarem toda uma classe de trabalhadores. Não há sequer um sindicato que defenda os seus associados. Antigamente havia quem não deixasse passar parvoeiras destas sem santamente desancar os seus autores. Agora, estamos tão acomodados que nem isso. Parece que nos transformámos em masoquistas.

2.º ACTO

Ao traçarmos grosseiramente o mapa da descentralização teatral pós-25 de Abril não pretendíamos fornecer ao leitor uma informação tão rigorosa como gostaríamos. Se entendemos que uma reflexão sobre os problemas do teatro português a que estas notas querem chegar, não pode deixar de passar pelo conhecimento tão aproximado quanto possível dessa realidade, não ignoramos que o nosso contributo para esse conhecimento não só não o esgota como pode conter erros e lacunas que, embora involuntários, podem prejudicar a leitura dessa realidade. Ficámos pois a aguardar que esses possíveis erros e lacunas fossem rectificados por quem dispusesse de informação mais correcta e completa do que aquela de que dispúnhamos. E mantemo-nos abertos a essas correcções. Nessa conformidade, não podemos deixar de agradecer a Leandro Vale director do Teatro em Movimento, pelos esclarecimentos que nos quis prestar em relação à actividade do Teatro de Ensaio Transmontano referida na nossa crónica n.º 14 («DL» — 5-12-1986), bem como ao posicionamento do seu próprio grupo. Dos seus esclarecimentos, respigamos aqueles que nos parecem com mais interesse para os pontos em causa. A carta de Leandro Vale vinha acompanhada por vária documentação.

Escrevemos na crónica citada o seguinte: «...Em 1979, e na qualidade de cooperativa de produção artística o TET concorreu aos subsídios da SEC o que lhe permitiu transformar-se em companhia profissional.»

Leandro Vale escreve:

«...Isto nada tem a ver com a verdade. Quando, em 1979, me encontrava no Centro Cultural de Évora, após cinco anos de estadia nessa companhia, decidi, por razões puramente pessoais, ter a minha própria companhia. Assim, elaborei um projecto de instalação de companhia profissional na Covilhã e para a qual me foi concedido subsídio por época. Acontece, porém, que o David de Carvalho, que tinha começado a dar os primeiros passos de teatro comigo no Porto (...) tinha, nessa altura já, em Vila Real, o Teatro de Ensaio Transmontano, grupo de teatro amador que, ao que parece, estava a fazer bom trabalho (...). O David entrou em contacto comigo através de um funcionário da Secretária de Estado da Cultura, e convenceu-me a mudar o meu projecto de Covilhã para Vila Real. Mas como existia uma cooperativa com o nome de Teatro de Ensaio Transmontano, ficou, desde logo, estabelecido que a companhia em si, da qual eu era responsável, visto o subsídio ser-me atribuído — como fotocópia anexa (anexo 1) — nada teria a ver com a dita cooperativa e agiria independentemente desta. Constitui-se, para isso, uma Direcção Artística à qual o meu nome dava o aval e na qual figuravam, ainda, David de Carvalho e Francisco Albuquerque, o tal funcionário da SEC que, em princípio, seria destacado para Vila Real numa missão de animador cultural e apoio à companhia.

2 — Procedeu-se, de imediato, à montagem de um texto de José Júlio Valarinho, «Noite Branca». Este, efectivamente, o primeiro espectáculo como companhia profissional do TET, pois no seu elenco figuravam nomes vindos expressamente para a constituição da mesma, como Arlete de Sousa, José Ananias e eu.

As encenações que até aí tinham sido todas do David de Carvalho, enquanto grupo amador, tentou-se que fossem passando por várias mãos, cabendo-me a mim, a encenação da primeira, portanto (de) «Noite Branca». A peça que figura, em 1979, «O Salto», como primeira da companhia profissional não o é, efectivamente, e apenas deu um único espectáculo no Teatro Real, por ocasião da visita de um Secretário de Estado, que já nem me lembra qual.

3 — Após a minha saída do TET, que levou à saída de todos os elementos que integravam a companhia, à excepção de David de Carvalho e do técnico, seu irmão, coincidiu com a criação de ARLEQUIM-TEATRO POPULAR, com os elementos provindos do TET, a que se juntou António Capelo e, mais tarde, Francisco Costa. Sabíamos que era uma experiência para durar alguns meses, como efectivamente aconteceu, mas decidimos tentar. Escusado será dizer que a minha saída do TET levou comigo o subsídio atribuído a esta companhia e que transitou para ARLEQUIM-TEATRO POPULAR.

Só na época seguinte, e quando eu tinha formado a minha própria companhia, TEATRO EM MOVIMENTO, o TET readquiriu o subsídio. Resta acrescentar que a minha atitude de abandono do TET, assim como da quase totalidade de elementos desta companhia, foi tomada em virtude da tentativa de controlo da companhia pela Cooperativa, da qual só conheci três ou quatro membros, e à qual estava ligado também David de Carvalho.

Para melhor esclarecimento, diga-se que nunca nenhum dos elementos da companhia, à excepção de David de Carvalho, fizeram parte dessa cooperativa.»

Por hoje, o espaço está a acabar. Continuaremos a transcrever passagens da extensa carta de Leandro Vale na próxima crónica. Para já, no entanto, convirá fixar alguns pontos que nos parecem, como lhes chamar um tanto obscuros:

1.º Um actor decide, **por razões puramente pessoais**, ter a (sua) própria companhia.

2.º Elabora um projecto de instalação de companhia profissional na Covilhã (a Covilhã foi consultada?) e recebe subsídios para isso!

3.º Um colega (ou amigo) convida-o a ir para Vila Real — adeus Covilhã!

4.º Há uma cooperativa teatral em Vila Real — mas fica de fora do novo projecto — porquê?

5.º Constitui-se uma direcção artística da qual faz parte um funcionário da SEC que subsidia. Será correcto?

6.º No que se refere às representações do espectáculo **O Salto** temos em nosso poder um recorte do Diário de Notícias (4-8-83) que diz o seguinte: «Como grupo profissional (o TET) levou à cena a peça **O Salto**, trabalho colectivo que se exibiu na Alemanha Federal, junto das comunidades portuguesas, bem como do público da região transmontana e duriense...»

7.º A saída do TET de Leandro Vale implicou a transferência do subsídio para o novo grupo que ele formou. Mas o subsídio é dado a grupos, de acordo com determinados projectos, ou a pessoas individuais?

Não há dúvida que são mais os problemas do teatro português do que se poderia pensar.

Carlos Porto

A MULHER DO CAMPO
de
Wycherley

TEATRO DA TRINDADE
De 3.ª a sáb. às 21 horas, Domingo às 16 h

Atenção: Dia 31 realiza-se espectáculo

Sub SEC Apoio INATEL e Antena Um

Agenda do essencial

Natal sem novidades no sapatinho do teatreiro, como já aqui se escreveu **(Nasce um Deus, Outros Morrem).** Enquanto esperamos as estreias previstas e a que nos referimos de passagem no Cartaz anterior (escapou na lista o Teatro Ibérico, que aqui se acrescenta), vamos vendo o que há para a nossa agenda.

No Teatro da Trindade, um espectáculo (impagável) do Teatro da Cornucópia, com a peça de William Wycherley, **A Mulher do Campo,** encenação de Luís Miguel Cintra.

Na Barraca, polícias e polícias continuam a prender-se uns aos outros: tem graça e não ofende, a não ser a quem enfiar a carapuça. Trata-se de **Os Polícias,** peça de Mrozek, com encenação de Hélder Costa.

Duas revistas em cena: **Isto é Maria Vitória,** no Maria Matos; **Lisboa, Tejo e Tudo,** no ABC.

No Estoril, mantém-se em cena a peça de Brecht **Galileu Galilei,** um espectáculo do Teatro Experimental de Cascais dirigido por Carlos Avilez. Não esquecendo **Nós de um Segredo,** de O Bando, na Comuna.

Apesar de tudo, se o leitor estiver interessado, ainda tem por onde escolher.

TEATRO ABC
Parque Mayer
Tel. 36 67 45
(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, também às 16.00; domingos, às 16.00 e 21.30).
Lisboa, Tejo e Tudo, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Música: Thilo Krassman, Fernando Guerra e Carlos Alberto Moniz. Enc.: César de Oliveira. Cen./Fig.: Mário Alberto. Int.: Alexandra Solnado, Camacho Cosdta, Carlos Miguel, Cláudia Martins, Graça Braz, Helena Isabel, Gina Espadinha, Hermínia d'Almeida, Henrique Viana, José da Câmara e Natalina José.
Mantém-se em cena a única revista do Parque.

TEATRO MARIA MATOS
Av.ª Frei Miguel Contreiras
Tel. 80 70 17
(De terça a domingo, às 20.45 e 22.30; domingos e feriados, também às 16.00).
Isto é Maria Vitória, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Música: João Vasconcelos, Fernando Correia Martins e Nuno Nazareth Fernandes. Enc.: Ivone Silva. Cen.: Moniz Ribeiro. Fig.: Helena Reis. Int.: Carlos Cunha, Carlos Ivo, Cláudio Cadima, Cristina Areia, Delfina Cruz, Eugénio Salvador, Fernanda Guerra, Fernando Mendes, Fernando Ribeiro, Nuno Emanuel e Soraya Arrais.
Mantém-se em cena, a única revista fora do Parque.

TEATRO VARIEDADES
Parque Mayer
Tel. 32 60 37
(De terça a domingo, às 21.30; domingos e feriados, também às 16.00).
Aqui Há Fantasmas, de Henrique Santana. Enc.: Henrique Santana. Cen./ Fig.: João Quintão. Int.: António Feio, Armando Cortez, Carlos Quintas, Cristina Oliveira, Francisaco Vaz, Henrique Santana, Henrique Santos, José Raposo, Luís Alberto, Maria Helena Matos e Rita Ribeiro.
Os fantasmas de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av.ª Fontes Pereira de Melo, 30
Tel. 53 85 86
(De terça a domingo, às 21 horas e 30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30). **Sapateado,** de Richard Harris. Trad.: César de Oliveira e Barry Scray. Enc.: Varela Silva. Cen.: Octávio Clérigo. Int.: Fernanda Oliveira, Florbela Queirós, Luísa Barbosa, Magda Cardoso, Manuela Carlos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Octávio de Matos e Rosa do Canto.
Não se confirmou a nossa esperança de que este espectáculo viesse na linha do espectáculo anterior. Pouco Barulho! Pouca sorte...

O outro teatro

A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70
Tel. 68 63 00
(De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00).
Os Polícias, de S. Mrozek, Dram./Enc.: Hélder Costa. Int.: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.
Não sabemos se havemos de chorar ou se ghavemos de rir. Vamos pelo riso.

TEATRO DO SÉCULO
Rua do Século, 41
Tel. 32 00 00
(Quintas, sextas e sábados; às 21.45; domingos, às 17.00).
Memórias de um Corpo, de José Figueiredo Martins. Enc.: Cucha Carvalheiro. Int.: José Figueiredo Martins.
Um trabalho com alguns momentos fortes que merece ser visto.

TEATRO DA TRINDADE
Rua Nova da Trindade, 9
Tel. 32 00 00
(De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00.)
A Mulher do Campo, de William Wycherley. Trad.: Mannel João Gomes, Enc. Luís Miguel Cintra. Cen./Fig.: Cristina Reis, Música: José Mário Branco. Int. Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Júlia Buisel, Júlia Correia, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Raquel Maria, Rogério Vieira, Rui Mendes e Ruy Furtado.
O melhor espectáculo em cena, claro.

Algures

ESTORIL
TEATRO MUNICIPAL
MIRITA CASIMIRO
Av.ª Fausto de Figueiredo (Cruzeiro)
Tel. 26 70 320

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30)
Galileu Galilei, de Bertolt Brecht, pelo **Teatro Experimental de Cascais.** Trad. Yvette Centeno, Enc. Carlos Avilez, Cen. José Manuel Castanheira, Música: José Mário Branco, Int. Anna Paula, António Marques, Augusto Leal, Carlos Freixo, Cecília Guimarães, Fernanda Neves, Fernando Corte-Real, Ilda Roquete, João Vasco, Luíz Rizo, Luísa Salgueiro, Paulo, B. Paulo Lages, Pedro Portela e Santos Manuel.
Um Brecht há meses em cena: vá ver porquê.

O melhor do mundo

COMUNA
Praça de Espanha
Tel. 72 669 10
Sala 2
(Sábados e domingos, às 15.00)
Nós de um Segredo, de João Brites pelo grupo **O Bando.** Enc. João Brites, Int. António Terrinha, Horácio Manuel, João Brites, Jorge Laurentino, Maria Almeida, Paula Só, Paulo Elói e Raul Atalaia.
Um grande espectáculo para todos os públicos.

TEATRO ABC
Parque Mayer
Tel. 36 67 45
(Domingos, às 11.00)
Fecha os Olhos... Entra na História, de Alexandre Solnado. Enc. Joselita Alvarenga. Int. Ailton galvão, Alexandre Solnado, António Semedo, Herlinda de Almeida, Paulo Oliveira e Paulo César.
Um espectáculo de que as crianças gostam.

TEATRO INFANTIL DE LISBOA
Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 63 99 74
(Sábados, domingos e feriados, às 16.00)
No Reino da Fantasia. Texto/Enc. Agostinho Macedo, Int. Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo, José Boavida, José Capelo, Kim Cachopo, Maria J. Vieira, Maria Clementina, Mayla Fernandes, Salomé Almeida e Zita.

Margens

RDP/Programa 2
(Sexta, às 21.30; segunda, às 11.30)

Dicionário Sonoro do Teatro – Fasc, n.º 47 – Leopoldo Jessner, Hans Johst e Ben Jonson.
Texto: Carlos Porto. Realização: Luís Filipe Costa,

RTP/2
(Domingo)
O Mundo é um Palco, série da BBC, apresentada por Ronald Harwood.

A letra do teatro

El Publico – Periodico mensual del Centro de Documentacion Teatral – n.º 39 – Madrid/Dezembro 1986.

Na capa deste n.º uma bela imagem da encenação da peça de Mishima **Madame de Sade,** espectáculo do Teatro Lliure de Barcelona, peça adaptada e encenada por Filipe La Féria para a Casa da Comédia, como se sabe. No sumário: ampla reportagem sobre o espectáculo catalão; abundante informação sobre um festival de teatro de fantoches, também em Barcelona; sobre o espectáculo do Centro Dramático Nacional com cinco peças breves de Lorca encenadas por Lindsay Kemp, José Luís Castro, Joan Baixas, Luís Pasqual e José Luís Alonso. Está prevista a estreia a 10 de Janeiro, no mesmo teatro,

Maria Guerrero, daquela que El Publico considera a obra mais experimental de Lorca, com o título, é exacto, de **El Publico;** um espectáculo em Valencia sobre «O Carnaval dos Animais» de Saint-Saens; a autora e actriz Ana Diosdado; e muita outra informação sobre o teatro da descentralização em Espanhol. Na secção internacional: correspondência de França **(A Vida é Sonho,** na encenação de Raul Ruiz); Inglaterra (Maggie Smith na **Máquina Infernal,** de Cocteau); Argentina (Festival de Córdoba); Venezuela, Portugal, Cuba. Ainda, uma secção de críticos de livros e revistas da especialidade.

Em suplemento a este n.º de El Publico, o n.º 19 de Cuadernos El

Publico, dedicado a algum teatro ibero-americano: Brasil, Peru, Uruguai, incluindo uma mesa-redonda com a colaboração de representantes de vários países da área. Indispensável para quem queira pôr-se a par do que se passa por aqueles lados no campo do teatro.

B/BB (14)

Outros textos de Luís Francisco Rebello

Entre outros trabalhos de LFR sobre BB, que aqui serão citados, lembraremos hoje: A tradução do prólogo de **Antígona**, na adaptação de BB, precedida de um texto sobre o autor, publicada na revista «Vértice», n.º 139 – Abril/1955; «Brecht Hoje Aqui» – artigo publicado no Suplemente Artes e Letras dedicado a BB – «Diário de Notícias» / 1975; o texto «Brecht em Portugal: de **Antígona** a **Mãe Coragem**», publicado no programa do espectáculo do Novo Grupo / Teatro Nacional D. Maria II, **Mãe Coragem e os Seus Filhos,** encenação de João Lourenço – Lisboa / 1986; crítica ao espectáculo da Comuna, com a peça **A Mãe** revista «Seara Nova» – Março / 1978; nota intitulada «Morreu Bertolt Brecht» – «Vértice» – n.º 157 – Outubro / 1956.

Sublinhados

Creio que a revista à portuguesa começa com Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, peregrinando até Castela, de baraço ao pescoço e piedosamente acompanhado da família, a fim de pedir desculpa (com a vida, se preciso fora) pelo desaforo do príncipe luso em querer construir uma pátria, que se alargaria até ao conceito de nação. Protagonistas e comparsas de numerosos outros quadros de revista têmo-los por toda a História de Portugal. Mas a revista, propriamente dita e entendida como tal, atinge o seu zénite com Gil Vicente, a soma e o resto dos agrupamentos dispersos que, do Cantábrico e dos Picos da Europa, percorriam as cidades, as vilas e as aldeias portuguesas, cantando, dançando, apresentando «intermezzos» cómicos onde os senhores do mando, sabiamente envolvidos em metáforas e alegorias, eram gozados até ao grotesco. A súmula de uma impertinente cultura popular; a síntese de tudo o que de imponderável e de humoristicamente crítico existe no «espírito português», a truculência verbal e o gesto incontinente – será pouco, será muito, mas aí está a revista. (...)

A revista é o teatro português por excelência. É a cegada institucionalizada. É a tragédia, a comédia e o drama. E, como nos grandes textos gregos, também a revista se desenvolve na grande dialéctica dramatúrgica: expõe, desenvolve, conclui. Escrever para a revista é tão difícil como escrever para jornais. Temos de ser todos os dias muito bons, e temos todos os dias de cumprir horários ásperos e rigorosos. E aí está a gargalhada. E aí está o quadradinho que nos emociona. E aí está a mulheraça que nos alerta o olho e nos arregala o enguiço. All That Show. **Um espectáculo que é total. Que vai acabar antes mesmo de começar e que se renova todas as noites, em cada noite que surge e que passa.**

Penso, agora: as mil e uma noites de um revisteiro (seja ele o autor do poema, seja ele o actor, seja ele o espectador: todos revisteiros) – as mil e uma noites de um revisteiro são tantas quantas aquelas que faz o seu trabalho. Uma vez e para sempre quando estreia, mil vezes constantemente repetidas quando regressa ao teatro para nos fazer sonhar. (Baptista-Bastos – «Mil e Uma Noites para todos sonharmos» – **Diário Popular** – 2-8-86).

MÚSICA-BAR

ALADIN
Tv. da Esperança, 22
Telef. 363525
Terças: Helena Melo (viola)

B'ARTE
Rua de São Boaventura, 16 (Bairro Alto)
Telef. 324266
Encerra ao domingo
Sextas: Júnior (música afro-brasileira)
Sábados: The Old Partimers
Terças e quintas: Júnior (afro-brasileira)
Segundas e quartas: Rui Rocha (portuguesa e brasileira)

BAR-ESTÚDIO LACHOR
Calçada da Pampulha, 11
Telef. 677569
Sextas e sábados: Fernando Carvalho (música afro-brasileira)
Quartas: Luís Cerqueira (piano)

O BAILE
Rua das Trinas (Vendedor de Jornais), 55
Telef. 677613
Sextas: Blue Jeans Band (música dos anos 60)

BIPI-BIPI
Rua Oliveira Martins, 6
Telef. 778924
Encerra aos domingos
Todos os dias: Rio Transa Samba (música brasileira)

O BERRO
Rua da Esperança, 158
Telef. 665568
Sextas e segundas: Jorge Lomba e Rui Padinha (portuguesa)
Terças e quartas: Fernando Castro e Nascimento (variada)
Quintas e sábados: Daniel e Rui Padinha (portuguesa e brasileira)
Domingo: Nelinho

BARIEDADES
Parque Mayer
Telef. 325163
Sextas e sábados: Badaró apresenta «Eu e os Meus Amigos»

BATE-PAPO
Alameda D. Afonso Henriques,63
Telef. 534636
Encerra à segunda
Sábados: Fernando Carvalho e António Carlos Martins
Todos os dias: António C. Martins

CASA DA LINA
Calçada de S. Vicente, 95
Tel. 876654
Encerra às segundas
Todos os dias: Hugo Maia e Joaquim M. Caixeiro (brasileira e portuguesa)

CHAFARICA
Calçada de S. Vicente, 81
Tel. 867449
Encerra aos domingos
Todos os dias: Vum Vum (música brasileira)

O CENÓBIO
Rua das Janelas Verdes, 16
Telef. 677854
Sextas: Mingo
Sábados: Mila Ferreira e Rui Moura
De segunda a quinta: Manuel Alberto (órgão)

CONSTITUINTE
Rua de S. Bento, 145
Tel. 670201
Todos os dias: José Orlando (piano)

COPO DE TRÊS
Rua Marcos Portugal, 1
Telef. 670230
Encerra aos domingos
Sextas: Fados com Carlos Gomes, acompanhado à viola por Carlos Paiva e à guitarra por António Lopes
Sábados: José Manuel e João Paulo Fonseca, Carlos Sanches e António Guerreiro
Segundas: António Guerreiro e Miguel Pirrait
Terças: Rui Madeira
Quartas: António J. Branco e Jorge Vaz de Carvalho
Quintas: António Jorge Branco e Andrej Letek

COMÉDIA PORTUGUESA
Rua dos Prazeres, 10-A
Telef. 670523
Sextas: Julian del Valle (música latino-americana)
Sábados: Manuel Teixeira e João Heitor
Domingos: Alex (piano)
Quintas: O grupo Bayete (africana e brasileira)

DROGARIA IDEAL
Rua do Conde, 57
Telef. 661277
Sextas e sábados: Mila Ferreira,acompanhada ao piano por Rui Moura
Quartas: Julian Del Valle
Quintas: Maria Paula

GAFIEIRA
Calçada do Tijolo, 8
Telef. 32 59 53
De segunda a sábado: Trio Gafieira

HAPPENING
À Estrela
Telef.663455
Quartas, sextas, sábados e domingos: João Brás
Quintas: Lula
Segundas e terças: Mingo

HIT PUB
Rua Antero de Figueiredo, 6
Telef. 804977
Segundas: Carlos Bastos
Quintas: Sérgio (música dos anos 60)

HOT CLUBE DE PORTUGAL
Praça da Alegria, 39
Telef. 367369
Dias 26 e 27: O grupo Shish composto por José Peixoto, Paulo Curado e José Martins.

INDA A NOITE É UMA CRIANÇA
Praça das Flores, 8
Telef. 663545
Encerra ao domingo
Sextas: Manuel Carlos e José Pinho (música portuguesa)
Segundas: Daniel (música portuguesa e brasileira).
Terças e sábados: Jorge Lomba (portuugesa)
Quartas: Manuel Carlos (portuugesa)
Quintas: Rui Rocha (portuugesa)

INDEX PUB
Beco dos Apóstolos, 9
Telef. 361425
Quartas: Jorge Lomba (variada)

JOKE CLUB
Av. Frei Miguel Contreiras, 18-C
Telef. 899694
Quintas e sextas: Vira-Xote (música portuguesa) e brasileira

LE NAUTIQUE
Rua Castilho, 149
Telef. 690900
Todos os dias: O quarteto Take Four (jazz, funky e bossa) (Às sextas há um artista convidado)
Segundas, quartas, sextas e sábados à tarde: António Jorge Marques e António Manuel N. Silva (dueto de piano e flauta)

LOUCURAS
Av. Pedro Álvares Cabral, 35
Telef. 681117
Quintas: Orquestra da Felicidade («Loucuras Tranquilas»)

99 DA BARROCA
Rua da Barroca, 99
Telef. 368194
Sextas: Zé Neto (francesa e portuguesa)
Sábados: Rui Rocha (brasileira e popular portuguesa)

PALPITA-ME PUB
Rua das Janelas Verdes, 102
Telef. 602989
Segundas e quintas: Rui Siqueira

PASTA E BASTA
Rua do Cura, 3-A
Telef. 667921
Sextas e sábados: Outra Banda

PÉ SUJO
Largo de S. Martinho, 6
Telef. 865629
Encerra às segundas
Todos os dias: Lula e Tramagal

PIANO BAR
Av. da República, 38-A
Encerra aos domingos
Todos os dias: Manuel José Soares acompanhado por Ricardo Paulino (swing)

QUANDO O PIANO TOCA
R. Viriato, 8
Telef. 532314
Encerra aos domingos.
Todos os dias: José Cabeleira e Marta (música de piano)

QUADRA DE COPAS
Rua Washington, 17
Telef. 832570
Sextas e sábados: Paulo Sargento e Rui Pimpão (à sexta também António dos Santos – fado)

SALPICO BAR
Rua Prior do Crato, 55
Telef. 607269
Sextas e Sábados: Sérgio Eduardo e Zé Alves do Poço (música variada)

TASCA
Rua dos Prazeres, 47
Telef. 670584
Encerra às terças
De segunda a quinta: Pedro Barroso
Domingos: Fados

VICENTE BORGA PUB
Rua Vicente Borga, 75
Telef. 670070
Sextas: José Matos e Zeca (brasileira)
Sábados: Jorge Vaz de Carvalho e José Matos (francesa e brasileira, respectivamente)
Quartas e quintas: José Matos

ecovideo A MELHOR QUALIDADE IMAGEM E SOM
ecovideo — EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO — AV LIBERDADE. 563 — 3700 S JOÃO DA MADEIRA TELS. 28455/6 — TELEX 26650 ECOVID P — PORTUGAL

Um filme em destaque

«As aventuras de Robin dos Bosques»

de MICHAEL CURTIZ

e WILLIAM KEIGHLEY

Quantas gerações foram alimentadas, no seu imaginário infantil e adolescente, pelas fitas de aventuras do clássico cinema americano? Incontáveis. Pode dizer-se que durante meio século (entre 1930 e o advento da era Lucas/Spielberg, que aliás não é mais que um retorno transformado a esse cinema) os miúdos urbanos de metade do mundo tiveram como heróis os piratas, os cow-boys, os espadachins que Hollywood inventava.

De entre os actores que deram corpo a esse cinema Errol Flynn foi emblemático. De entre os filmes que melhor sobreviveram na memória, **As aventuras de Robin dos Bosques** de Curtiz e Keighley tem lugar de destaque. E, revisto hoje, quarenta e oito anos depois de produzido, na magnífica edição videográfica com que a Warner nos presenteou este mês (espantoso colorido...), o filme, continua jovem, empolgante, não dá um segundo de descanso ao espectador, não envelheceu um dia que seja. Quando chamamos **cássico** a um filme, é isso que queremos significar: a eterna juventude, a capacidade de atravessar os anos sem perder sedução. Este filme é um clássico e não deve haver melhor festa para os miúdos (e para si, se ainda não envelheceu irremediavelmente) que vê-lo ou revê-lo aí em casa. E não creia o leitor que estas linhas são ditadas por qualquer paranóia de cinéfilo empedernido...

Com a edição de **As avenrturas de Robins dos Bosques** abre a Kodak as portas ao fabuloso fundo de catálogo da Warner. Já não era sem tempo. Agora só há que esperar que essa atitude não seja apenas episódica e que com regularidade nos faça ir chegando até aos tesouros que esse catálogo tem no bojo.

FICHA:

The Adventures of Robinson Hood. Realização: Michael Curtiz e William Keighley (EUA-1938). Interpretação Errol Flynn, Olivia de Havilland, Claude Rains. Cor; Aventuras; 102 minutos; m/6 anos; ed. Kodak/Warner.

VIDEORAMA coordena

Temos aqui falado de filmes de terro acção e até de filmes pornográficos.

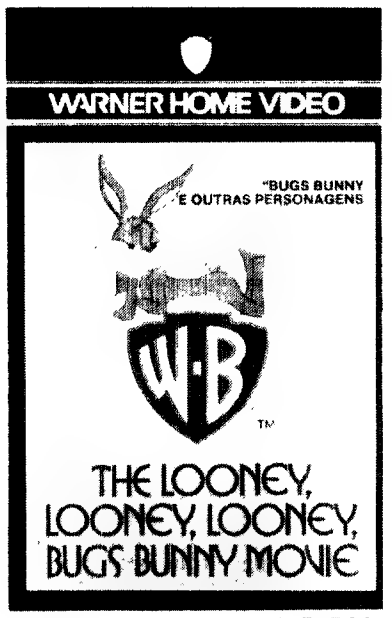
...E as crianças, senhores?

A época das «festas» de Natal e Fim do Ano é tempo em que as crianças estão no centro das atenções. Filmes para miúdos chegam às salas de cinema, o circo desce à cidade, o Pai Natal ou o Menino Jesus enchem os sapatinhos de presentes, as montras enfeitam-se de coisas apetecidas. E o vídeo? O vídeo também tem novidades para os mais pequenos. Tantas e tais que decidimos encerrar 1986 e abrir 1987 dedicando o nosso espaço integralmente a esse tipo de cinema. É o que fazemos hoje, é o que faremos na próxima semana.

Quando o mercado videográfico se legalizou, no princípio deste ano, a voz dominante de quem detinha os clubes de vídeo era de que o público infantil não tinha expressão e os títulos a ele destinados não seriam comerciais. Miopia, claro, mas o certo é que essas suposições broncas originaram que os primeiros tímidos lançamentos que procuraram preencher esse território se saldaram por fracassos. E os editores estancaram a linhas de produção infantil. Poucos meses volvidos, têm sido os próprios clubes, assediados pela procura do público, quem tem vindo reclamar junto dos editores o lançamento de desenhos animados, de produtos que possam satisfazer esses impenitentes consumidores de videogramas que, em Portugal como em todo o mundo, são os miúdos.

Este Natal de 1986 assistiu assim a um súbito **boom** na matéria. À falta do catá-

CATÁLOGO



BUGS BUNNY E OUTROS PERSONAGENS

A curta metragem **«Knighty Knight Bugs»**, de 1962, laureada com um Oscar e a longa metragem **«The looney, looney, looney, Bugs Bunny movie«4 (ela própria construída concatenando algumas raridades produzidas ao longo de várias décadas).**

What's up, Doc?

The Looney, Looney, Looney, Bugs Bunny Movie. Realização: Fritz Freleng (EUA). Cor; Desenhos animados; 81 minutos; M/6 anos; ed. Kodak/Warner.

★★★★

WOODY, WOODPECKER E AMIGOS

Uma curta metragem autobiográfica encerra esta colectânea de 10 desenhos animados onde se incluem algumas preciosidades como «Knock, knock» (o primeiro **cartoon** de Woody Woodpecker, de 1940) e dois curtos de Tex Avery («The legend of a Rock-a-By-Point» e «Crazy mixed-up pup», de 1953) absolutamente divinais de humor e crueldade...

Woody Woodpecker and his friends. Produção: Walter Lantz (EUA-1940/1982). Cor; Desenhos animados; 77 minutos; M/6 anos; ed. Edivideo/CIC.

★★★★

SINBAD THE S

Aventuras de
Telly Savalas. A
animação segue
expressividade d
conhecidos, po
«Marco« que há

**Sinbad the S
dao Nozaki e Ta
Cor; Desenhos
ed. Vista Video**

★★

denação de JORGE LEITÃO RAMOS

ror, espionagem, s... ?...

a-
ro,
es
tí-
e-
or
a
e-
es,
co,
o-
os,
es
o-
o
um
á-

logo Disney (que, por natureza, reserva para si a parte de leão do mercado infantil) cuja implantação no nosso país só deve ocorrer no primeiro semestre de 1987, todos os editores importantes saíram à liça. A maior parte das edições é de desenhos animados mas houve quem tivesse a inteligência de entender o termo «infantil» em sentido lato e ousasse entrar num campo menos espartilhado (foi o caso, por exemplo, da Kodak/Warner, com **As Aventuras de Robin dos Bosques,** o nosso destaque da semana.

Enquanto não chegam os filmes de Charlot, ou dos Irmãos Marx, ou de Jerry Lewis (que, não sendo propriamente «para crianças», têm nelas incontestados adeptos) fiquemos com o que há – e já não é tão pouco como isso.

Um bom ano para todos!

THE SAILOR

ENDADO EM PORTUGUES

VISTA VIDEO

CORI

E SAILOR

de Sinbad, narradas por
s. A produção é nipónica e a
gue os traços limitados e a
de curta que são os nossos
por exemplo, da série
e há anos passou na RTP.
**lor. Realização: Sa-
Tatsuya Matano (Japão).
os animados; M/6 anos;
deo.**

(A) RAPOSA MANHOSA

Embora traga na capa o título **A raposa matreira**, o filme foi registado como **A raposa manhosa**; embora a capa cite Stanislaw Dulz como realizador, trata-se de uma colectânea de curtas metragens polacas, sem diálogos, produzidas para a televisão daquele país e assinadas por vários nomes.

Uma hipótese para desmonotonizar da produção americana.

Realização: Stanislaw Dulz, Romuald Klys, Jan Hoder, Marian Cholerek, Wieslaw Ziebe, Ryszard Lepiora (Polónia – 1981/83). Cor; Desenhos animados; 90 minutos; M/4 anos; Ed. MVM Video.

★★★

BOA VIAGEM, CHARLIE BROWN (E NÃO VOLTES!)

Charlie Brown e alguns amigos estão de visita à Europa – e o impagável Snoopy não perde a viagem... As notáveis criações de Charles M. Schultz (tão divertidas quanto neuróticas) dão-se bem com o cinema de animação.

Bon Voyage, Charlie Brown (and don't come back!). Realização: Bill Melendez (EUA-1980). Cor; Desenhos animados; 74 minutos; M/6 anos; Ed. Edivideo/CIC.

★★★

AR LINE" 10 BOAS RAZÕES
ARA FICAR HOJE EM CASA
REÇO INCRIVELMENTE ACESSÍVEL
AGORA, TER A SUA PRÓPRIA VIDEOTECA
VIDEOCLUBE OU NAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
VISTA VIDEO
GRAFIDEE PEDRO PALMA

ECOVIDEO
ecovideo — EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO LDA AV LIBERDADE, 563 — 3700 S JOÃO DA MADEIRA TELS. 28455/6 — TELEX 26650 ECOVID P — PORTUGAL
ecovideo
A MELHOR QUALIDADE IMAGEM E SOM

RÁDIO

Os melhores do ano

Para o ano que vem tudo será diferente: a RFM, a atribuição das novas frequências, **nacionais e locais,** a eventual alienação da Rádio Comercial. E a lei da Rádio, que deverá entrar brevemente em vigor.

Noutro local ou noutra oportunidade farei o balanço do ano, mas não quis deixar de registar desde já, alguns dos bons «acontecimentos» radiofónicos que tivémos.

As notas críticas que acompanham esta crónica, e que reafirmo serem da minha escolha e inteira responsabilidade, tiveram esta semana como critério a escolha dos melhores programas do ano, **ainda no ar.** Excluiu-se portanto alguns outros que poderiam aqui figurar mas já desapareceram da programação das estações nacionais.

Se no que respeita à escolha da música a Rádio Comercial leva os maiores louros do ano («O som da Frente», «As 1001 Noites», «Morrison Hotel»), é na a Antena 1 que surgem destacados os melhores programas (entendidos desta vez como um todo complexo, com um «dispositivo» base, um alinhamento musical e de textos, servindo um tema ou um objectivo) através de «lugar ao Sul» e «Imaginário».

Na Informação a Renascença marcou pontos, através de «Contra Factos», e só o abandono de Miguel Lemos da Renascença justifica a não inclusão (e inclusivé o desaparecimento) do «Jornal da Meia-Noite».

Para o ano há mais!

Rui Cartaxo

Antena 1 e Programa 2

LUGAR AO SUL – Aos sábados, das 7 às 10, na Antena 1; realização de Rafael Correia.

Caso ímpar de comunicabilidade e de acesso ao país «real» aqui se construíram alguns dos mais emocionantes momentos radiofónicos do ano.

ÍNTIMA FRACÇÃO – Aos domingos, das 0 às 2, na Antena 1; realização de Francisco Amaral.

A rádio intimista, feita para ser escutada, num misto de textos algo herméticos e música intimista da «frente».

IMAGINÁRIO – De 2.ª a 6.ª, das 21.30 às 24, na Antena 1; realização de Cardoso Pinto, Graça Vasconcelos e Luís Garlito.

Lugar que se espraia pelo que somos capazes de conceber, de imaginar, e que de alguma forma reflecte os nossos gostos, costumes, padrões e sistemas de valores.

HISTÓRIAS DA MÚSICA... E OUTRAS – Programa de António Cartaxo, com realização de José Manuel Gonçalves, no Programa 2 da EDP.

A música clássica e histórias à sua volta. dos homens aos instrumentos, das orquestras aos povos de onde nasce a música.

RÁDIO COMERCIAL

AS NOITES LONGAS DO FM ESTÉREO – Aos domingos; das 21 às 24, em FM Estéreo; textos de João Viegas, apresentação e realização de António Santos.

Como disse aqui em tempos »...ou de como se pode ser simultaneamente terno e mordaz, divertido e atrevido. Uma taça de ternura seguida de um balde de água fria».

O SOM DA FRENTE – De 2.ª a 6.ª, das 16 às 17, em FM Estéreo; realização de António Sérgio.

»...O direito à diferença...», ou simplesmente o verdadeiro som da frente feito pelo homem da frente!

MIL E UMA NOITES – De 2.ª a 6.ª, das 22 às 24, em FM Estéreo; realização de Aníbal Cabrita.

Alinhamento impecável da música dos anos 80, nas suas múltiplas vertentes.

MORRISON HOTEL – De 2.ª a 6.ª, das 0 as 2, em FM Estéreo; realização de Rui Morrison.

Como já disse aqui por múltiplas vezes este é o programa que tem a melhor selecção musical da nossa Rádio (na área da música popular, entenda-se). E está tudo dito!

RÁDIO RENASCENÇA

A OCIDENTAL PRAIA – Aos sábados, das 0 às 2, em FM Estéreo; realização de Rui Pego, colaboração de Luís António Vita.

«Regresso» precário de Rui Pego ao FM, uns furos abaixo do similar «Nós por cá», mas abrindo para a música com afinidades culturais com a nossa (brasileira, africana).

CONTRA FACTOS – Aos sábados, das 10 às 13, em FM e Onda Média; edição e realização de João Viegas Soares.

O grande magazine de informação da Rádio portuguesa, que vê agora o seu ocaso (mais uma vez temporário?), aberto e controverso.

AMIGOS DE ALEX – Aos sábados, das 22 às 24, em FM Estéreo; realização de Luís Marinho e Luís Pinheiro de Almeida.

Uma saudade indisfarçável dos anos 60 que não nos torna no entanto impotentes face ao futuro, como se pode ver pelas notícias «frescas» de Manuel Falcão.

O ÚLTIMO METRO – De 2.ª a 6.ª, das 0 às 2, em FM Estéreo; realização de Mário Fernando e Nuno Infante do Carmo.

Palavras e notas à volta da música, um certo eclectismo e uma atenção constante a tudo o que se vai criado

Um rosto no (pequeno) ecrã

Michael Caine

Britânico mas capaz de vulgaridade, um «gentleman» que pode ser um pulha: desenvoltura, imagem de marca e surpresas, muitas vezes um actor de se lhe tirar o chapéu

Quem hoje vê Michael Caine a dominar o ecrã (como no recente **«Ana e as Suas Irmãs»** de Woody Allen) poderá pensar que a chegada deste actor ao cinema foi fulgurante. Nada mais errado. Tendo começado como moço de recados, em 1949 (tinha então 16 anos), passou por várias tarefas secundárias na produção de filmes, iniciou-se como actor no teatro de 1955, fez o seu primeiro filme em 1956, mas teve que fazer um desvio pela televisão e esperar até 1965 para que o grande público fizesse dele o nome sonante que hoje tem.

Aconteceu com «**O caso Ipcress**«, onde o seu Harry Palmer, espécie de anti-herói de espionagem (um pouco em «resposta» a James Bond que, nessa altura, era o protótipo do herói no cinema britânico de espionagem) seduziu toda a gente. **«Alfie«**, no ano seguinte, é outro êxito (Caine cabotinava de fio a pavio, o público delirou, mas aquele que é o seu maior «handicap», ainda hoje, ficava à vista). A carreira internacional de Michael Caine vai de vento em popa.

Houve, porém, quem só reconhecesse indiscutível talento no seu trabalho alguns anos depois: vê-lo em confronto directo e sem rede, cara a cara, com Laurence Olivier, em **«Sleuth«** de Mankiewicz, foi uma espécie de prova dos nove. O filme é um dos mais notáveis exemplos de ficção policiária no cinema e o duelo de actores absolutamente espantoso. Caine voltaria a estar no galarim dos aplausos incondicionais em 1975 (com **«O homem que queria ser rei«** de John Huston) e ainda recentemente (com **«A educação de Rita«**) provou que continua entre os melhores, se tiver quem policie ou dê sentido à sua tendência para um certo exibicionismo cabotino.

No mercado videográfico português faltam os dois melhores filmes de Michael Caine (mas **«Sleuth«** tem edição marcada para daqui a poucas semanas). Em contrapartida existe o filme que fez sair da obscuridade (**«O caso Ipcress«**) e outros três títulos onde, pelo menos, se pode ver a solidez do **métier** do actor, em particular **«A inglesa romântica» 4 de Losey.**

Porque não um pequeno ciclo-Caine em sua casa?

VIDEOGRAFIA

– **«O caso Ipcress»**
de Sidney J. Furie
(GB – 1965)
ed. Edivideo

– **«A inglesa romântica»**
de Joseph Losey
(GB – 1975)
ed. L.M. Andrade/VCL

– **«Vestida para matar»**
de Brian de Palma
(EUA – 1981)
ed. Publivideo/Orion

– **«Fuga para a vitória»**
de John Huston
(EUA – 1981)
ed. Legal Video

OS FILMES DA TELEVISÃO

FERRO EM BRASA
de Don Siegel (EUA-1973)

Como mandam as leis clássicas do género, Siegel conta a história dos criminosos em fuga como uma antologia de encontros (ou confrontos) com uma galeria de personagens secundárias que constituem uma das componentes mais fortes deste cinema (repare-se, por exemplo, na velha vizinha de Charley Varrick ou na fotógrafa que fabrica os passaportes falsos).

Como sempre, trata-se de descrever um mundo não apenas marginal à lei que as personagens da Polícia representam mas também orientado por um outro «sistema legal» que, por vezes, estabelece laços perturbantes com as regras do seu contrário. O espectador é solicitado por mecanismos que passam pela simpatia e pela antipatia, pela curiosidade e pela distância, não sendo alheia a tais alternativas a escolha dos actores (o sentido do **casting,** para aplicar uma expressão consagrada na indústria americana). Neste aspecto, uma das soluções mais surpreendentes de **Charley Varrick** é a escolha de Walter Matthau, actor bonacheirão e inevitavelmente simpático, para assumir a figura a que o título se refere – por aí começam as delícias peculiares deste cinema, que vive das variações de modelos consagrados.

Interpretação: Walter Matthau, Joe Don Baker, Felicia Farr.
Duração: 109 minutos
(Sábado, às 23.50h. na RTP/1)

NÃO HÁ COMO A NOSSA CASA
de Vincente Minnelli (EUA-1944)

Quando dirigiu este **Meet Me in St. Louis,** Vincente Minnelli estava longe de ser um cineasta consagrado. Apenas com 34 anos de idade, o futuro autor de **Um Americano em Paris** e **Gigi** assinava aqui a sua terceira longa-metragem, depois de ter colaborado em filmes de Raoul Walsh, Gusby Berkeley e Norman Z. McLeod. Poder-se-ia pensar, por isso, que estamos perante um trabalho menos pessoal, eventualmente dominado pelas marcas que nele deixaram a produção de Arthur Freed (nome fundamental na actividade da Metro Goldwyn Mayer durante os anos 40 e 50) ou a cenografia de Cedric Gibbons.

É evidente que essas marcas estão lá, conferindo a **Meet Me in St. Louis** o brilhantismo de um cinema que tinha conquistado o equilíbrio próprio das sua idade clássica. Através de tudo isso, porém, o que emerge é já o sentido da **mise en scéne** de Minnelli. E vale a pena recordar, a propósito, um célebre texto crítico de Jean Douchet que, quase vinte anos mais tarde («Cahiers du Cinéma», n.º 129, Março 1962), resumiria exemplarmente as linhas de força do universo do cineasta: «Cada personagem minnelliano persegue, na verdade, um sonho interior. Sonho fútil na comédia, feérico no musical, intenso no drama, esse sonho é sempre sentido pelas personagens como essencial. E mais do que a sua razão de ser, é o seu próprio ser. Daí a necessidade que cada personagem experimenta de dar corpo a esse sonho. Cada um pretende rodear-se de um cenário que exiba a marca do que é, do que ama, do que deseja, do que aspira profundamente. Esse cenário torna-se o seu domínio encantado e o seu refúgio contra os ataques da realidade.»

Interpretação: Judy Garland, Margaret O'Brien, Mary Astor, Leon Ames.
Duração: 113 minutos
(Domingo, às 15.40 h, na RTP/1).

O FALSO CULPADO
de Alfred Hitchcock (EUA-1957)

14 de Janeiro de 1953, um dia que Christopher Emmanuel Balestrero nunca esquecerá. Músico do conjunto de um restaurante de luxo. Balestrero chega a casa preocupado com os problemas económicos que a sua familia enfrenta. Os filhos já estão a dormir. Conversando com Rose, sua mulher, decide dirigir-se no dia seguinte à companhia de seguros a fim de averiguar da possibilidade de contrair um empréstimo em dinheiro. De manhã, no escritório da companhia, é reconhecido por várias empregadas como o homem que, algumas semanas antes, cometera, ali mesmo, um assalto à mão armada. Todos os indícios acusam Balestrero e não parece possível provar a sua inocência.

Depois de **Confesso** (1952), Hitchcock filmou cinco filmes que, para além das suas diferenças, se podem considerar obras de puro divertimento com os artifícios que o cinema contém ou favorece: **Chamada Para a Morte** (1954), **Janela Indiscreta** (1954), **Ladrão de Casaca** (1955), **O Terceiro Tiro** (1956) e **O Homem que Sabia De Mais** (1956). Em 1957, retomando o preto e branco tal como em **Confesso** e como só voltaria a acontecer uma vez mais na sua filmografia, em 1960, com **Psico,** Hitchcock como que propõe um desvio através da realidade: **O Falso Culpado** baseia-se em factos verídicos e é a própria silhueta imponente do autor que, no princípio do filme, o vem anunciar.

Interpretação: Henry Fonda, Vera Miles, Anthony Quayle, Harold J. Stone.
Duração: 105 minutos.
(Domingo, às 22h, na RTP/2)

AMERICA, RELAÇÕES DE CLASSE
de Jean-Marie Straub e Daniéle Huillet (França-RFA-1984)

É difícil definir a singularidade do cinema de Jean-Marie Straub e Daniéle Huillet. Eles representam, na verdade, um continente à parte no cinema contemporâneo e a sua obra demarca-se constantemente de quaisquer modas ou tendências. Para utilizarmos uma expressão consagrada num dos seus títulos, eles vivem «não reconciliados» com todo o outro cinema.

Compreende-se que Kafka tenha seduzido os cineastas. No fundo, há algo que aproxima os métodos dos Straub da escrita contida (dir-se-ia que «abreviada») do autor de **Metamorfose:** ambos procuram uma espécie de minimalismo na arte de descrever que esconde (ou revela, como se preferir) a desmedida ambição de inventar um outro mundo que se instala — sob a forma de livro ou filme — no mundo aparentemente estabilizado da nossa percepção.

O rigor maníaco do cinema de Jean-Marie Straub e Daniéle Huillet, de que este **América, Relações de Classe** é um dos mais admiráveis exemplos, provém da consciência de que nenhum real revela automaticamente o seu segredo. «O real não conta histórias», dizia Metz.

Interpretação: Christian Heinisch, Reinald Schnell, Anna Schell.
Duração: 126 minutos.
(Terça-feira, às 21.30h, na RTP/2)

CHARADA
de Stanley Donen (EUA-1963)

Ligado a um dos títulos de maior gloria da historia do musical americano – **Serenata à Chuva** (1952) –-realizado com Gene Kelly - Stanley Donen optou, a partir de 1958, pela comedia romântica. **Indiscreto,** produzidonesse ano, terá sido o seu título mais interessante.

Depois mantendo-se fiel às intrigas organizadas em torno de pares românticos, Donen optou pelo cruzamento do «romantismo» com o «policial», SENDO **Charada** a sua melhor produção do género **(Arabesco,** realizado três anos mais tarde, e recentemente apresentado pela RTP, foi um claro prolongamento das soluções ensaiadas em **Charada).** Não se pode dizer que Andrey Hepburn e Cary Grant consituam um muito típico par romântico: na altura, ela tinha 34 anos e ele quase chegara aos 60. Seja como for, isso não parece incomodar muito o cineasta porque o que ele procura é, antes do mais, a própria ironia de um esquema policial corrente na época (RECORDE;SE, POR EXEMPLO, QUE O PRIMEIRO FILE DE James Bond, **Dr. No,** tinha sido produzido no ano anterior).

E óbvio que a referência principal do trabalho de Donen é **Intriga Internacional** (1959), de Alfred Hitchcock. São as mesmas confusões geradas por um jogo complexo de identidades simuladas, é até o mesmo actor, Cary Grant, no centro da acção. Sem atingir o brilhantismo de Hitchcock, Donen consegue, no entanto, uma comédia que funciona como caricatura eficaz de um género e das suas convenções.

Interpretação: Cary Grant, Audrey Hepburn, Walter Matthau, James Coburn.
Duração: 114 minutos.
(Quarta-feira, às 21.10m na RTP/1)

VIVA A GUERRA
de Richard Attenborough (GB-1969)

Implacável e sarcástica fábula pacifista, **Oh! What a Lovely War** marcou o início da carreira de realizador de Attenboroug. Na origem do projecto esteve uma emissão radiofónica da BBC, intitulada **The Long, Long Trail** e emitida no Natal de 1961: era um programa de uma hora, da responsabilidade de Charles Chilton, que, através de dois narradores (um para apresentar a versão oficial da história, outro simbolizando o soldado das trincheiras), propunha uma memória breve de quatro anos de carnificina. Depois, em 1963, **The Long, Long Trail** foi transformado num espectáculo musical levado à cena pelo Theatre Workshop: seguindo um princípio brechtiano de exposição, a peça – que adquirira o título **Oh! What a Lovely War** – fazia um balanço crítico da Primeira Guerra Mundial, apresentado por uma companhia de «pierrots», os Merry Roosters.

O mínimo que se pode dizer é que Attenborough não terá desprezado a diversidade do material (radiofónico e teatral) que lhes serviu de inspiração. Assim, o seu filme evolui como uma teia de sequências filmadas em tons muito diferentes – do realismo estrito de alguns momentos nas trincheiras pode passar-se para um cenário de estúdio onde deparamos com um número puramente musical - vivendo do contraste irónico entre os seus diversos registos dramáticos.

Attenborough retomava, assim, uma herança de espectáculo que passa por títulos como **The Entertainer** (1960), de TonyRichardson, mas sobretudo pela obra plural de Michael Powell, cineasta, por excelência, do realismo casado com o artifício. Tudo isto servido por uma fabulosa galeria de actores que contêm o melhor que a tradição britânica de representar produziu.

Interpretação: Dirk Bogarde, Phyllis Calvert, Jean-Pierre Cassel, John Gielgud.
Duração: 137 minutos.
(Quarta-feira, às 0.15h, na RTP/1).

TELEVISÃO TELEVISÃO **TELEVISÃO** TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO

SABADO. 27

RTP-1

09.00 – A Quinta do Dois
10.45 – Corpo Humano
(26.° e último episódio)

11.15 – Juventude e Família
13.00 – Sumário
13.10 – Jornalinho
14.00 – Parlamento

14.30 – A B Z
Inclui «Tudo em Cima»)
18.15 – A Superavozinha
(11.° episódio).

18.45 – Supertrinta
19.45 – Totoloto
20.00 – Jornal de Sábado
20.30 – Boletim Meteorológico
20.35 – 7 Folhas
20.45 – Faz de Conta
22.30 – Os Investigadores

23.30 – Pela Noite Dentro
«Ferro em Brasa»: ver destaque aos filmes da TV.

«Ferro em Brasa»

«A Superavozinha»

RTP-2

12.30 – Outros Mundos
13.00 – Os Anos Não Contam
13.50 – Meu Bicho Meu Amigo
«O Gato».

14.05 – Os Pratos da Balança
(11.° programa)

14.30 – Novos Horizontes
15.00 – Quem Te Viu e Quem TV
«Fim do Ano»

16.00 – Troféu
20.00 – Homenagem a Federico Garcia Lorca
«Janela Aberta»: El Balcón Abierto é, antes de mais, um filme de homenagem ao grande poeta espanhol Federico Garcia Lorca. Curiosamente, Federico é o poeta mais famoso, o mais popular, não só da geração dos «27», mas de toda a lírica espanhola. A sua morte violenta é símbolo das atrocidades da guerra civil espanhola

21.30 – 01 Magazine de Informática
21.45 – Concordo ou Talvez Não
22.40 – Vídeo Clube
22.55 – Troféu

DOMINGO

«Cinderela/80»

RTP-1

09.00 – Eucaristia Dominical
09.55 – Vida Animal
(7.° programa)
10.30 – TV Rural
11.00 – Juventude e Família
12.00 – 70 X 7
12.35 – O Almoço Está na Mesa
Ementa vegetariana (11.° programa)
13.00 – Sumário
13.10 – Milhões de Amigos
«Viva a Música».
13.35 – Os Roberts
(5.° episódio)
14.00 – Arco-Íris
15.35 – Primeira Matinée
«Não Há Como Em Nossa Casa»: ver destaque aos filmes da TV.
17.20 – Informação Desaportiva
17.25 – Amigos Disney
20.00 – Jornal de Domingo
20.30 – Boletim Meteorológico
20.35 – Histórias de Cidades
«Estremoz com três histórias de mulheres» (10.°episódio)
21.15 – Nas Asas das Águias
(5° e último episódio)
22.15 – Domingo Desportivo
23.20 – Dizem os Astros

RTP-2

10.00 – Troféu
12.30 – Magazine
13.00 – Caminhos
13.15 – Música na América
13.45 – Um Dia na Vida de...
«Um vendedor ambulante»

«A Vida Animal»

14.15 – Cinderela 80
(1.° episódio): «Sindy» – Pela primeira vez um conto de fadas dos anos do rock, em que não falta nem uma gata borralheira nem um princípe apaixonado. Cindy é uma jovem que vive em, Brooklin, imersa no incrível mundo da música de Nova Iorque. Filha de um emigrante italo-americano, proprietário de uma «pizzaria», tem uma madrasta burguesa, nascida em Filadélfia, que está sempre a lembrar-lhe que ela é «filha do pecado», fruto de uma ligação do pai com uma empregada do guarda-roupa de um teatro.
15.00 – Troféu
17.00 – Fantasia e Realidade
17.30 – Hill Street
(23.° e último episódio)
18.30 – As Vagas do Tempo
(11.° epiisódio)
19.00 – Entrada Livre
19.20 – As Fontes do Som
(10.° programa).
19.50 – Os Anos Trinta
(4.° episódio)
20.45 – 6 Árias para Cesário
(5.° episódio)
21.05 – O Mundo é um Palco
(10.° episódio).
22.00 – Cine Clube
«O Falso Culpado»: ver destaque aos filmes da TV.

SEGUNDA-FEIRA. 29

RTP-1

10.00 – Às Dez
10.15 – Doce e Amargo
(19.° episódio)
13.00 – Jornal da Tarde
18.00 – Sumário
18.07 – Brinca Brincando
18.50 – Viva o Gordo
19.30 – Telejornal
20.00 – Boletim Metereológico
20.10 – Viver a Vida
(29.° episódio)
20.55 – Sim, sr. 1.° Ministro
(5.° episódio): O aumento dos ordenados dos membros do Parlamento tem de ser adiado em virtude de o Governo estar a atravessar uma crise financeira. Só que o aumento atingia também quadros superiores do funcionalismo público e Sir Humphrey tem de convencer o Primeiro-Ministro que não é justo que lhes seja exigido o mesmo sacrifício.
21.50 – Deixem Passar a Música
«Fernando Girão»
22.45 – Pedras Brancas
(5.° episódio)
23.15 – 24 Horas
23.45 – Remate

RTP-2

15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Notícias
16.35 – Fama
(20.° episódio)
17.30 – Trinta Minutos Com...
18.00 – Aves Migratórias
«Asa Redonda»
18.30 – Estádio
19.30 – Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento
«A Náutica e os Descobrimentos»
20.00 – Notícias
20.05 – 5.ª Dimensão
(57.° episódio)
20.30 – Uma Família às Direitas
(31.° episódio)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – A Lenda de Gosta Berling
(5.° e último episódio)
22.25 – 2.ª Volta
22.50 – Benson
(6.° episódio)
23.20 – É de Ler

«A Lenda de Gosta Berling»

TERÇA-FEIRA. 30

RTP-1

10.00 – Às Dez
12.15 – Doce e Amargo
(16.° episódio)
13.00 – Jornal da Tarde
18.00 – Sumário
18.07 – Brinca Brincando
18.50 – Viva o Gordo
(2.° programa)
19.30 – Telejornal
20.00 – Boletim Meteorológico
20.10 – Viver a Vida
(30.° episódio)
20.55 – Sammy Davis Jr.
«Peace and Love»
21.55 – Dempsey e Makepeace
(8.° episódio)
22.55 – 24 Horas
23.25 – Remate

RTP-2

15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Notícias
16.35 – Fama
(21.° episódio): Doris, depois de ter ficado fechada acidentalmente numa sala escura, começa a sentir-se perturbada e a ter pesadelos. Após o tratamento a que se submete, sente-se apta a enfrentar os seus problemas. Também Dwight aprende a vencer a sua timidez com a ajuda de Holly de quem se torna amigo.
17.30 – Trinta Minutos Com...
18.00 – Aves Migratórias
«O Pombo Torquaz
18.30 – Estádio
19.30 – Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento
«Os ex-votos»
20.00 – Notícias
20.05 – 5.ª Dimensão
(58.° episódio)
20.30 – Uma Família às Direitas
(32.° episódio)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Cinemadois
«Relações de Classe»: ver destaque aos filmes da TV
23.10 – É de Ler

«Dempsey e Makepeace»

QUARTA-FEIRA. 31

«Napoli»

RTP-1

10.00 – Às Dez
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – O Vento no Salgueiro
15.00 – Circo, Circo
(2.° programa): É o espectáculo total da fantasia, da imaginação, das emoções, da poesia, enfim, que a arte representa, agora e sempre, para todas as infâncias que as nossas vidas vão atravessando.
16.30 – Skim d'Ouro
18.05 – Bailado de Peter Pan
18.20 – Sumário
18.30 – Uma Janela sobre o Mundo
19.30 – Telejornal
20.00 – Boletim Meteorológico
20.10 – Vamos Jogar no Totobola
20.20 – Viver a Vida
(31.° episódio)
21.10 – Lotação Esgotada
«Charade»: ver destaque aos filmes da TV.
23.15 – A Caminho do Minuto Zero
Inclui «No Alcazar de Paris» e «Viva a Guerra»

RTP-2

15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Notícias
16.35 – Fama
(22.° episódio)
17.30 – Trinta Minutos Com...
18.00 – Aves Migratórias
«As Ilhas da Salvação»
18.30 – Estádio
19.30 – Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascentismo
«Relações Com o Mundo»
20.00 – Notícias
20.05 – 5.ª Dimensão
(59.° episódio)
20.30 – Uma Família às Direitas
(33.° episódio)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Bailado
«Napoli»
23.10 – É de Ler

QUINTA-FEIRA. 1

«5.ª Dimensão»

RTP-1

09.00 – Eurovisão — Missa
Transmissão directa de Roma
11.30 – Brinca Brincando
12.00 – Campeonato de Dança
13.00 – Notícias
13.05 – O Circo de Amanhã
14.05 – Lisboa Capital da Paz
15.30 – Concerto St. Nicolas de Britten
16.15 – Relógio Mágico
16.45 – Walt Disney
17.35 – Concerto de Ano Novo
19.30 – Telejornal
20.00 – Mensagem de S. Ex.ª o Presidente da República
20.15 – Cinema: Um Violino no Telhado
Ver destaque aos filmes da TV.
23.30 – 24 Horas
00.00 – Remate

RTP-2

14.45 – Esqui-Saltos
15.45 – Festival de Knokke
17.50 – Circo
18.45 – Desenhos Animados
19.00 – Domingo à Tarde na Ilha de Le Grand Jatte
19.25 – Bonnard: Memórias de uma Viagem
20.00 – Notícias
20.05 – 5.ª Dimensão
(60.° episódio): Um homem e uma mulher encontram-se no meio dos destroços de uma cidade que há seis anos fora arrasada por uma bomba de hidrogéneo. São os únicos sobreviventes de uma guerra terrível.
20.30 – Uma Família às Direitas
(34° episódio)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – A Quinta do Dois
23.30 – É de ler

SEXTA-FEIRA. 2

RTP-1

10.00 – Às Dez
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Documentário
14.00 – Walt Disney
15.00 – A Família Miniver
18.00 – Sumário
18.05 – Brinca Brincando
18.50 – Desenhos Animados
19.30 – Telejornal
20.00 – Boletim Meteorológico
20.10 – Viver a Vida
(32.° episódio)
20.55 – Este é o meu País
«Mobil nos Caminhos de Portugal»
21.10 – Êxodos

RTP-2

15.00 – Agora, Escolha!
16.30 – Notícias
16.35 – Fama
(23.° episódio(
,17.30 – Trinta Minutos Com...
18.00 – Aves Migratórias
«Terras Brancas»
18.30 – Estádio
19.30 – Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento
20.00 – Notícias
20.05 – 5.ª Dimensão
(61.° episódio)
20.30 – Uma Família às Direitas
(35.° episódio)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Contraponto
22.30 – O Bravo Soldado Schweik
(8.° episódio): Schweik procura arranjar um emprego enquanto está de licença, para não viver à custa da namorada. Começa por trabalhar numa farmácia e depois vai para um cabeleireiro!
23.30 – Uma Boa Ideia
23.40 – É de Ler

«Viver a Vida»

EXPOSIÇÕES

Igreja de Santa Maria Maior

Um pequeno livro (27 páginas) do Instituto Português do Património Cultural, constituindo um guia para a Sé de Lisboa, de facto a merecer referência.

Escrito em termos simples, não esconde no entanto a complexidade da história deste notável edifício, percorrendo os séculos e analisando as sucessivas destruições, reconstruções e remodelações. Numa cuidada edição da Editorial Teorema, a chamada de atenção para a Sé que, como diz o texto, «constitui para os estudiosos uma inesgotável fonte de informações, cujo correcto e actualizado tratamento muito poderá contribuir para o desenvolvimento do saber nos campos da arte, cultura e sociedade portuguesa no tempo». «Monumento vivo», vivendo as vicissitudes dos tempos desde 1147, crescendo primeiro, sofrendo os terramotos de 1321 e 1334, o sismo de 1344 e 1755 evidentemente.

E com o correr dos tempos os gostos mudam e a Sé foi mudando. O guia para a Igreja de Santa Maria Maior vai contando como esses gostos foram ficando marcados nas pedras e vai anotando o que de melhor foi deixado. Um conjunto de fotografias de gravuras, pinturas e painéis e azulejos dão a ideia iconográfica do que a Sé foi sendo. Outro grupo de fotografias anota o que ela é hoje.

Uma boa ajuda na compreensão da Sé de Lisboa, que se pode visitar de segunda a sexta das 9 horas às 12 e das 14 às 17. Aos sábados e domingos mantém-se o horário à excepção do período da tarde que se inicia às 14.30.

Porfírio Alves Pires

● JOSÉ EDUARDO ROCHA
SNBA, R. Barata Salgueiro, 36, 14-20 excepto fer.
Arte plástica postal (até 28/12).

● JOÃO QUEIROZ
A Monumental, Campo dos Mártires da Pátria, 101, 3.ª a dom., 15-20.
Pintura (até 29/12).

● ANTÓNIO DE PORTUGAL
Palma — Galeria de Arte, Calçada da Palma de Baixo, 6, 2.ª a sáb., 14-20.
Escultura (até 30/12).

● CONSTANTIN BRANCUSI
SNBA. R. Barata Salgueiro, 36, 14-20, excepto fer.
Fotografia (até 30/12).

● COLECTIVA
Livraria Barata, Av. de Roma, 11, 2.ª a sáb., 9-23.
Banda desenhada (até 31/12).

● COLECTIVA
Fonte Nova — Galeria de Arte, Estrada de Benfica, 503.
Pintura (até 31/12).

● CRISTINA IGLÉSIAS
Galeria Cómicos, R. Tenente Raul Cascais, 1-B, 2.ª a sáb., 14-20.
Escultura (até 31/12).

● CINCO ANOS DE ARQUEOLOGIA
Galeria Almada Negreiros, Av. da República, 16.
Exposição organizada pelo IPPC (até 31/12).

● FERNANDO ANÇÃ E SILVA PEREIRA
Espaço Arte Ditec, Av. da Igreja, 46-A, 2.ª a sáb., 10-13 e 14,30-19.30.
Pintura (até 31/12).

● GORDILLO
Galeria S. Francisco, R. Ivens, 40, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19; sáb., 10-13.
Joalharia (até 31/12).

● JOÃO CUTILEIRO
Museu Nacional do Traje, Parque do Monteiro-Mor, 3.ª a dom., 10-13 e 14.30-17.
Escultura (arté 31/12).

● LUÍS MARTINHO
Instituto Franco-Português, Av. Luís Bívar, 91.
Pintura (até 31/12).

● MIRANDA JUSTO
Quadrum, R. Alberto de Oliveira, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19.
Pintura (até 31/12).

● JOÃO HOGAN
Galeria Ana Isabel, R. da Ementa, 111, 1.º, 2.ª a sáb., 14-19.
Pintura (até 31/12).

● RUI ALBURQUERQUE
Galeria de Arte do Hotel Alfa, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 2.ª a 6.ª, 10-13.30 e 15.30-19.30; sáb., 16-19.30.
Pintura (até 5/1).

● MOREIRA
Galeria Tempo, R. de S. Mamede, 2.ª a 6.ª, 16-20.
Gravura e escultura (até 7/1).

● MARIA JOAO FRANCO e NELSON DIAS
Resturante «Goodie's», R. Andrade, 18, 12-24 diariamente.
Pintura e desenho (até 9/1)

● RUI FILIPE
Galeria R75, R. Castilho, 75-C, 2.ª a sáb., 14-19.30.
Pintura (até 9/1).

● ANA SILVA E SOUSA
Galeria Novo Século, R. do Século, 23, 2.ª a sáb.14-20.
Jóias (até 10/1).

● ARTE PORTUGUESA – ANOS 80
Espaço Poligrupo – Renascença, R. Ivens, 14, 2.ª a 6.ª, 9-20; sáb.; 9-13.
Pintura e escultura (até 10/1).

● DAVID DE ALMEIDA
Galeria 111, Campo Grande, 113-A, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19.30; sáb., 10-13.
Gravura (até 12/1).

● JOSE DE SOUSA LARA
Galeria de S. Bento, R. do Machadinho, 1, 3.ª a sáb., 11-13 e 15-20.
Fotografia (até 12/1).

● ALBERTINA DE SOUSA
Clube 50, R. de S. Mamede, 9, 1.º, 3.ª a 6.ª, 17.30-20.30; sáb., 15-20.
Pintura (até 14/1).

● MANUEL ROSA
Galeria MODULO, Av. António Augusto de Aguiar, 56-5.º-Dt.º. 2.ª a sáb., 16-20.
Escultura (até 15/1).

● COLECTIVA
Hotel Diplomático, R. Castilho, 74, 3.ª a dom., 12-14.30 e 18-22.
(até 16/1)

● NADIR AFONSO
Livraria Bertrand ao Chiado.
Pintura.

DAVID DE ALMEIDA

Eis que o tema é uma ilha e tudo o que da ilha se avista. «Vamos uma vez à ilha, a primeira vez, quando se tem vinte anos», é o artista que o diz, fazendo passar por esta frase um mundo de sugestões. Imprecisa, a frase, lança-nos no correr de coisas à deriva de sensações recordadas. «Vamos uma vez à ilha, a primeira vez»... e da ilha se avista tudo, e as sugestões passam pelas gravuras nas paredes da Galeria 111. O tema é a baleia, o que foi importante para o gravador. Importante para nós é o que está gravado, do domínio da técnica, o controlo da expressão. A nossa primeira vez na ilha são estas imagens e delas sentimos essa primeria vez. São belas, belas!! São equilibradas e são dinâmicas, são altamente realistas e nada disso o são. Uma baleia pode ser isto, mas nunca foi isto concerteza. A baleia é isto na expressão de David de Almeida, e é-o em toda a verdade.

Já sabemos do que o artista é capaz. Já sabemos e já o dissemos: são matérias delicadas, desenho fino, profundidades coloridas. Mas alguma coisa de novo se passa: a dinâmica de um desenho em que as oblíquas são dominantes e imprimem impoderabilidade à composição. Para isso concorre também a sugestão de um meio líquido, configurado pela matéria que esse meio pode ter. Sobre toda a fluidez representada, onde mesmo a baleia é somente elegância, assenta a noção do instante representado, uma espécie de foto de acção, numa gravura de sensações instantâneas.

As gravuras de David de Almeida são belas, e não por defeito. São belas por veracidade filtrada quando o filtro atenua os contrastes, ilude os acidentes. Essas realidades, as ilhas da primeira vez, para o artista «se vão tornando definitivamente mulheres», muito certamente como são as mulheres antes da primeira vez.

P.A.P.

Culinária não é só tachos...

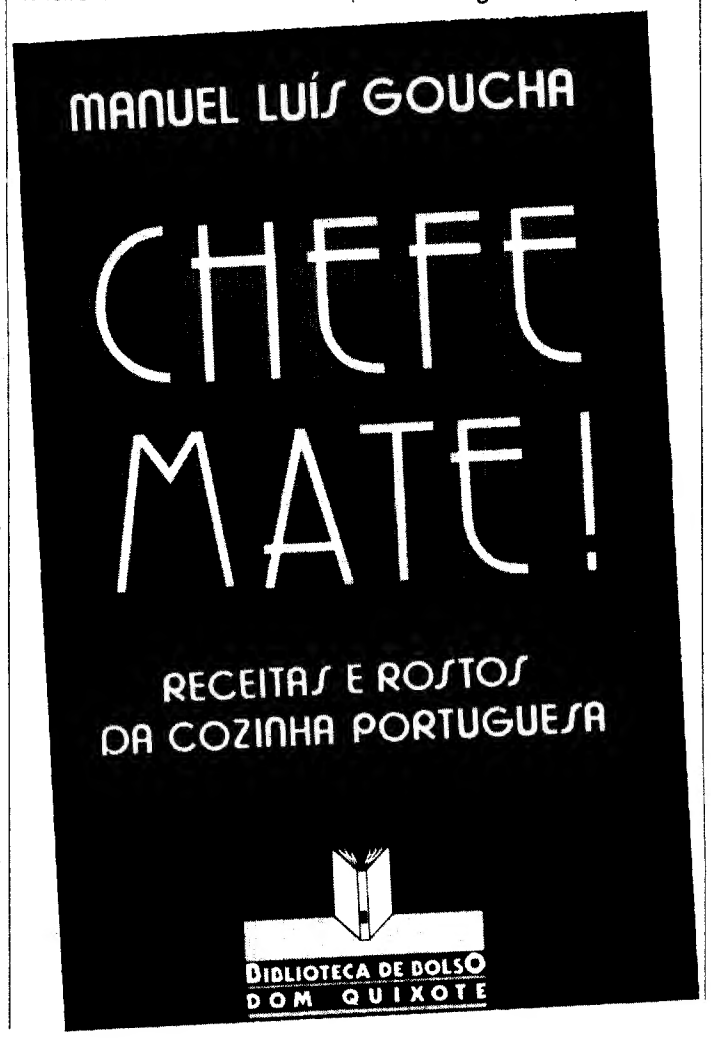
«Chefe Mate!» de Goucha no xadrez dos cozinheiros

Ora cá está um livro que não é de receitas e as tem, não é de investigação gastronómica mas reflecte a procura dos chefes retratados, não é jornalismo mas tem o pulsar de gente como é necessário para verter na linguagem de todos os dias o que são os homens e mulheres da labuta no «buraco» da cozinha.

É disso que se trata, pois. Ou seja, Manuel Luís Goucha, notabilizado por actividade diversa neste mundo da culinária/doçaria/gastronomia, deixou, a partir de certa altura, de preocupar-se apenas com o que comia, em que restaurante, a que preço. Nas suas crónicas de «O Jornal», durante semanas a fio, optou por dar o outro lado do restaurante, tirou personagens que são gente, lá do meio dos tachos, e deixou, forçou, obteve, histórias de vidas difíceis, de gente que veio do nada, infâncias desvalidas, subidas a pulso.

Assim, em «Chefe Mate!», perpassam as conversas que manteve com 28 cozinheiros de restaurantes diversos, alguns deles dos mais afamados desta capital por vezes tão pobre de bom gosto culinário. Lembra Manuel Luís Goucha que «todos tiveram infância minguada. Com sete, oito anos, já guardavam gado na imensidão das serras, com o frio a talhar-lhes as carnes secas de magras».

Dessas infâncias dolorosas vivem muitos, quase todos os relatos aqui (re)publicados, mesmo quando se chega a casa de gente fina, de senhora nada e criada pelos estoris, mas lesta no reconhecimento da «miséria engravatada». Diz, a dama: «Mas olhe, amigo que, apesar do bom nome, tínhamos já muito pouco dinheiro».



Os retratos resultantes de conversas deste tipo com homens/mulheres como estes, são necessariamente feitos a pinceladas fortes, como o chefe Álvaro Rodrigues, «homem de poucas falas e muitas vagarezas»; de António Damas, «é falar-vos de coragem e perseverança»; António Bezerras «é homem de grande mansidão e muito saber»; a António Vieira não conseguirá «julgar com o desencanto e imparcialidade que costumo impor a mim mesmo»...

Bom, como de cada conversa com chefe cozinheiro resultava a recolha de leque variado de receitas, o «Chefe Mate?» deitou corpo, também, além do paleio referido, por essa via. E o resultado aí está, com quatro entradas, nove sopas, uma pizza, 19 receitas de peixe e marisco, sete de aves e caça, 15 de carnes, 13 de bolos, tartes e tortas, e mais 11 de pudins e sobremesas.

Aliciante? Sem dúvida. E, sobretudo, diferente. Goucha recorda, à laia de intróito, uma frase de Dantas que também há uns meses repescámos nas páginas deste jornal: «Que são os cozinheiros senão poetas? Que são os cozinheiros senão admiráveis pintores de naturezas mortas?...»

Uma razão mais, afinal, para que os gastrónomos se não fiquem pelas colectâneas e recolhas de receitas. Por detrás de cada prato há com certeza muita vida vivida, muita experiência acumulada, muita sabedoria humana. Estes 28 chefes de cozinha são disso exemplo.

(Edição de Publicações «Dom Quixote», na Biblioteca de bolso).

R.V.

«O melhor vinho tem vencedores»

O Instituto da Vinha e do Vinho, organismo que substituiu, por processo de extinção, a antiga Junta Nacional dos Vinhos, já fez saber os resultados do concurso «O melhor vinho», referente à colheita do ano de 1985.

Entre os vinhos brancos, cumpre o destaque, porque obtiveram os primeiros prémios, para a Finagra, de Reguengos de Monsaraz; Herdeiros de D. Luís de Margaride, de Almeirim; Adega Cooperativa de Oura, de Chaves; Maria da Conceição Pinto de Azevedo, de Macedo de Cavaleiros; Cooperativa Agrícola do Távora, de Moimenta da Beira; e Sociedade Agrícola da Beira, da Covilhã.

Ainda no capítulo dos brancos, vêm em segundo lugar a Cooperativa do Redondo; a Agrícola do Alorna; Valter José Pereira Monteiro, do Cartaxo; Cooperativa de Macedo de Cavaleiros; António Cardoso, da Anadia; José Cardoso da Rocha, de S. Pedro do Sul; e Cooperativa de Torres Vedras.

Em matéria de tintos, o primeiro lugar foi para a Finagra; a Coopvinhal, de Alpiarça; Rio Frio; Maria Pinto de Azevedo; Sidónio de Sousa, da Anadia; Adega de Pinhel; e Carvalho Ribejro e Ferreira, de Torres Vedras.

Os segundos classificados, também nos tintos: Cooperativa de Portalegre; Companhia das Lezírias, de Benavente; António Rodrigues Tavares Júnior, do Montijo; Joaquim Ladeira Baptista, das Caldas da Rainha; Norberto Patrício Monteiro, do Cartaxo; Adega da Oura; Cooperativa de Macedo de Cavaleiros; Cooperativa de Cortes, Leiria; António Ferreira Cardoso, da Anadia; Adega de S. Romão, Armamar; Cooperativa de Figueira de Castelo Rodrigo; Cooperativa de Alcanhões; e Maria Madalena Teixeira Pinto, de Mafra.

* RESTAURANTE
* Cervejaria
* Mariscos

ESPECIALIDADES:
— AÇORDA DE MARISCO
— ENTRECOSTO FRITO À MINHOTA
— TRUTA FRITA À TRANSMONTANA

R. Marechal Saldanha, 23-25 — Telef.: 36 47 91
1200 LISBOA

PASSOS PERDIDOS
RESTAURANTE-BAR
O ESPAÇO QUE FALTAVA EM LISBOA
GERÊNCIA: ISABEL QUADROS
JOAQUIM SOLER
Rua Miguel Lupi, 2 a 10 (a S. Bento) 1200 LISBOA
RESERVAS PELO TELEF.: 66 27 43

Mundial de barmen em Itália

Lisboa já tem candidatos para a grande final de Roma

João Barradas Pires, Octávio Furtado, J. Fortunato, António Belisário e Jorge Fonseca são os «barmen» de Lisboa apurados para a fase final do VI Concurso Nacional de «Cocktails» a efectuar, em local ainda não conhecido, em Março do próximo ano. Os vencedores das «modalidades» de «short seco», «short doce» e «long drink» ficam qualificados para o Campeonato Mundial a disputar em Novembro de 1987, em Roma. A representação portuguesa estará a cargo de três «barmen» profissionais nas categorias acima referidas.

Duas dezenas e meia de «barmen» da Associação Regional de Lisboa – uma das seis que integram a Associação Portuguesa de Barmen discutiram acesamente o seu apuramento para a final.

À fase seguinte (final nacional) passaram os cinco concorrentes acima enunciados: Jorge Fonseca e A. Belisário, em «long drink» (2.° e 3.° classificados), Fortunato e Octávio Furtado, os primeiros em «short doce» e João Barradas Pires, 1.° em «short seco» e em «long drik», mas que abdicou desta última modalidade para participar apenas na final de «short seco».

Barman nas «Arcadas do Faia», João Barradas Pires, de 27 anos, sonha com a final, em Itália, na categoria de «short seco». Diz que quer ir a Roma e ver o Papa, como proverbialmente se recomenda a quem se desloca à capital italiana, o que não lhe será difícil – se de facto ficar apurado para a final. E que a final das três provas – «short doce», «short seco» e «long drink» – decorrerá em Roma e terá a bênção de Sua Santidade, na abertura, ao contrário do que a organização previa e desejava: disputar-se a bordo do «Leonardo da Vinci». O facto deste barco estar fretado, na altura, para um cruzeiro turístico, impede que a final da prova se discuta no mar...

João Barradas Pires considera que a participação dos «barmen» portugueses neste tipo de testes contribui para a sua valorização, de resto por mais de uma vez reconhecida internacionalmente. Cerca de dez anos de profissão, desde o bar do «Tivoli» – onde se estreou como «barman' – a «Viladeste», em Cascais, abriram-lhe o caminho para o Bairro Alto e para as «Arcadas do Faia», onde se sente bem. «Nem todos os patrões reagem bem a isto, esquecendo-se que uma vitória de um seu trabalhador redunda em prestígio para a casa e para o seu cofre. Aqui, felizmente, eu estou à-vontade, faço as minhas experiências, trato da minha profissão sem problemas. Ora isso ajuda muito!»

Como terá reagido o dono das «Arcadas do Faia» ao seu apuramento? João Barradas, contente, conta: «Quando entrou aqui no bar e viu todas aquelas taças, abraçou-me efusivamente. Não me perguntou, como infelizmente acontece noutros lados, quanto é que havia gasto», acrescentou,

João Barradas acha que os «barmen» portugueses têm muitas possibilidades neste tipo de actividade e, alguns deles, condições – como ele – para ir mais longe e valorizar o País neste domínio, que pesa significativamente no próprio turismo. Por isso acredita numa boa classificação dos portugueses que forem apurados para Itália, louvando o esforço que nesse sentido tem sido desenvolvido, a vários níveis, por Vítor Russo, presidente da Direcção Regional dos Barmen de Lisboa, e Antero Jacinto Correia, «barman» que tem em Portugal o apreço de toda a classe.

Foi com «Après toi», nome que outorgou ao seu composto, que João Pires ganhou a primeira prova de apuramento dos «barmen» de Lisboa, em que participaram duas dezenas e meia de concorrenres. Uma semana depois, e ainda no Hotel Penta, fechou com oiro sobre azul a sua adesão à iniciativa, ganhando o teste de «long drink». Vitorioso em duas categorias, espera, na de «short seco», viajar até Itália e disputar a final do 34.° Concurso Internacional de Barmen. Condições de trabalho (que tem) e dignificação da profissão (que defende) podem contribuir para que os «barman» portugueses continuem a participar em provas internacionais destas e a serem considerados entre os melhores - disse João Barradas ao «DL».

ABERTO DAS 00,00 às 24,00
SÁBADOS — ARROZ DE TAMBORIL C/ GAMBAS
DOMINGOS — O GRANDE COZIDO «À CURRAL»
ATENÇAO AO "REVEILLON" DO CURRAL
muitas surpresas!!
RESTAURANTE ADEGA TÍPICA "O CURRAL"
DE Carlos Gulmarães
ESTRADA DE CARNAXIDE (aos Cabos D'Ávila)
CASAL DO CANAS - ALFRAGIDE
PARQUE PRIVATIVO
☎ 90 55 78
FADOS — SEXTAS E SÁBADOS ÀS 22 HORAS

A TV começa a despertar o interesse do cinema (1)

A história de desamor entre a indústria cinematográfica televisão é quase tão antiga como a existência desta última: aproximadamente meio século. No princípio, quando os primeiros, enormes – em relação aos critérios actuais – televisores começaram a instalar-se dentro das salas de estar dos lares norte-americanos, as opiniões dividiram-se, fundamentalmente em dois pólos: o dos que afirmavam que aquele invento não tinha futuro e o dos que viram no pequeno ecrã o início do desaparecimento do grande. Ambas as opiniões, como se verificou mais tarde, estavam erradas, mas a falta de entendimento mútuo continuou.

A última etapa na evolução das acidentadas relações está na tendência, recente mas cada vez mais forte, dos estúdios cinematográfricos em investir o seu dinheiro nas aquisição de estações ou de pequenas cadeias de televisão. Como no caso de Rupert Murdoch, o «czar» mundial da informação, com a aquisição de seis estações locais, postas à venda pela cadeia Metromedia, para formar a sua própria cadeia, a Fox Broadcasting Co. Murdoch, proprietário da European Sky Channel e de uma das maiores cadeias televisivas no seu país de origem, a Austrália, aspira conseguir para a sua nova aquisição um lugar à sombra das três gigantes no sector CBS, NBC e a ABC.

As três cadeias dominaram o mercado televisivo norte-americano – assim como grande parte do estrangeiro – durante muitos anos. A mais jovem, a ABC, foi fundada em 1951.

No entanto, este virtual monopólio viu-se ameaçado durante os últimos cinco anos por fenómenos sem precedentes. Por um lado, as cadeias começaram a perder audiência. Apesar dos milhões investidos na melhoria da qualidade de oferta, as sondagens continuaram a demonstrar a crescente falta de interesse por parte do público. O fenómeno foi investigado.

Chegada do vídeo

Descobriu-se que uma das causas deste desinteresse foi a irrupção das cassetes vídeo. As pessoas continuavam a utilizar o televisor mas, – cada vez mais – para nele ver o filme em vídeo da sua eleição. Por outro lado, começaram a proliferar as estações independentes e locais de maneira nunca vista. Em pouco tempo, a perturbação causada pela perca de audiência e, consequentemente, de publicidade, forçou a mudança dos atributos na ABC e NBC e parcialmente na terceira «grande», a CBS.

Aqueles que seguiram de perto os passos de ambos os meios nas últimas décadas afirmam que os estúdios cinematográficos não tiveram a visão necessária para controlar o novo meio, coisa que teria sido possível já desde finais da década de 50. A outra grande oportunidade é mais recente: há menos de uma década, os estúdios não souberam ver o potenciaal de um novo invento, a TV por cabo. Contudo, estes últimos anos conhecem uma mudança nas atitudes tradicionais e, os principais estúdios de cinema estão a competir na aquisição de emissoras de televisão, num passo aparentemente calculado para controlar de uma maneira mais determinante a distribuição, por este meio, das suas próprias produções, sejam estas filmes ou séries televisivas.

O relativo desgaste sofrido pela indústria do cinema nos últimos tempos assim como a evidência dos enormes lucros que, durante anos e anos proporcionaram as séries com maior êxito às cadeias de produção convenceram, finalmente, os estúdios da necessidade de assentar pelo menos um pé neste novo mundo. Actualmente, e para dar um exemplo, a série da NBC, «The Bill Cosby Show», a mais popular, no género, no país, trará à produtora, dentro dos quatro ou cinco anos que se lhe dá de vida, cerca de 400 milhões de dólares adicionais, pela sua venda a emissoras independentes.

O mais popular

O êxito do citado «show», bastante insípido para outros gostos que não o norte-americano, é em boa parte reflexo da popularidade do actor que lhe dá nome, alguém enormemente popular nos Estados Unidos, que se tornou famoso há já quase duas décadas, com o seu coprotagonismo na famosa série «I, Spy». Uma recente sondagem de popularidade, a nível nacional, coloca Bill Cosby em primeiro lugar, inclusivamente muito à frente do presidente Reagan.

Poucos filmes conseguem ganhar a quantidade de dinheiro que uma série televisiva com êxito faz. Há a citar «E.T.» ou a «Guerra das Estrelas», entre os poucos exemplos existentes. E esses não acontecem todos os dias. Um número bastante mais considerável de produções cinematográficas não consegue sequer o suficiente para cobrir os gastos. É nessas alturas de «vacas magras», quando o jorro de receitas provenientes da TV que se mantém mais ou menos constante no decorrer dos anos, contra ventos e marés, pode vir bastante a propósito para tapar buracos.

As centenas, quiçá milhares, milhões de dólares realizados ao longo dos anos por séries como «Dallas» ou «Dinastia», por exemplo, parecem ser uma boa razão para esta mudança de atitude da indústria cinematográfica, em relação aos meios televisivos. O já mencionado Murdoch, que entende do assunto que estamos a tratar, afirmou que «a Televisão é hoje o novo meio de comunicação de massas. Está a apoderar-se do papel dos jornais».

VIDEO CLUB ORBI

VÍDEO CLUB ORBI

CLUBE DE VÍDEO DE SERVIÇO COMPLETO

Rua do Arco São Mamede
87 – 2.° C
1200 LISBOA
Tel. 67 27 56

• 327 filmes já em catálogo, VHS e BETA, de todos os géneros, originais, selados e legendados em português. Catálogo Mensal.

- **Mediante mero telefonema vamos a casa ou ao local de trabalho levar e buscar as videocassetes alugadas. Sem qualquer encargo, para total comodidade e economia dos nossos membros.**
- **Contacte-nos já. E pergunte-nos como pode ser isento de «jóia» de admissão.**

• Aluguer e venda de equipamentos a pronto e a prestações. Manutenções grátis. Transcrições e reportagens vídeo.